

**MAIO 2024**  
VOLUME 76, n. 1

# REVISTA TEOLÓGICA



Seminário Presbiteriano do Sul



# REVISTA TEOLÓGICA

Campinas - v.76, n.1 - maio 2024



Seminário Presbiteriano do Sul

Av. Brasil, 1200, Jardim Brasil  
Campinas - SP - 13073-148

# REVISTA TEOLÓGICA

**Editor Responsável:**

Dr. Paulo Cesar Tomaz  
(Seminário Presbiteriano do Sul)

**Conselho Editorial:**

Dr. Carl John Bosma  
(Calvin Theological Seminary, EUA)

Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa  
(Unicesumar)

Dr. João Leonel Ferreira  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie; SPS)

Dr. Jonathan Luis Hack

## Informações

A REVISTA TEOLÓGICA – é publicação semestral e oficial do Seminário Presbiteriano do Sul, conforme decisão da Junta Regional de Teologia do SPS, da Igreja Presbiteriana do Brasil. A REVISTA TEOLÓGICA tem como objetivo promover o pensamento bíblico e teológico, e ser um veículo de expressão pastoral e acadêmica.

## Submissão

A REVISTA TEOLÓGICA publica artigos em Português e Inglês. Os artigos e resenhas devem ser enviados por e-mail em arquivo de Word (.doc ou .docx), para o editor responsável, Paulo Cesar Tomaz, no e-mail: paulocesartomaz@gmail.com.

*Os textos do artigo devem ter entre 15 e 20 páginas, com entrelinha 1,5. O artigo deve ser digitado, no editor de textos Word, fonte Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado. Para as citações, serão usadas "autor, data, página" no corpo do texto. As notas de rodapé são somente explicativas. Citações com até 3 linhas devem ser incluídas no texto, entre aspas. Citações com mais de três linhas terão destaque, sendo recuadas em 4,0 cm, da esquerda para direita, com espaçamento simples e fonte tamanho 10, sem aspas. Após a entrega para avaliação não serão aceitas novas correções, no texto, por parte do autor.*



Seminário Presbiteriano do Sul

© 2024 – Seminário Presbiteriano do Sul  
ISSN: 1414-9796

Os direitos de publicação desta revista são do Seminário Presbiteriano do Sul. Os textos publicados e os pontos de vista expressos nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição do Conselho Editorial. Permite-se a reprodução desde que citada a fonte.

## Editorial

---

Caríssimos leitores,

Com grande alegria e profunda gratidão a Deus, apresentamos mais uma edição de nossa Revista Teológica. A reflexão teológica ergue-se como uma torre inabalável no panorama do desenvolvimento espiritual da comunidade cristã, proporcionando enriquecimento do conhecimento, bem como da devoção e da prática espiritual. Nesse contexto, ela não apenas nutre nossa mente com o enriquecimento do saber, mas também enche nossos corações com devoção ardente e vida de piedade.

Nesta edição, contamos com cinco preciosos artigos que nos estimulam a uma vida devocional repleta de amor e piedade cristã. Quatro artigos estão em português e um em inglês. O primeiro artigo, de Thiago Jachetto, nos estimula a revisitarmos o passado e conhecermos um pouco mais do teólogo cristão Orígenes de Alexandria (185 – 253 d.C.), pensador conhecido pelo uso exagerado do método de interpretação alegórica, mas que nutria um profundo amor pela Palavra de Deus e cria em seu poder transformador para a vida do cristão fiel. Sobre esse tema, vale a pena conhecer um pouco mais o pensamento deste conhecido teólogo da antiguidade.

O segundo artigo, de Jorge Henrique Barro, trata dos desafios e das oportunidades da secularização na evangelização urbana contemporânea, estimulando-nos a aproveitar as oportunidades de uma sociedade em transformação para anunciarmos o Reino de Deus. O terceiro artigo, de André Jorge Catalan Casagrande, nos fornece pistas de como podemos pregar a mensagem cristã, principalmente nos textos narrativos presentes nas Escrituras Sagradas, especialmente em uma sociedade habituada a ouvir e apreciar esse tipo de discurso literário.

O quarto artigo, de Cilas Fiuza Gavioli, traz uma importante reflexão sobre o serviço da igreja ao mundo, como forma de propagação da mensagem do Evangelho e como demonstração do amor de Deus aos homens, estando aí o verdadeiro sentido e expressão do diaconato. Por fim, o quinto artigo, de Natã Ventura Dutra, oferece uma importante reflexão sobre como nossas

igrejas podem melhor acolher, e assistir de forma mais eficiente, as famílias com membros portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Almejamos que os artigos contidos nesta atual publicação da Revista Teológica sirvam como ferramentas proveitosas para uma imersão enriquecedora, incitando à reflexão e ao aprofundamento tanto espiritual quanto intelectual de cada leitor. Tenham todos uma boa leitura e reflexão!

O editor.



Seminário Presbiteriano do Sul

**EDITORIAL** ..... 03

**ARTIGOS** ..... 07

**1. ORIGIN'S APPROACH TO SCRIPTURES FOR MODERN READERS**  
 Thiago Jachetto de Campos ..... 09

**2. DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA SECULARIZAÇÃO NA EVANGELIZAÇÃO URBANA CONTEMPORÂNEA**  
 Jorge Henrique Barro ..... 36

**3. PREGAÇÃO NARRATIVA**  
 André Jorge Catalan Casagrande..... 73

**4. SOMOS TODOS DIÁCONOS**  
**Um desafio à igreja como serva num mundo que desconhece o amor de Deus.**  
 Cilas Fiuza Gavioli ..... 104

**5. ABORDAGENS INTEGRADAS DA IGREJA NA ASSISTÊNCIA A FAMÍLIAS COM MEMBROS PORTADORES DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA E TEOLÓGICA.**  
 Natã Ventura Dutra ..... 141

**NOTÍCIAS INTERNAS** ..... 163



# ARTIGOS



Seminário Presbiteriano do Sul



## ORIGEN'S APPROACH TO SCRIPTURES FOR MODERN READERS

*Thiago Jachetto de Campos<sup>1</sup>*

### Summary

The field of biblical interpretation has undergone strong influences in recent centuries and has been a highly questioned field of study for conservative theologians. Faced with the interpretative movement whose center stopped being the text and became the reader, the interpretation of biblical texts, especially in academia, changed significantly. The problem is that these changes did not remain within the academy, but went beyond the academic limit and reached the church and society. Given this scenario, the analysis of the approach to Scripture by the great Christian theologian Origen of Alexandria (185 – 253 AD) will be very fruitful. Origen's interpretative work is commonly evaluated negatively. It is almost unanimous among those without a deeper knowledge of the theologian's writings the position that Origen used and abused the allegorical method of interpretation, thus distorting the correct meaning of the biblical text. It is necessary to recognize that, on some occasions, when applying this method, the Alexandrian exegete distanced himself from the original meaning of the sacred text. However, as in almost every situation in life, in Origen's case it

---

<sup>1</sup> O autor é pastor na Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera, professor no Seminário Presbiteriano do Sul e doutorando em Novo Testamento no *Puritan Reformed Theological Seminary*.

is important not to “throw the baby out with the dirty water.”

However, contrary to what many may think, the theologian of Caesarea held the Word of God in the highest regard and believed in the transformative power of this Revealed Word. Therefore, Origen's approach to the Word of God will certainly be beneficial to the modern reader.

## **Keywords**

Origen – Scripture – Approach

## **Introduction**

One of the most common pastoral concerns today regarding reading the Scripture is the aridity, lack of depth, and personal transformation in the believer's engagement with the Scriptures. This problem results from a long-time theology that weakened the role of Scripture for the readers and made them no longer approach biblical texts with the intention of meeting Jesus himself in Scripture. It is possible to trace this problem from Thomas Hobbes (1588 – 1679), and Baruch Spinoza (1632 – 1677). Related to Hobbes, Boersma observes that “having rejected the sacramental link between heaven and earth [he] turned the reading of Scripture into a purely natural exercise of historical scholarship” (BOERSMA, 2017, p. 8). Regard to Spinoza, Boersma explains:

Spinoza [...] came to reject the kind of connection between visible and invisible things that Origen had posited as real; Spinoza could no longer see the universe as sacramental. Interpretation, therefore, was no longer driven by the search for (participatory) correspondences between things that are manifest and those that are hidden. Spinoza was among the first instead to look behind the biblical text for historical origins, arriving at positions that adumbrated viewpoints commonly associated with the later higher biblical criticism of nineteenth-century German scholarship (BOERSMA, 2017, p. 9).

The conclusion is:

Both Hobbes and Spinoza recognized that there is, in fact, a close link between metaphysics and interpretations, and that treating interpretations of Scripture as a historical investigation of empirical (visible) realities by means of purely natural, rational abilities has inescapable metaphysics implications. It is only possible to pull off such a drastic restriction of interpretation to visible things by denying their sacramental connection to heavenly, invisible realities – in Hobbes’s case by excluding the latter, and in Spinoza’s case by radically immanentizing them. Put differently, modern hermeneutics in the tradition of Hobbes and Spinoza is predicated on a radical dichotomizing between visible and invisible things, between heaven and earth – or, we could also say, between nature and the supernatural ... Today’s heirs of Hobbes and Spinoza – for all their clamoring about “objectivity” – are unable to escape metaphysical assumptions when interpreting Scriptures (BOERSMA, 2017, p. 9).

Some heirs of Hobbes and Spinoza are, for example, Bultmann and his program of demythologizing the Bible, the classical liberal interpretation of the Scriptures, the *Religionsgeschichtliche Schule* and its historicist approach, and, recently, the post-colonialism interpretation. Therefore, today most believers read the Scripture influenced by such approaches to the Scriptures, without spiritual profit.

However, in Origen, as a “church man,” (BOERSMA, 2017, p. 115, 122) a dedicated pastor<sup>2</sup> and teacher,<sup>3</sup> that was seriously concerned about the spiritual growth of the believers under his care (DECHOW, 1988, p. 472), it is possible to find some very insightful ways to rediscover a transformative approach to Scripture, because he loved the Scriptures, and for him it were important, should be interiorized, and formed his thought and life (HEINE, 2019, p. 16-17). Moved by his concern, Origen was leading to the Scriptures and, consequently, he led people under his care to the Scripture to meet Christ and grow spiritually.

---

<sup>2</sup> Routley says that “Origen is never a mere don, never a dehumanized pedant. He has always an eye on the simple believer.” (ROUTLEY, 1957, p. 26).

<sup>3</sup> Whitham states that Origen was “the most gifted and remarkable man that the Church had produced since St. Paul” (WOOD, 1967, p. 37). Blackman defends that Origen is “the first of the great Biblical exegetes, basing his whole theology on the Bible” (BLACKMAN, 1957, p. 95). Chadwick says that “the text and exposition of the Bible stand at the very centre of Origen’s work” (CHADWICK, 1984, p. 71). Wood states that Origen was the first systematic theologian of the Church (WOOD, 1967, p. 38).

The current challenges can be related to the problems that Origen<sup>4</sup> faced and dealt with. In *On First Principles* 4.2.1, he introduces: “it seems necessary also to explain how certain people by failing to read or understand Scriptures correctly have given themselves up to a great many errors, since the way one ought to approach the understanding of divine letters is unknown to a great many people.” In what follows, Origen highlights the Jews’ and heretics’ errors.

On the Jews’ error, Origen explains: “They suppose that what was prophesied of Him (i.e., Jesus) should be understood according to the letter” (*On First Principles* 4.2.1). On the heretics’ errors, Origen observes:

When they read them (i.e., the Scriptures), the heretics did not dare say that they were not the Scriptures of God, but they nevertheless suppose they are that Creator God’s whom the Jews worshiped and who they think should be believed to be only just but not good. They think that the Savior came to proclaim to us a more perfect God, whom they deny to be the Creator of the world (*On First Principles* 4.2.1).

---

<sup>4</sup> It’s important to be aware about Origen’s presupposes in approaching the biblical texts. Decock points it out: “Origen lived at a time long before we became critically aware of the cultural differences between the world in which the biblical writings originated and the world of the present readers. At that time there was no vivid sense of the difference, or even tension, between what the text ‘meant’ and what it ‘means.’ For Origen, as for all his predecessors, the focus was simply on what the text ‘means.’” (DECOCK, 2011, p. 7).

Origen summarizes the reason of the errors: "... the reason those we have just mentioned have a false understanding of these matters is quite simply that they understand Scripture not according to the spiritual meaning but according to the sound of the letter" (*On First Principles* 4.2.2; TRIGG, 1983, p. 120). This is the very problem faced today by many believers in engaging with the Scriptures. Influenced by such interpretative currents that drain the power and depth of Scripture, they cannot find spiritual profit in engaging with the Word of God.

Further, Origen points out other two reasons for bad approaching to the Scriptures: "either because people bring too little zeal to the training of their minds or because they think they know before they have learned, it happens that they never begin to learn" (*On First Principles*, 4.2.2). Thus, it is possible to summarize the problems that Origen points out in the approach to Scripture as, first, the incapacity of readers to go beyond the "letter," and second, the little zeal or the presumption of knowledge of those who read the Word of God.

Therefore, based on pastoral concerns, like Origen was (BOERSMA, 2017, p. 129, 198), this paper will argue that, although some of Origen's interpretations may be strange and heterodox,<sup>5</sup> the

---

<sup>5</sup> "Our basic problem in reading Origen today is that we tend to read him in terms of the standards of scholarly exegesis" (VON BALTHASAR, 1984, p. XI).

Alexandrian exegete can help us approach and read spiritually the Scripture in order to have spiritual growth and benefit.<sup>6</sup> In order to do so, Origen's *On First Principles*, book IV, chapters one through three,<sup>7</sup> will be analyzed because, as Boersma summarizes: "Origen's *On First Principles* is intended to give pedagogical guidance on how to encourage people in their ascent to greater spiritual maturity and more in-depth reading of the Scripture" (BOERSMA, 2017, p. 22). Founded on it, although many topics could be addressed, this paper will address only three of them, which are, Origen's high view of Scripture, his approach to Scripture, and the result in the believers' lives when the first two topics are observed.

---

<sup>6</sup> Lightfoot defends that, although Origen committed mistakes, he was "a deep thinker, an accurate grammarian, a most laborious worker, and a most earnest Christian, he not only laid the foundation, but to a very great extent, built up the fabric of Biblical interpretation" (LIGHTFOOT, 1902, p. 227). Wood observes that "[T]oo often, no doubt, he overreached himself, but despite his philosophical inclinations, he constantly aimed at being a Biblical theologian. He was careful to draw a distinction between his own speculative opinions and the assured Word of Scriptures" (WOOD, 1967, p. 38).

<sup>7</sup> Lietzmann claims that *On First Principles* "was the first Christian system of theology, the first bold attempt to combine Christian pronouncements about God, the world, and man, in a closely-knit, and strictly logical system of doctrine, and it stands in majestic isolation in the history of the Early Church." (LIETZMANN, 1950, p. 301). Wood, in his turn, compares Origen's majestic work to Calvin's *Institutes*. (WOOD, 1967, p. 45). For a different opinion, see CHADWICK, 1984, p. 72.

## **1. Origen's high view of Scripture**

Origen's high view of Scripture should be the starting point here because this is the foundation of Origen's approach to God's Word. Related to it, there are at least three topics. First, for Origen, the Scriptures are the inspired Word of God. Second, even being the inspired Word of God, it is possible for the simplest one to understand and get spiritual benefit from it. Third, because the Scriptures are the inspired Word of God, and the simplest people can profitably engage with it, it is possibly a profound and personal experience with the Scriptures.

### **1.1. Scripture as inspired Word of God**

Origen states in *On First Principles*, 4.2.2 that “the sacred Scriptures were not composed by any human words but were written by the inspiration of the Holy Spirit and were also delivered and entrusted to us by the will of God the Father through His Only Begotten Son Jesus Christ.” It is very important to note that, for Origen, the Scriptures are the inspired Word of God (HEINE, 2019, p. 67), “the ultimate source of truth” (TRIGG, 1983, p. 120). The first feature of Scriptures as the inspired God's Word is the inspirational process is driven by the Triune God. The Holy Spirit inspires the biblical writers, and the Father delivers and entrusts the sacred texts to us “through” Jesus Christ. The second feature is that

Origen comprehends that all Scriptures, the Old and the New Testaments, are the inspired God's Word, as Torjensen observes: “[Origen's] argument for the divinity of the Old Testament focuses on the person of Moses,” and “his argument for the divinity of the New, on the person of Jesus” (TORJESEN, 1985, p. 17).<sup>8</sup>

Thirdly, as a church father, Origen's high view of the Scriptures is related to the fact that, for him, the Scriptures should be seen as a sacrament, and should be read accordingly (BALTHASAR, 1984, p. XIV-XV; BOERSMA, 2017, p. 1). Fourth, understanding the Scriptures as a sacrament, for Origen, the starting point of his exegesis is Christology (BOERSMA, 2017, p. 122), as clarifies De Lubac: “Christ is ... at the center of his innermost experience. It is the sound of his voice that Origen seeks everywhere in Scripture” (LUBAC, 2007, p. 221). Thus, for Origen, Christ is the center of Scriptures.

Fifth, there is a pneumatological feature in Scriptures. Torjensen, dealing with the sense and meaning of Scripture for Origen, observes that, for the Alexandrian exegete, “It is the Holy Spirit, who inspired the writers of Scriptures, who intended that they be understood spiritually and He has given the spiritual sense for the purpose of edification” (TORJESEN, 1986, p. 145). Thus, behind the

---

<sup>8</sup> Grant observes that “Origen's exegesis is based on a rigorous doctrine of verbal inspiration” (GRANT, 1957, p. 96).

inspirational process as mentioned above, there are a spiritual understood and edification. Further, she advances: “Since the goal of inspiration is the nurture of souls, the spiritual doctrines are contained in Scriptures in an order that leads from knowledge of the inferior to knowledge of the superior and eventually toward perfect knowledge of God (TORJESEN, 1986, p. 145). Also, this pneumatological feature in the Scriptures takes the readers to a superior knowledge of God.

Lastly, based on the features above, Scriptures contains spiritual teaching, as Torjesen summarizes:

This dimension of Scripture is present in every form of the inspired writings. The law contains “types” that convey spiritual teachings. In the prophets there are dark sayings hinting at a spiritual truth. In the Gospels there is the *nous Christou*, a christological mystery. In the book of Revelation there are unspeakable mysteries, and even in the epistles of Paul there are words that lead to great and lofty insights (TORJESEN, 1985, p. 19).

Thus, Torjesen’s definition on Origen’s doctrine of Scriptures is right: “Origen’s doctrine of Scripture would read as follows: Scriptures is nothing other than the teachings of Christ; the divinity of Scriptures is nothing other than the divine power and effectiveness of these teachings. The inspiration of Scripture is nothing other than the divine origin of these teachings” (TORJESEN, 1985, p. 18).

Therefore, Origen approached the Scriptures as the real inspired Word of God.

## **1.2. The possibility of the simplest to get the Scriptures**

Despite Origen's high view of the Scriptures as the inspired Word of God, for him, the simpler believers can comprehend correctly the "mysteries and types of spiritual" of the Scriptures: "Now the fact that certain mysterious dispensations are disclosed by the holy Scriptures is something everyone, I think, even the more simple believers, will admit" (*On First Principles*, 4.2.2) According to Origen, these "mysteries [do] not escape even an ordinary understanding" (*On First Principles*, 4.2.2) as well as, "forms and types of hidden and sacred matters" (*On First Principles*, 4.2.2). So, it is very interesting how, for Origen, his high view of the Scriptures is not in opposition to the possibilities of understanding the Scriptures meaning for the simplest person.

It is possible for the simplest one to understand the Scriptures because, for Origen, there is a benefice from the first level<sup>9</sup> of meaning of the Scripture: "Now the whole multitude of believers, which believes quite faithfully and simply, is a witness to what great

---

<sup>9</sup> Origen's understanding of interpretation levels of Scriptures will be described below.

profit lies in the first meaning, which I have called narrative” (*On First Principles*, 4.2.6). He develops it:

Moreover, in the legal passages of Scripture the law of truth is sown and prophesied by amazing teaching of wisdom; each one by some divine art of wisdom is woven into a kind of garment and veil for the spiritual meanings. And this is what we have called the garment of the letter itself, since it has been woven by the art of wisdom, *a great many can be edified and make progress who otherwise would be unable to do so* (*On First Principles*, 4.2.8. My highlights).

Heine, explaining Origen’s answer to Celsus, reports:

Origen replied that it was because God cares for all people, not just the educated, that he employed a style that common people could understand in Scriptures. Once they have taken their initial steps in the faith, these very people can be introduced to the doctrines hidden in Scriptures ... the perception of deeper meaning in Scripture is not dependent solely on a person’s intelligence or education, but depends on the energy and time one invests in studying Scriptures and, perhaps even more importantly, on the effort one makes to live as it teaches (HEINE, 2019, p. 71).

Thus, for Origen, the simplest people should have access to the Scriptures, as well as understand them.

### **1.3. The reader's experience with the inspired Word of God.**

The natural result of the two topics above is the experience that readers' Scriptures can have with it. Origen, highlighting the necessity of "diligence," "reverence," and "great zeal," explains the experience of the Scriptures' reader:

... if someone considers the prophetic writings with all diligence and reverence they are worth, while he reads and examines with great care, it is certain that in that very act he will be struck in his mind and senses by some more divine breath and will recognize that the books he reads have not been produced in a human way, but are words of God. And in himself he will discern that the books have been written not by human art or mortal eloquence but, if I may say so, by the elevated style of God. And so. The splendor of the coming of Christ, by illuminating the Law of Moses with the radiance of truth, removed that veil which had been placed over the letter, and laid open for all who believe in Him to good things that were hidden covered within (cf. 2 Cor. 3:15-16) (*On First Principles*, 4.6.1).

Origen quotes the prophetic writings, the Law of Moses, and Paul's letters, but this experience can be applied in all Scriptures. So, he believes that the reader "will be struck in his mind and senses," realizing that the Scriptures are God's Word. Therefore, because the Scriptures are the inspired Word of God, and can be understandable

even for the simplest one, in engaging with it the reader will be hit, and convinced that the biblical text is “words of God.”

Therefore, it is possible to conclude that, for Origen, the Scriptures are the inspired Word of God, even the simplest one can engage beneficially with it and, as a result, the Scriptures’ readers can be experienced be “struck” by it. In the face of the academic hijacking that the Scriptures have suffered throughout history, Origen’s conceptions of the Scriptures are very important, because they can be tools for current readers to get rid of aridity and lack of depth.

## **2. Origen’s approach of Scripture**

After discuss Origen’s high view of Scripture, it is important to approach how Origen understood the right way to read and interpret the Scripture. There is a classical Origen’s approach to the Scriptures in three levels (*On First Principles*, 4.2.4),<sup>10</sup> but what will be analyzed here is the way that Origen points out for approaching the Scriptures.

---

<sup>10</sup> For a very insightful explanation about Origen’s approaching to the Scriptures, see TORJESEN, 1986, p. 138-147.

## 2.1. The requirements to approach the Scriptures

As presented above, the simplest person can approach beneficially the Scriptures, but it does not mean that there are no requirements to do so. Based on Origen's *On First Principles*, it is possible to present three requirements for approaching the Scriptures. The first requirement is the personal requirements. Origen argues that,

[...] we must rely on great zeal and effort so that each reader may with all reverence understand that he is pondering words that are divine and not human and that have been sown into the holy books. Therefore, the understanding that we consider should be observed rightly and logically in interpreting the holy Scriptures is, we think, of this kind (*On First Principles*, 4.3.5).

For Origen, “great zeal,” “effort,” and “all reverence” should be applied in understanding and approaching the Scriptures as divine words and “holy books.” In doing so, the Scriptures’ reader will interpret and find what is right (*On First Principles*, 4.2.2).

The second requirement is the “rule of faith.” Origen observes that

we shall try to make clear to them what seems to us the right way of understanding Scripture, observing that rule and discipline which was delivered by Jesus Christ to the apostles and which they delivered in succession in their followers who teach the heavenly Church (*On First Principles*, 4.2.2).

This “rule” is the “rule of faith” (DECOCK, 2011, p. 3), and Daly emphasizes: “it was Origen’s ecclesiastical *rule of faith* that was decisive. This is what provided the structure and substance of his particular hermeneutical circle; this is what, in effect, determined his interpretations of the bible” (BALTHASAR, 1984, p. XVII). Boersma explains this “rule”:

That is to say, the Scriptures were linked to the liturgy and the faith of the church. We often think of biblical exegesis as lying within the purview of the academy and of liturgy as the domain of the church; not so the church fathers. For them, the way we read the Bible has everything to do with how it functions in the church ... *Lex orandi, lex credenda* is the catchphrase expressing this conviction: the rule of prayer (the liturgy) is closely linked to the rule of faith (what we believe) ... the early church’s preachers and theologians were keenly aware of the close link. It means that the exegesis of Scriptures did have concrete boundaries guidelines, and points of verification, and these were given by the church’s liturgy and confession. It is because exegesis wasn’t a self-governing endeavor but instead functioned within an ecclesial setting that no one expressed the fear that typology and allegorizing might run amok (BOERSMA, 2017, p. 83).

The third requirement is the hermeneutical rule that the Scriptures should interpret the Scriptures. Origen asserts that “we think that the way that seems to us right for understanding the Scriptures and seeking their meaning is such that we are taught what sort of understanding we should have of it by no less than Scripture itself” (*On First Principles*, 4.2.4). So, as observed by Heine, “he looked to Scripture itself for his guidelines” (HEINE, 2019, p. 74). Daly observes two benefits of it. First, he highlights that such rule keeps “the sacredness of the whole bible over against the heretics, especially the gnostics, who accepted only parts of it as inspired.” Second, “it removed much of the danger of arbitrariness from his interpretations.” His conclusion is that, “Origen’s interpretations made so much sense in the context of the whole bible is a major reason for his massive influence in the development of the golden age of patristic theology” (BALTHASAR, 1984, p. XVII).

Therefore, according to Origen, personal engagement, the “rule of faith,” and hermeneutical rule are the requirements in approaching the Scriptures.

## **2.2. The difficulties in approaching the Scriptures and its profit:**

Even obeying the requirements presented above, for Origen, there can be difficulties in the interpretation of the Scriptures and this is not a bad thing. He explains:

But if in all the parts of this garment, that is, the narrative, the logical coherence of the Law had been kept and its order pre-served, because we should have a continuous way of understanding, we should not believe that there was anything shut up within the sacred Scriptures in addition to what is disclosed on the first appearance. For this reason the divine wisdom has arranged for there to be certain stumbling blocks or interruptions of the narrative meaning, by inserting in its midst certain impossibilities and contradictions, so that the very interruption of the narrative might oppose the reader, as it were, with certain obstacles thrown in the way. By them wisdom denies a way and an access to the common understanding; and when we are shut out and hurled back, it calls us back to the beginning of another way, so that by gaining a higher and loftier road through entering a narrow footpath it may open for us the immense breadth of divine knowledge (*On First Principles*, 4.2.9).

It is very interesting how Origen understanding the difficulties in approaching the Scriptures. He teaches that these “stumbling blocks” or “interruptions” come from “divine wisdom.”

This happens because God, in his divine wisdom, wants to guide the reader behind the “common understanding,” to “the immense breadth of divine knowledge.” Related to it, Daly states that the difficulties in interpret the Scriptures should lead the one for searching “for the deeper, spiritual meaning behind these words” (BALTHASAR, 1984, p. XV). Thus, the challenges in approaching the Scriptures should be understood as God’s actions for a deeper and bigger Scriptures’ knowledge by the reader.

### **2.3. The dependency of the Holy Spirit to interpret the Scripture correctly**

Thirdly, in Origen’s approach to the Scriptures, it is needed to point out the dependency of God in doing so. Origen recognizes that, “To be able to find them (i.e., “the treasures of wisdom and knowledge”) we need the help of God, who alone can ‘break in pieces the doors of bronze’ by which they are shut up and hidden and who ‘cuts asunder the bars of iron’ (Is. 45:2)” (*On First Principles*, 4.3.11).

He highlights, especially, the Holy Spirit’s dependency. First, to comprehend that the Scriptures are not human words, but divine ones: “As well, the understanding of divine letters must be kept to that rule by which is said is judged not according to the common character of the word but according to the divinity of the Holy Spirit, who is inspired their writing” (*On First Principles*, 4.3.15). Second,

to get the truths in the Scriptures because, according to him, “the aim of the Holy Spirit is that we should understand that there have been woven into the visible narrative truths that, if pondered and understood inwardly, bring forth a law useful to men and worthy of God” (*On First Principles*, 4.3.4).

It is especially true when one faces difficulties to interpret the Scripture, because the Holy Spirit works in the midst of it, and leads the readers deeper into the text meaning, as Origen explains:

All these things, as we have said, the Holy Spirit arranged so that from them, since what first appears cannot be true or useful, we might be called back to examine the truth to be sought more deeply and to be investigated more diligently, and might seek a meaning worthy of God in the Scriptures, which we believe were inspired by God. And not only did the Holy Spirit arrange this for what had been written up to the coming of Christ, but since He is one and the same Spirit and proceeds from the one God, He likewise did the same thing also in the Gospels and the writings of the apostles. For even those accounts He inspired through them He did not weave together apart from the art of His wisdom, whose character we have already explained. Thus, even in these writings He mingled not a few things by which the order of the narrative account is interrupted or cut up so that by the impossibility He might turn and call back the mind of the reader to the examination of the inner meaning (*On First Principles*, 4.2.9).

Thus, for Origen, interpreting the Scriptures is a humble action based on dependence on the Holy Spirit.

Therefore, it is possible to conclude that Origen's approach to the Scriptures can help current readers to overcome some problems. First, his requirements can help them to overcome the mistake of interpreting the Scriptures "according to the letter" (Jews' error) and relativizing parts of Scripture, dividing them (heretics' error). Second, the benefits of difficulties in interpreting the Scriptures and the dependency on the Holy Spirit in doing it can help the current readers to overcome the lacking of zeal for the training of their minds, and the problem of the false assumption that they know before they have learned.

### **3. The consequence of Origen's approach to Scriptures**

Lastly, as the consequence of Origen's high view of the Scriptures and his approach to it, the lives of those who approach the Scriptures in Origen's way should be transformed, because for him, biblical interpretation was a "way of life" (HEINE, 2019, p. 61). Origen, as a church father, was "interested in how the biblical text can transform its readers" (BOERSMA, 2017, p. 19), "concerned with the virtuous habits of the Christian life" (BOERSMA, 2017, p. 122). Decock explains Origen's goal of transformation in readers' lives through the Scriptures:

Origen approached the Scriptures as divine instruction, that aims at the transformation of the present readers and not merely at information about the past. The purpose of reading is that readers will grow in existential wisdom. They are also enabled to progress towards a fuller understanding of the meaning of the text in their own lives to the extent that they grow in that wisdom (DECOCK, 2011, p. 3).

Thus, according to Decock, for Origen, the Scriptures aims the transformation of readers' lives, its purpose is the growth in wisdom, as the reader applies the text and its meaning to his own life. He summarizes the waited results by Origen for the Scriptures' readers: (1) moral purification, (2) recognition of the true value of everything created by God and the discovery of the infinite God, and (3) a never-ending progress in knowledge and love for God (DECOCK, 2011, p. 4).

There are some reasons for this transformation. First, because the Scriptures is the God's inspired Word, as observed by Torjesen:

...with this argument (i.e., that the Scriptures are the inspired God's Word) Origen means more than the power of certain teachings to persuade people of their truthfulness; rather, he intends the power of such teaching to persuade its hearers to change their way of life and become adherents and dedicated followers of the truth (TORJESEN, 1985, p. 17).

So, only by the fact that the Scriptures is God's Word, it can transform people. Second, as Decock explains, throughout the process of meanings, the transformation takes place: "This movement from the literal meaning to the spiritual meaning required a process of personal transformation in the reader" (DECOCK, 2011, p. 3). Thus, the engagement with the Scriptures is a way of transformation. Third, as the result of the first two reasons above, "the Scriptures [is] the Christian version of ... paideia" (DECOCK, 2011, p. 4). So, the Scriptures guides morally and ethically people, in a discipleship process. Lastly, the reading of the Scriptures transforms its readers "more and more into the likeness of God" (DECOCK, 2011, p. 1) because this is its purpose. Thus, the Scriptures, for Origen, restores the likeness of God in its readers.

Therefore, it is possible to conclude that for Origen, the Scriptures are not mere letters and information, but as Paul states, "the power of God unto salvation (transformation) everyone" (Rom. 1:17). Thus, the current problem of lacking transformation in the believers' lives will be overcome when Origen's approach the Scriptures was observed.

## **Conclusion**

In the face of our serious problems in reading and interpreting the Scriptures in a transformation way, this paper wanted to argue

that the Alexandrine exegete has very precious contributions to share with us, because, as claimed by Heine: “whoever would understand Origen must take the Bible into serious account, for it stood at the center of his work, his thought, and his entire life” (HEINE, 1997, p. 131). Therefore, although the understanding of the Scriptures is “an existential ... gradual and always imperfect understanding” (DECOCK, 2011, p. 5), for Origen, it is “a spiritual journey” (DECOCK, 2011, p. 4). In observing Origen’s high view of the Scriptures, and approaching it as he did, surely, our approach to the Scriptures will be deeper, and our lives will be transformed.

## BIBLIOGRAPHY

Balthasar, Hans Urs von (ed.). **Origen: Spirit and Fire. A Thematic Anthology of His Writings.** Translated by Robert J. Daly. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 1984.

Blackman, Edmund C. **Biblical Interpretation.** Philadelphia, PA: Westminster Press, 1957.

Boersma, Hans. **Scripture as Real Presence: Sacramental Exegesis in the Early Church.** Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2017.

Chadwick, Henry. **Early Christian Thought and the Classical Tradition.** Oxford: Clarendon Press, 1984.

Dechow, Jon F. **Dogma and Mysticism in Early Christianity: Epiphanius of Cyprus and the legacy of Origen.** Macon, GA: Mercer University Press, 1988.

Decock, Paul B. “**Origen of Alexandria: The study of the Scriptures as transformation of the readers into images of the God of love.**” HTS Teologiese Studies/Theological Studies 67, 1 (2011).

Grant, Robert M. **The Letter and the Spirit.** London: SPCK, 1957.

Heine, Ronald E. **Origen. An Introduction to his Life and Thought.** Eugene, OR: Cascade Books, 2019.

\_\_\_\_\_. “Reading the Bible with Origen.” In **The Bible in Greek Christian Antiquity**, edited by Paul M. Blowers, 131-48. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1997.

Lightfoot, J. B. **Saint Paul’s Epistle to the Galatians with introduction, notes, and dissertations.** England: Macmillan, 1902.

Lietzmann, Hans. **The Founding of the Church Universal: A History of the Early Church.** New York, NY: Scribner, 1950.

Lubac, Henri Cardinal De. **History and Spirit: The Understanding of Scripture According to Origen.** Translated by Anne Englund Mash. San Francisco, CA: Ignatius Press, 2007.

Origen. **An Exhortation to Martyrdom, Prayer, and Selected Works.** Translated by Rowan A. Greer. The Classic of Western Spirituality. New Jersey, NY: Paulist Press, 1979.

Origen. **The Song of Songs Commentary and Homilies.** Translated by R. P. Lawson. New York, NY: Newman Press, 1957.

Routley, Erik. **The Wisdom of the Fathers**. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1957.

Trigg, Joseph Wilson. **Origen: The Bible and Philosophy in the Third-Century**. Atlanta, GA: John Knox Press, 1983.

Torjesen, Karen Jo. **Hermeneutical Procedure and Theological Method in Origen's Exegesis**. Patristiche Texte Und Studien. New York, NY: De Gruyter, 1986.

\_\_\_\_\_. **“‘Body,’ ‘Soul,’ and ‘Spirit’ in Origen's Theory of Exegesis.”** Anglican Theological Review 67, no 1 (Jan 1985): 17-30.

Wood, A. Skevington. **The Principles of Biblical Interpretations. As Enunciated by Irenaeus, Origen, Augustine, Luther and Calvin**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1967.

## **RESUMO**

O campo da interpretação bíblica tem sofrido fortes influências nos últimos séculos, e tem sido um campo de estudo bem desafiador para os teólogos conservadores. Diante do movimento interpretativo cujo centro deixou de ser o texto e passou a ser o leitor, a interpretação dos textos bíblicos, especialmente na academia, mudou drasticamente. O problema é que tais mudanças não permanecem dentro da academia, mas superam o limite acadêmico e alcançam a igreja e a sociedade.

Diante deste cenário, a análise da abordagem da Escritura do grande teólogo cristão Orígenes de Alexandria (185 – 253 d.C.) será muito proveitosa. O trabalho interpretativo de Orígenes é,

comumente, avaliado de forma negativa. É quase unânime entre aqueles sem um conhecimento mais profundo dos escritos do teólogo a posição de que Orígenes usou e abusou do método de interpretação alegórico, distorcendo assim o sentido correto do texto bíblico. É necessário reconhecer que, em algumas ocasiões, ao aplicar tal método o exegeta alexandrino realmente se distanciou do sentido original do texto sagrado. Porém, como em quase toda situação na vida, no caso de Orígenes é mister não “jogar o bebê fora junto com a água suja”.

Ao contrário, porém, do que muitos possam pensar, o teólogo de Cesaréia tinha a Palavra de Deus em altíssimo conceito e cria no poder transformador desta Palavra Revelada. Por isso, a abordagem de Orígenes da Palavra de Deus certamente será benéfica ao leitor moderno.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Orígenes – Escritura – Abordagem

# DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA SECULARIZAÇÃO NA EVANGELIZAÇÃO URBANA CONTEMPORÂNEA

*Jorge Henrique Barro*<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo explora os desafios e oportunidades da secularização na evangelização urbana contemporânea. Aborda a mudança do papel da religião em ambientes urbanos modernos, onde a secularização está intensificada. Analisa características de pessoas secularizadas, como racionalismo e autonomia individual, e como isso impacta a evangelização. Discute implicações para comunidades religiosas, enfatizando a necessidade de adaptação e inovação. Propõe estratégias práticas para as igrejas responderem eficazmente à secularização em contextos urbanos, incluindo contextualização da mensagem, evangelização relacional e uso de tecnologia e mídias sociais. Conclui desafiando as igrejas a verem a secularização como oportunidade para reinventar a evangelização, promovendo um diálogo contínuo e reflexão sobre a fé em um mundo secularizado.

---

<sup>1</sup> *Jorge Henrique Barro* é doutor em Estudos Interculturais pelo Fuller Theological Seminary, Pasadena, California (EUA). Seu doutorado foi apostilado pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo/RS. É o atual Diretor Executivo Geral da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), onde também é professor de vários cursos, dentre eles no Mestrado Profissional em Teologia. É pastor presbiteriano, escritor e conferencista.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Contexto urbano; evangelização, igreja, pessoas secularizadas; secularização.

## **INTRODUÇÃO**

A secularização, um fenômeno marcado pela redução da influência religiosa na vida cotidiana, representa um desafio significativo para as práticas de evangelização, particularmente em ambientes urbanos. Este processo, intensificando-se nas cidades contemporâneas, questiona as abordagens tradicionais de evangelização e exige uma resposta adaptativa e inovadora das comunidades de fé. Em um mundo onde a urbanização continua a crescer e a presença da religião na esfera pública diminui, a relevância deste estudo é evidente. Ele não apenas aborda uma questão crucial para as comunidades religiosas, mas também para a sociedade em geral, que enfrenta as complexidades de um estilo de vida cada vez mais secularizado.

Este artigo busca explorar os desafios e oportunidades que a crescente secularização apresenta para a evangelização no contexto urbano. Nosso objetivo é fornecer uma análise crítica das dinâmicas atuais da secularização e seu impacto sobre as práticas de evangelização, com foco particular nas respostas e inovações necessárias para a igreja. A investigação se estende para além da identificação dos desafios impostos pela secularização; ela visa

também descobrir e analisar as oportunidades emergentes que este contexto pode oferecer para a renovação e eficácia da evangelização.

Por meio de uma abordagem que integra análise teórica e estudos de caso práticos, procuramos contribuir para um entendimento mais profundo de como as igrejas protestantes, em particular, podem adaptar suas práticas evangelísticas para se comunicar eficazmente em ambientes urbanos cada vez mais secularizados. A relevância deste estudo é destacada pela necessidade de as igrejas compreenderem e se adaptarem a essas transformações, não apenas para manter sua relevância, mas também para atuar de forma eficaz na evangelização contemporânea. A pesquisa é guiada pela seguinte questão central: De que maneira as igrejas protestantes podem inovar e adaptar suas estratégias de evangelização em resposta aos desafios da secularização nas cidades modernas? A busca por respostas a esta pergunta é vital, fornecendo insights necessários não apenas para o discurso teológico prático, mas também para a ação pastoral efetiva em contextos urbanos.

## **1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA SECULARIZAÇÃO EM AMBIENTES URBANOS**

A secularização representa um dos fenômenos mais transformadores associados à modernidade, caracterizando-se pela progressiva perda de influência da religião nas esferas públicas e

privadas da vida. Essa transformação, longe de ser um simples declínio na crença religiosa, é mais abrangente, afetando como as sociedades compreendem e interagem com o sagrado e o transcendental. Isso está em sintonia com a definição de secularização por Peter Berger (1985, p. 119), que secularização “é o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.

A noção de secularização acompanha a ideia de uma modernidade que constrói sua autonomia em relação à religião, a qual deixa de ser a instância ordenadora do social e passa a se circunscrever no âmbito do privado, da subjetividade individual, perdendo ou diminuindo, assim, seu poder e sua importância simbólica na sociedade. Ou seja, segundo a definição do sociólogo britânico Bryan Wilson, secularização é um “processo pelo qual o pensamento, práticas e instituições religiosas perdem seu significado para a operação do sistema social” (WILSON, 1998, p. 49).

No coração da secularização está a mudança de uma sociedade onde a religião é uma estrutura central e inquestionável para uma em que a religião se torna uma entre várias opções disponíveis, e frequentemente, não a dominante. Esse processo é frequentemente acompanhado por uma crescente ênfase na racionalidade científica, autonomia individual e uma visão de mundo mais pragmática e materialista.

O sociólogo alemão Max Weber foi um dos primeiros a analisar profundamente este fenômeno, descrevendo a modernidade como caracterizada pelo *desencantamento do mundo*. Segundo Weber, a modernidade substituiu a mágica e o misticismo, característicos do pensamento religioso tradicional, por uma abordagem mais desencantada e burocrática da vida. Neste contexto, o papel da religião e sua influência na vida diária dos indivíduos são redefinidos. Nas palavras de Weber, “o desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação” (WEBER, 2004, p. 106). Ou seja, da desmagificação, que para Weber trata-se da perda de sentido.

Este processo de secularização não ocorre uniformemente em todas as sociedades ou contextos. Nas cidades, particularmente, a secularização tende a ser mais pronunciada, devido à maior diversidade cultural, interações sociais complexas e um ritmo de vida que prioriza a eficiência e a praticidade. A urbanização, que frequentemente acompanha a modernização, contribui para este cenário, criando espaços onde a religião é apenas um dos vários componentes que moldam a identidade e o comportamento das pessoas.

Assim, a secularização em contextos urbanos modernos apresenta desafios e oportunidades únicas para as comunidades religiosas. Ela desafia a Igreja a repensar e reavaliar sua abordagem à fé, à adoração e à comunidade, ao mesmo tempo que oferece a

oportunidade de reimaginar a presença e o impacto da religião na sociedade contemporânea.

Essa transformação no tecido das cidades modernas, onde a influência da religião está se tornando cada vez mais difusa e contestada, implica uma necessidade urgente de repensar as estratégias de evangelização. As igrejas, ao enfrentarem esse cenário de secularização crescente, são compelidas a buscar abordagens inovadoras e contextuais para se conectar de maneira efetiva com uma população urbana diversificada e em constante mudança. O entendimento aprofundado dessa secularização urbana é, portanto, essencial para formular métodos de evangelização que sejam não apenas relevantes, mas também ressonantes com as experiências e expectativas do público urbano contemporâneo.

## **2. MAPEANDO AS CARACTERÍSTICAS DE PESSOAS SECULARIZADAS**

Descrever as características de pessoas secularizadas é uma tarefa complexa, pois a secularização pode manifestar-se de diversas formas e cada indivíduo pode vivenciar essa secularização de maneira própria e única. No entanto, há algumas características gerais, evitando sempre a generalização, que são frequentemente associadas a pessoas que vivem em sociedades secularizadas,

especialmente em ambientes urbanos. Algumas dessas características podem ser:

**2.1. Visão de mundo racionalista:** Indivíduos com uma visão de mundo racionalista tendem a confiar na lógica e no método científico como as principais ferramentas para compreender a realidade. Eles valorizam a evidência empírica e são céticos quanto a crenças baseadas em tradição ou fé sem fundamento racional. Essa abordagem frequentemente leva a uma postura questionadora e uma disposição para mudar de opinião com base em novas informações ou evidências. Pessoas com uma visão de mundo racionalista valorizam a lógica e a evidência científica. Na evangelização, é importante apresentar uma fé que não contradiga a razão e que possa dialogar com questões científicas e filosóficas. Utilizar uma abordagem mais lógica (“estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir *razão* [λόγος – logos] da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor” - 1 Pe 3:1-16) pode ser eficaz ao secularizados, demonstrando como a fé cristã pode coexistir com um entendimento racional do mundo, de que “crer é também pensar”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Título do livro de Stott, John. *Crer é Também Pensar*. Viçosa: Editora Ultimato, 2012.

*Impacto na evangelização:* Ao lidar com indivíduos de visão de mundo racionalista, é crucial que a evangelização englobe argumentos lógicos e evidências. Para essas pessoas, o uso da razão e o diálogo para refletir a fé, pode ser particularmente eficaz nesse contexto.

**2.2. *Autonomia individual:*** Essas pessoas colocam um alto valor na liberdade individual e na autodeterminação. Elas acreditam no direito de escolher seu próprio caminho na vida, incluindo suas crenças espirituais e religiosas, sem a influência de autoridades externas, como igrejas ou líderes religiosos. A autonomia pessoal também se estende a outras áreas da vida, como carreira, relacionamentos e escolhas de estilo de vida.

*Impacto na evangelização:* O respeito pela autonomia individual implica em abordagens evangelísticas que levam em consideração as escolhas pessoais, mas sem comprometer o evangelho, e a jornada individual de fé, evitando qualquer forma de coerção ou imposição religiosa. Paulo demonstrou essa sensibilidade cultural que mesmo diante escárnio dos filósofos epicureus e estóicos, quando disseram: “A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. *A essa altura, Paulo se retirou do meio deles.* Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o

areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais” (At 17:33-34).

Esses indivíduos valorizam a liberdade de escolha e a autodeterminação. Estratégias de evangelização devem respeitar essa autonomia, oferecendo espaço para questionamentos e descobertas pessoais, em vez de impor crenças ou doutrinas.

**2.3. *Relativismo moral e ético:*** O relativismo moral e ético reflete a ideia de que os padrões de certo e errado são subjetivos e podem variar entre diferentes culturas ou contextos sociais. Essas pessoas podem resistir à ideia de normas morais universais impostas por autoridades religiosas, preferindo abordagens éticas mais flexíveis que consideram as circunstâncias individuais e as nuances de situações específicas. Em um contexto de relativismo, é importante destacar os aspectos universais e atemporais da mensagem cristã. Mostrar como os ensinamentos bíblicos podem fornecer uma base moral sólida e significativa pode ser uma abordagem eficaz.

*Impacto na evangelização:* Diante do relativismo, a evangelização pode se concentrar em como a fé cristã oferece uma base moral e ética consistente, abordando questões de justiça, amor e verdade de forma atraente e convincente.

**2.4. Ceticismo em relação a instituições religiosas:** Esse ceticismo pode ser motivado por diversos fatores, como escândalos envolvendo líderes religiosos, percepção de hipocrisia nas instituições religiosas, ou discordância com certos ensinamentos ou práticas. Pessoas secularizadas muitas vezes veem as instituições religiosas como desalinhadas com os valores modernos de igualdade, liberdade e justiça. Demonstrar como a fé pode ser vivida fora das estruturas tradicionais da igreja pode ajudar a superar barreiras.

*Impacto na evangelização:* A evangelização deve enfatizar o relacionamento pessoal com Deus e os aspectos práticos-sociais da fé, em vez de se concentrar excessivamente na instituição religiosa/igreja.

**2.5. Foco no presente:** A ênfase no presente significa uma preocupação maior com *o aqui e agora*, em vez de promessas de uma vida após a morte ou recompensas e castigos espirituais. Isso se reflete em um enfoque em alcançar a felicidade, a realização e o bem-estar nesta vida, buscando a satisfação em atividades, relacionamentos e realizações terrenas. Aqui a evangelização deve mostrar como a fé cristã é relevante e enriquecedora para a vida presente, e não apenas para a promessa de uma vida após a morte. Enfatizar o aspecto comunitário, o suporte emocional e as práticas espirituais que melhoram a qualidade de vida atual pode ser atraente.

*Impacto na evangelização:* A evangelização eficaz nesse contexto deve realçar como a fé cristã melhora a qualidade de vida no presente, abordando as preocupações atuais e oferecendo uma comunidade de suporte, pertencimento e esperança.

**2.6. Interesse em espiritualidade alternativa:** Enquanto se afastam das religiões organizadas, algumas pessoas secularizadas ainda buscam um sentido de conexão espiritual ou transcendência. Elas podem se voltar para práticas como meditação, mindfulness, astrologia, ou explorar filosofias espirituais orientais, buscando experiências que ofereçam um senso de paz, propósito ou conexão com algo maior, que transcende. Para pessoas atraídas por espiritualidades alternativas, é útil destacar alguns dos aspectos místicos e contemplativos do cristianismo. Práticas como a oração contemplativa, a leitura meditativa da Bíblia (*lectio divina*) e a ênfase na experiência pessoal com o Deus podem ser pontos de conexão.

*Impacto na evangelização:* Isso abre uma oportunidade para apresentar aspectos do cristianismo que ressoam com práticas (disciplinas) espirituais, como a meditação e a contemplação, destacando a riqueza espiritual e a profundidade da fé cristã.

**2.7. Valorização da ciência e da tecnologia:** A confiança na ciência e na tecnologia vai além do apreço por seus avanços práticos; também inclui uma crença na capacidade humana de resolver problemas e melhorar a condição humana através da inovação. Isso pode levar a uma visão otimista sobre o futuro e um ceticismo em relação a visões de mundo que rejeitam ou minimizam o papel da ciência. Ao evangelizar, é fundamental mostrar que a fé cristã não é incompatível com a ciência e a tecnologia. Refletir as contribuições históricas dos cristãos para a ciência e como a fé pode coexistir com um entendimento científico do mundo pode ser uma abordagem eficaz.

*Impacto na evangelização:* A evangelização neste contexto deve dialogar com a ciência, mostrando como fé e ciência podem coexistir e enriquecer-se mutuamente.

**2.8. Engajamento em causas sociais e ambientais:** O compromisso com causas sociais e ambientais reflete uma preocupação com o bem-estar coletivo e a responsabilidade social. Pessoas secularizadas podem se envolver ativamente em questões como mudança climática, direitos humanos e justiça social e racial, vendo a ação ética e social como fundamental para a construção de um mundo melhor. Conecte a mensagem do Evangelho com ações práticas de

justiça social e cuidado ambiental. Mostrar como a fé cristã motiva e sustenta o trabalho em prol da justiça e da criação humana e não-humana pode ser uma forma poderosa de evangelização.

*Impacto na evangelização:* Integrar a fé com a ação social e ambiental pode ser uma forma poderosa de evangelização para mostrar como a fé cristã se traduz em ação prática e cuidado com o próximo e o planeta, que não se trata de uma fé isolada e alienada, alojada nos templos, mas que se importa com as questões prementes da vida humana e não-humana.

**2.9. Priorização da ética sobre a doutrina:** Raramente pessoas secularizadas estão abertas para aderir sistemas doutrinários religiosos. Antes, tendem mais para priorizar princípios éticos universais. Elas buscam orientações éticas baseadas em conceitos de justiça, compaixão e igualdade, aplicando estes princípios de maneira prática e cotidiana em suas decisões e ações.

*Impacto na evangelização:* A abordagem evangelística deve enfatizar como os ensinamentos éticos do cristianismo são relevantes e aplicáveis à vida diária, promovendo uma fé que é vivida na prática e não apenas teórica.

### 3. SECULARIZAÇÃO NAS CIDADES

As cidades, com sua complexidade e pluralidade, oferecem um terreno fértil para o desenvolvimento de um *ethos secular*, onde as práticas religiosas tradicionais enfrentam desafios crescentes. A manifestação da secularização em ambientes urbanos é um fenômeno complexo e multifacetado, característico das sociedades contemporâneas. As cidades, com sua densidade populacional, diversidade cultural e ritmo acelerado, tornam-se epicentros dessa transformação, onde a influência da religião na vida pública e privada é notavelmente reduzida.

Dentre os muito *fatores* da aceleração da secularização nas cidades, destacamos:

**3.1. *Diversidade cultural e o pluralismo.*** Um dos fatores centrais que impulsionam a secularização nas cidades é a *diversidade cultural e o pluralismo*. As cidades são, por sua natureza, caldeirões de diversidade cultural. Por exemplo, em metrópoles como Nova York ou Londres, a coexistência de inúmeras culturas e religiões é um aspecto diário da vida urbana. Essa diversidade, embora enriqueça o tecido social, também promove um ambiente onde a religião é apenas uma das muitas identidades e sistemas de crenças presentes. Em consequência, há uma tendência natural para a relativização das crenças e práticas religiosas. Em cidades cosmopolitas as pessoas tendem a ser mais abertas a diferentes

visões de mundo, o que pode levar a uma abordagem mais flexível ou até indiferente em relação à religião. As metrópoles globais são pontos de encontro de uma vasta gama de crenças, valores e estilos de vida. Essa diversidade, enquanto enriquece o tecido social, também promove um ambiente onde a religião é apenas uma dentre as muitas identidades e sistemas de crenças presentes. Em consequência, há uma tendência natural para a relativização das crenças e práticas religiosas.

As grandes cidades do Brasil são marcadas por uma rica diversidade cultural. Essa pluralidade promove um ambiente onde a religião é apenas uma das muitas identidades e sistemas de crenças. A exposição a diferentes crenças e estilos de vida pode levar a uma abordagem mais flexível em relação à religião.

**3.2. O ritmo de vida urbano.** Além disso, o ritmo de vida urbano, que frequentemente prioriza eficiência, produtividade e pragmatismo, tende a marginalizar aspectos da vida que são considerados menos utilitários, incluindo práticas religiosas tradicionais. Por exemplo, em cidades com economias aceleradas e onde o tempo é um recurso escasso, atividades religiosas podem ser vistas como menos prioritárias.

O estilo de vida acelerado nas áreas urbanas influencia a participação nas atividades religiosas. Com horários de trabalho

extensivos e uma variedade de demandas cotidianas, a prática religiosa pode ser vista como menos prioritária, refletindo uma tendência de diminuição na frequência religiosa. Um exemplo disso é que em várias cidades do Brasil os cultos nos domingos à noite estão esvaziando e em muitas igrejas já não são mais ofertados.

**3.3. Racionalidade científica e o materialismo.** A urbanização também traz consigo uma ênfase crescente na racionalidade científica e no materialismo. Em cidades onde a tecnologia e a ciência são vistas como principais impulsionadores do progresso e do bem-estar, a religião pode ser vista como menos relevante ou até mesmo em oposição aos valores urbanos modernos. Por exemplo, em centros tecnológicos como o Vale do Silício (Califórnia, EUA), a confiança nas soluções tecnológicas e científicas é alta, e as explicações e consolações oferecidas pela religião podem ser vistas como menos cruciais. Este fenômeno é evidenciado pela crescente confiança nas soluções tecnológicas e científicas para os problemas da vida, em detrimento das explicações e consolações oferecidas pela religião, promovendo uma visão de mundo onde a religião ocupa um papel menos central.

**3.4. Mudança nos padrões sociais e familiares:** As cidades frequentemente apresentam padrões de vida e arranjos familiares que

diferem das configurações tradicionais mais comuns, como por exemplo em áreas rurais. Nas cidades, os padrões tradicionais de vida e arranjos familiares estão mudando constantemente e forma acelerada. Por exemplo, em muitas áreas urbanas, há uma tendência crescente de viver sozinho ou em arranjos de vida não tradicionais, o que pode enfraquecer as redes de relações que sustentam as práticas religiosas tradicionais. Basta notar a quantidade de construções de prédios para públicos que desejam viver sozinhos, com apartamentos bem menores. Há uma tendência maior para estilos de vida individualistas e menos centrados na família, o que pode enfraquecer as redes de relações que tradicionalmente sustentam as práticas religiosas. Além disso, as pressões sociais e econômicas nas áreas urbanas podem levar a um estilo de vida mais secular, onde as prioridades se concentram em questões imediatas e pragmáticas, relegando as práticas religiosas a um papel secundário.

As transformações nos padrões de vida e arranjos familiares nas cidades brasileiras impactam a forma como as pessoas se relacionam com a religião. A individualização e a mudança nos papéis familiares podem influenciar a participação religiosa.

**3.5. *Influência dos meios de comunicação e tecnologia:*** A tecnologia e os meios de comunicação desempenham um papel crucial na modelagem das percepções e do comportamento das pessoas nas cidades. A exposição constante a uma ampla gama de

ideologias, estilos de vida e sistemas de crenças através da mídia e da internet pode diluir a influência da religião tradicional. Por exemplo, o uso generalizado de redes sociais e plataformas online em áreas urbanas oferece uma miríade de visões de mundo, que podem competir com ou mesmo substituir as narrativas religiosas. A prevalência de uma cultura digital, centrada na gratificação imediata e na constante busca por novidades, pode reduzir o interesse e a participação em práticas religiosas mais contemplativas e baseadas na comunidade.

O impacto crescente da tecnologia e dos meios de comunicação modifica a percepção e o comportamento das pessoas em relação à religião. O acesso a uma ampla variedade de informações e visões de mundo pode enfraquecer a influência da religião tradicional.

Esses fatores adicionais, junto com a diversidade cultural, o ritmo acelerado de vida e a ênfase na racionalidade científica, formam um conjunto de influências que impulsionam a secularização nas cidades. Este ambiente complexo, refletindo as estruturas dinâmicas e em constante mudança das cidades modernas, apresenta desafios únicos para as comunidades religiosas. Para manter sua relevância e eficácia, as igrejas e comunidades de fé devem buscar formas inovadoras de se adaptar e responder a este cenário cada vez mais secularizado.

À medida que esses diversos fatores de secularização ganham força em ambientes urbanos, as comunidades religiosas se deparam com desafios inéditos e complexos. A crescente pluralidade cultural, o ritmo acelerado da vida urbana, a ênfase na racionalidade científica e o advento de novas estruturas sociais e familiares requerem uma reavaliação profunda das abordagens tradicionais de evangelização. As igrejas, ao se confrontarem com estas realidades urbanas em transformação, são desafiadas a encontrar novos meios de comunicar sua mensagem de forma relevante e atraente. Esta necessidade de adaptação e inovação na evangelização frente à secularização urbana é o foco da próxima seção, onde exploraremos as implicações dessas mudanças para as comunidades religiosas e como elas podem responder eficazmente a esse novo contexto.

#### **4. IMPLICAÇÕES PARA AS COMUNIDADES DE FÉ**

A secularização em ambientes urbanos acarreta diversas implicações significativas para as comunidades religiosas, afetando a forma como interagem com a sociedade e mantêm sua estrutura interna. Essas são algumas dessas implicações:

**4.4. *Diminuição da participação religiosa:*** Um dos impactos mais evidentes da secularização é a redução na participação regular nas atividades religiosas. Esse fenômeno, particularmente acentuado em áreas urbanas, reflete uma combinação de fatores, como a

competição com outras atividades de lazer e uma crescente percepção de que a religião pode ser menos relevante na vida cotidiana.

**4.5. *Desafios na transmissão da fé:*** As comunidades religiosas enfrentam o desafio de manter suas crenças e práticas relevantes para as gerações mais jovens, especialmente em um ambiente urbano diversificado e exposto a várias ideologias. Esse cenário pode resultar em um conhecimento mais superficial das tradições religiosas, levando à erosão da identidade religiosa ao longo do tempo. Como exemplo disso, observe esses dados:

Nas pesquisas Datafolha para Rio de Janeiro e São Paulo, o crescimento dos brasileiros que se dizem “sem religião” é ainda mais marcante, particularmente entre os jovens. Em São Paulo, os jovens de 16 a 24 anos que se dizem sem religião chegam a 30% dos entrevistados, superando evangélicos (27%), católicos (24%) e outras religiões (19%). No Rio, os sem religião nessa faixa etária chegam a 34%, também acima de evangélicos (32%), católicos (17%) e demais religiões (17%) (Carrança, 2022).

**4.6. *Mudança na percepção social da religião:*** Em ambientes urbanos secularizados, as comunidades religiosas podem ser percebidas como menos influentes ou até mesmo irrelevantes para

os desafios sociais contemporâneos. Isso influencia a representação das religiões na mídia, na educação e nas políticas públicas, resultando em um espaço público cada vez mais secularizado.

**4.7. *Necessidade de adaptação e inovação:*** Diante desses desafios, é imprescindível que as comunidades religiosas busquem adaptar-se e inovar. Isso envolve a reformulação de métodos de ensino e práticas religiosas, buscando um maior envolvimento com questões sociais e comunitárias e utilizando tecnologia e mídia para alcançar uma audiência mais ampla e variada.

**4.8. *Enfrentando o pluralismo religioso:*** O aumento do pluralismo religioso em ambientes urbanos representa um desafio adicional, exigindo que as comunidades religiosas naveguem em um espaço onde sua visão de mundo é uma entre muitas e não a única, na cosmovisão do secularizado. Isso requer uma abordagem que promova o diálogo e a tolerância, mantendo ao mesmo tempo a autenticidade e integridade de suas tradições.

Ao enfrentar esses desafios, as comunidades religiosas são chamadas a reavaliar suas estratégias e abordagens, buscando formas de manter sua relevância e eficácia em um mundo em rápida mudança. A próxima seção explora algumas possibilidades sobre

como as igrejas podem responder a esses desafios, especialmente no que diz respeito à evangelização.

## **5. RESPOSTA DAS IGREJAS À SECULARIZAÇÃO COM FOCO NA EVANGELIZAÇÃO**

Em face dos desafios impostos pela secularização, especialmente em ambientes urbanos, as igrejas são chamadas a responder de maneiras inovadoras e adaptativas. Esta resposta, difícil e complexa, não é apenas uma questão de sobrevivência, mas uma oportunidade de reimaginar a presença e a missão da igreja no mundo contemporâneo. É uma questão importante que questiona a pertinência e relevância da igreja para as pessoas e sociedade hoje.

Destacamos algumas respostas das igrejas à secularização com foco na evangelização, e também algumas sugestões práticas que fornecem diretrizes tangíveis para que as igrejas possam efetivamente responder aos desafios da secularização em contextos urbanos, com foco em uma evangelização relevante e adaptativa. Essas ideias podem ser personalizadas para atender às necessidades e contextos específicos de diferentes congregações e comunidades urbanas. Não se trata de respostas de evangelização generalizada, mas sim para *pessoas secularizadas*.

**5.1. Contextualização da mensagem:** Uma das chaves para uma evangelização eficaz em ambientes urbanos secularizados reside na capacidade de contextualizar a mensagem cristã. Isso envolve entender as questões, desafios e a linguagem do público urbano moderno. As igrejas podem desenvolver mensagens que abordem preocupações contemporâneas como justiça social, ética no trabalho, sustentabilidade, e desafios familiares e pessoais, ligando estas questões aos ensinamentos bíblicos. A contextualização também significa usar plataformas e formatos que se alinhem com as preferências comunicacionais do público-alvo, como mídias sociais, blogs e vídeos. Um dos grandes desafios aqui é rever o chamado *evangeliquês*. As pessoas secularizadas simplesmente não conhecem e não entendem conceitos complexos, tais como: justificação, expiação, santificação, escatologia, trindade e tantos outros. Não se trata de abrir desses conceitos, mas sim em como comunicá-los de tal modo que possa ser contextualizado aos secularizados. Nossa linguagem pode nos afastar das pessoas. Esse é o ponto. O que pode ser feito?

- *Workshops de narração de histórias:* Realizar workshops para líderes e membros sobre como contar histórias bíblicas de maneira que se conectem com as experiências urbanas contemporâneas.
- *Séries de mensagens temáticas:* Criar séries de sermões ou estudos bíblicos que abordem diretamente questões

urbanas, como estresse no trabalho, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, e justiça social.

**5.2. *Evangelização relacional e pessoal:*** A ênfase em um modelo relacional e pessoal de evangelização representa uma mudança dos métodos tradicionais para um foco em construir relacionamentos genuínos e duradouros. É urgente mudar a mentalidade de evangelização por meio de eventos para relacionamentos. Os secularizados raramente vão cruzar as portas da igreja. É necessário encontrá-los onde eles estão e isso não será possível sem construção de relacionamentos. Ninguém entrará em prédio ou condomínio fechado sem uma ponte relacional. Isso inclui encontros em pequenos grupos, reuniões em cafés ou parques, e atividades comunitárias que permitem interações mais profundas. Estas configurações oferecem oportunidades para discussões significativas sobre fé, permitindo que as pessoas vejam o cristianismo em ação através da vida dos discípulos de Jesus. Para isso,

- *Crie grupos de interesse comum:* Formar pequenos grupos baseados em interesses comuns (como fotografia, esportes, culinária) para criar comunidades menores dentro da igreja onde as pessoas podem se conectar de forma mais pessoal. Isso são pontes!

- *Encontros de bairro*: Organizar encontros casuais em bairros diferentes, permitindo que os membros da igreja se encontrem com vizinhos e discutam questões de fé de forma informal.

**5.3. *Uso de tecnologia e mídias sociais***: A tecnologia moderna e as mídias sociais são ferramentas indispensáveis na evangelização urbana contemporânea. Igrejas podem criar conteúdo digital como vídeos inspiradores, podcasts que abordam questões de fé no cotidiano, e blogs que oferecem reflexões bíblicas sobre questões atuais. Além disso, as plataformas de mídia social podem ser usadas para iniciar conversas, compartilhar testemunhos pessoais e criar uma comunidade online onde as pessoas se sentem acolhidas e engajadas, por meio de:

- *Campanhas de mídia social*: Lançar campanhas temáticas nas mídias sociais que encorajem a interação e o compartilhamento de experiências pessoais relacionadas à fé.
- *Aplicativos de igreja*: Desenvolver um aplicativo da igreja para oferecer recursos como devocionais diários, podcasts e transmissões ao vivo de cultos.

**5.4. *Evangelização integrada ao serviço comunitário***: Ao integrar a evangelização com o serviço comunitário, as igrejas demonstram o

amor de Cristo de maneira tangível. Projetos como bancos de alimentos, serviços de aconselhamento, programas de apoio a sem-teto, e iniciativas de educação podem servir como pontos de contato para a evangelização. Essas ações mostram como a fé cristã se preocupa com o bem-estar integral das pessoas, abrindo portas para diálogos espirituais, por meio de:

- *Projetos de serviço de impacto*: Iniciar projetos de serviço comunitário, como reformas em escolas locais ou programas de alimentação para sem-tetos, que também incluam momentos de reflexão espiritual e discussão.
- *Parcerias com organizações locais*: Colaborar com organizações não-religiosas em iniciativas de bem-estar comunitário, estabelecendo uma presença positiva da igreja na comunidade.

**5.5. Parcerias com organizações locais**: Estabelecer parcerias com escolas, ONGs, empresas e outras instituições locais pode aumentar a eficácia da evangelização. Essas parcerias-pontes podem levar a projetos conjuntos que beneficiam a comunidade e criam oportunidades para compartilhar a fé. Além disso, tais colaborações podem ajudar a igreja a entender melhor as necessidades específicas da comunidade urbana e a responder de maneira mais eficaz. Ou seja, agindo assim, as pessoas/igrejas são vistas como amigas da

sociedade, que oferece em vez de pedir para elas mesmas. Por exemplo:

- *Eventos comunitários conjuntos*: Organizar eventos em parceria com escolas, bibliotecas e centros comunitários, como feiras de saúde, workshops educacionais e eventos culturais.
- *Programas de mentoria*: Criar programas de mentoria em parceria com empresas locais, oferecendo orientação profissional e pessoal com uma perspectiva cristã.

**5.6. Formação e capacitação de líderes e membros**: Investir na formação e capacitação de líderes e membros da igreja é fundamental para uma evangelização eficaz. Isso inclui treinamentos sobre como comunicar a fé de forma clara e relevante, entender e respeitar diferentes pontos de vista culturais e religiosos, e desenvolver habilidades em aconselhamento e apoio pastoral. Além disso, a formação deve incluir uma compreensão profunda das Escrituras e uma habilidade para aplicar seus ensinamentos a questões contemporâneas, por meio de:

- *Cursos de capacitação*: Oferecer cursos sobre comunicação eficaz, e compreensão cultural para preparar membros e líderes para interagir de maneira respeitosa e informada com a comunidade.

- *Grupos de estudo de caso*: Organizar grupos de estudo de caso em que membros e líderes possam aprender uns com os outros sobre experiências bem-sucedidas de evangelização e serviço comunitário.

Além dessas possibilidades, George Hunter III, um especialista em evangelização de pessoas secularizadas, indica alguns caminhos práticos para a evangelização entre pessoas secularizadas. Em seu livro *How to Reach Secular People (Como Alcançar Pessoas Secularizadas)* George G. Hunter informa os pastores que o Ocidente cristão (Cristandade) está perdido. Declarou que a Modernidade estava esgotada. O livro ofereceu esperança ao desafiar e traçar o perfil de pessoas seculares, oferecendo ideias úteis sobre como comunicar com elas, descrevendo como as comunidades de fé e os cristãos poderiam alcançá-los. Aqui estão algumas 10 estratégias e abordagens que poderiam ser exploradas para a evangelização de pessoas secularizadas, conforme descritas por George Hunter em seu livro (1992, p. 55-72):

1. *Escuta ativa*: Antes de estarem prontas para ouvir o evangelho, as pessoas precisam expressar sentimentos que impedem a recepção dessa mensagem. A escuta ativa permite que elas se sintam ouvidas, criando um ambiente propício para o diálogo.

2. *Engajamento em terreno neutro*: O primeiro contato não deve ser na igreja, mas em um local neutro ou no território da pessoa. Isso ajuda a estabelecer um terreno comum e uma sensação de conforto.
3. *Fornecer espaços seguros para questionamentos*: Crie ambientes onde as pessoas se sintam seguras para expressar suas dúvidas e questionamentos sem julgamento. Grupos de discussão e fóruns abertos podem ser particularmente eficazes. Aborde as pessoas como amigas e aliadas, não como adversários *a serem conquistados*. Atue mais como um consultor ajudando as pessoas a encontrar a fé, e não como um vendedor persuasivo.
4. *Diálogo em vez de monólogo*: Entenda que a fé é mais contagiante do que ensinada. O envolvimento significativo permite que as pessoas descubram a fé por si mesmas, em vez de apenas receberem comunicação unilateral. Promova conversas ao invés de pregações unilaterais. Esteja aberto para ouvir e entender as perspectivas das pessoas, abordando suas dúvidas e questionamentos com respeito e consideração.
5. *Responder às questões e necessidades*: Comece abordando as perguntas, necessidades não atendidas e as motivações das pessoas. Não imponha conceitos teológicos antes de serem solicitados e reconheça onde as pessoas estão em sua jornada.

6. *Comunicação cumulativa*: A mensagem cristã deve ser transmitida ao longo do tempo, não tentando comunicar toda a riqueza do evangelho de uma só vez.
7. *Personalização da mensagem*: Fale com indivíduos, abordando a relevância pessoal do evangelho. Não se trata de evangelização em massa. Cada pessoa é única e deve ser tratada como tal.
8. *Sem pressão para decisão*: Evite pressionar por uma decisão imediata. Permita que as pessoas processem e reflitam sobre a mensagem em seu próprio tempo.
9. *Valor da comunicação indireta*: Utilize jogos de palavras, provérbios e máximas. Essas formas indiretas de comunicação podem ser poderosas e atraentes.
10. *Contar histórias*: Comunique a mensagem do Evangelho de maneira que ressoe com o público secular por meio de histórias, parábolas e metáforas que são ferramentas poderosas para transmitir verdades espirituais de maneiras que são mais facilmente compreendidas e relacionáveis. Deixe que a pessoa descubra o ponto das histórias por si mesmas. As pessoas podem resistir a instruções bíblicas diretas, então usar narrativas permite que elas explorem e descubram a fé de uma maneira mais aberta.

As abordagens de Hunter destacam a importância da escuta ativa, do engajamento em terrenos neutros e da construção de relações amigáveis com os indivíduos. Ele sugere evitar pressões por decisões imediatas e utilizar a narrativa e a comunicação indireta como ferramentas eficazes. Estas estratégias ressaltam a importância de entender e respeitar a jornada individual de cada pessoa no contexto secular.

Além das abordagens de Hunter, outras estratégias podem ser implementadas pelas igrejas para uma evangelização eficaz, tais como estabelecer relações autênticas, encontrar terreno comum, focar na experiência pessoal, aplicar a fé à vida cotidiana, promover a espiritualidade prática e respeitar a jornada individual. Essas diretrizes oferecem uma abordagem sensível e respeitosa para compartilhar o evangelho, ressaltando a importância de entender e respeitar a jornada individual de cada pessoa no contexto secular, por meio de:

1. *Estabelecer relações autênticas*: Construir relacionamentos genuínos com pessoas secularizadas, mostrando interesse sincero em suas vidas e experiências, é fundamental para estabelecer uma base de confiança e abertura.
2. *Encontrar terreno comum*: Identificar interesses e valores comuns pode criar pontes de diálogo. Temas como ética, justiça social e busca por significado são pontos de conexão relevantes.

3. *Serviço e ação social*: A participação ativa em atividades de serviço comunitário e projetos de justiça social demonstra o amor cristão na prática e estabelece a relevância da igreja na comunidade.
4. *Foco na experiência pessoal*: Compartilhar testemunhos e experiências de fé autênticas pode ser mais impactante do que argumentações teológicas abstratas, especialmente para aqueles que buscam conexões pessoais e reais.
5. *Aplicar a fé à vida cotidiana*: Mostrar como a fé cristã influencia as decisões, a ética e as relações interpessoais no dia a dia pode tornar a mensagem do Evangelho mais relevante para a realidade urbana contemporânea.
6. *Promover a espiritualidade prática*: Oferecer práticas espirituais que possam ser integradas na vida cotidiana, como a meditação, a oração contemplativa e o estudo bíblico reflexivo, pode atrair aqueles que buscam uma espiritualidade mais prática e vivencial.
7. *Respeitar a jornada individual*: Reconhecer que cada pessoa está em sua própria jornada espiritual é essencial. Respeitar o tempo e o processo de cada um na exploração da fé é crucial para uma abordagem respeitosa e eficaz.

Estas possibilidades baseiam-se em princípios gerais de evangelização em contextos seculares urbanos e precisam de

adaptações e aplicações de acordo com as realidades, necessidades e situações específicas.

## CONCLUSÃO

À beira do vasto oceano da secularização, as igrejas enfrentam uma escolha fundamental: *ver as ondas crescentes como uma ameaça iminente, ou como um convite para navegar em novos mares de oportunidades*. É tentador encarar a secularização como *um inimigo a ser combatido*, uma força que ameaça erodir as fundações da fé. Contudo, essa perspectiva de *trincheira*, repleta de resistência e crítica, é um caminho que leva ainda mais à alienação e estagnação dos participantes, e não à transformação.

Em vez de erguer muros, as igrejas são chamadas *a construir pontes*. Pontes que se estendem para os corações e mentes de um mundo diversificado e em constante evolução. A secularização não deve ser vista apenas como uma ameaça, mas como um campo fértil para a inovação e a criatividade, um palco para a igreja reinventar sua missão e reafirmar sua relevância. Não adianta ficar afirmando “que o mundo inteiro jaz no Maligno” porque “sabemos que somos de Deus” (1 Jo 5:19). É melhor nos convenceremos de que Deus “*deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade*” (1 Tim 2:4). Se este é o desejo de Deus a consciência de Paulo nos é necessária: “Para isto fui designado

*pregador e apóstolo* (afirmo a verdade, não minto), *mestre dos gentios na fé e na verdade*” (1 Tim 2:7).

Nesta era de mudanças rápidas e incertezas, a igreja tem a oportunidade única de se transformar em um *farol de esperança* e uma *fonte de inspiração*. Em vez de se aferrar ao passado e seu rígido tradicionalismo, é hora de abraçar o presente com todas as suas complexidades e possibilidades. A verdadeira força da igreja não reside na sua capacidade de resistir à mudança, mas na sua habilidade de se adaptar, evoluir e prosperar em meio às ondas da secularização.

Portanto, que a igreja veja na secularização não um gigante a ser derrotado, mas um convite para se reinventar ao ritmo dos tempos modernos. Que ela se abra para a beleza da diversidade, a sabedoria do diálogo e a força da empatia. Assim, ao invés de se entrincheirar em dogmas e críticas, a igreja pode se lançar audaciosamente na jornada de se tornar um farol de luz, amor e verdade em um mundo sedento por orientação e significado. Que as águas da secularização sejam navegadas não com medo, mas com fé, esperança e uma visão renovada de possibilidades e oportunidades.

À medida que finalizamos nossa jornada por este estudo sobre *os desafios e oportunidades da secularização na evangelização urbana contemporânea*, emerge um cenário complexo, mas cheio de possibilidades. Vimos como a secularização, especialmente em ambientes urbanos, está

remodelando não apenas as práticas religiosas, mas também a forma como as pessoas interagem com a fé. Este artigo não foi apenas um exercício de análise teórica; ele buscou trazer à tona estratégias práticas e adaptativas que as igrejas podem empregar para se conectar de maneira significativa com um público cada vez mais diversificado e secularizado.

Por meio da contextualização da secularização em ambientes urbanos, mapeando as características de pessoas secularizadas, e explorando as implicações para as comunidades religiosas, este estudo realçou a necessidade urgente de uma abordagem inovadora na evangelização. As respostas das igrejas à secularização, focadas na evangelização, destacam a importância de se adaptar e se reinventar frente aos desafios emergentes.

Este estudo não é o ponto final, mas sim um convite ao diálogo contínuo e à reflexão. É um chamado para as igrejas e comunidades de fé reavaliarem suas estratégias, repensarem sua missão e reimaginarem sua presença no mundo moderno. As igrejas são desafiadas a não somente reconhecer a mudança no panorama religioso e cultural, mas também a serem *agentes proativos de mudança*, usando as oportunidades apresentadas pela secularização para revitalizar a evangelização e torná-la mais relevante e ressonante no cenário urbano contemporâneo.

Para os leitores, o desafio é duplo: *primeiro*, entender e internalizar as nuances da secularização e seu impacto na sociedade

e na prática religiosa; e *segundo*, aplicar este entendimento na formulação de respostas concretas e eficazes às questões levantadas pela secularização. É um convite para sair das zonas de conforto teológico e prático, explorando novas abordagens e possibilidades na missão de levar a mensagem cristã a um mundo em constante transformação.

Este artigo, portanto, é apenas o início de uma conversa mais ampla, um estímulo para um envolvimento mais profundo e criativo com os desafios da secularização. Encorajamos os leitores a continuar explorando, questionando e inovando na maneira como vivem e compartilham sua fé em um mundo urbano, diversificado e cada vez mais secularizado. Que este estudo sirva como um farol, iluminando o caminho para uma evangelização mais efetiva e relevante na era contemporânea urbana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CARRANÇA, Thais. Jovens “sem religião” superam católicos e evangélicos em SP e Rio. São Paulo: BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acessado em 05MAR2024.

HUNTER, George G. **How to reach secular people**. Nashville: Editora Abingdon Press, 1992.

STOTT, John. **Crer é também pensar**. Viçosa: Editora Ultimato, 2012.

WILSON, Bryan. The secularization thesis: Criticisms and rebuttals. In: Rudy LAERMANS, Bryan WILSON and Jaak BILLIET. **Secularization and social integration**. Papers in Honor of Karel Dobbelaere. Leuven. Leuven University Press, 1998:45-65.

## **ABSTRACT**

This article examines the challenges and opportunities of secularization in contemporary urban evangelism. It addresses the changing role of religion in modern urban settings, where secularization is intensified. The study analyzes the characteristics of secularized individuals, such as rationalism and individual autonomy, and their impact on evangelization. It discusses the implications for religious communities, emphasizing the need for adaptation and innovation. The paper proposes practical strategies for churches to effectively respond to secularization in urban contexts, including contextualizing the message, relational evangelism, and leveraging technology and social media. It concludes by challenging churches to view secularization as an opportunity to reinvent evangelism, promoting ongoing dialogue and reflection on faith in a secularized world.

## **KEYWORDS**

Church, evangelization; secularization; secularized people, urban context.

## PREGAÇÃO NARRATIVA

*André Jorge Catalan Casagrande<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

As narrativas, desde sempre, encantaram a humanidade. Ante um mundo saturado por narrativas, as prédicas se deparam com um enorme desafio: cativar a atenção de ouvintes afeitos a *storytellings*, telenovelas e séries provenientes das plataformas de *streaming*. A competição seria desleal, não fosse a Bíblia, primordialmente, um livro composto por narrativas. De modo que, em nossa compreensão, a melhor maneira de nos comunicarmos com uma sociedade em que imperam narrativas é nos valendo das narrativas bíblicas. Este artigo propõe que nos debruçemos sobre as narrativas do Antigo Testamento para a construção de sermões narrativos ou em primeira pessoa. O intuito é a expansão dos horizontes homiléticos para além dos textos neotestamentários. Utilizaremos como base teórico-metodológica os estudos referentes a análise literária da Bíblia, bem como o método homilético proposto pelo teólogo norte-americano J. Kent Edwards.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Homilética, narrativas bíblicas, sermão em primeira pessoa.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Ciências da Religião pela mesma instituição, bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (1999-2002). Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil em Porecatu-PR.

## Introdução

O maior passatempo dos brasileiros, até bem pouco tempo, eram as telenovelas. Conheci pessoas para quem elas eram sagradas. Em hipótese alguma saiam da frente da televisão enquanto a novela estivesse no ar. Nunca perdiam um capítulo sequer. Hoje, as coisas mudaram. As séries das plataformas de *streaming* têm ganhado cada dia mais espaço no Brasil e no mundo. Além de serem hipnotizantes, elas podem ser vistas a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer lugar, e a partir dos mais diversos suportes, tais como televisores, celulares, *tablets*, *notebooks* etc.

*La casa de papel*, seriado espanhol, tornou-se um dos maiores acontecimentos mundiais:

O fenômeno da *Netflix* que coloca 8 ladrões dentro da Casa da Moeda da Espanha se tornou o primeiro sucesso mundial da *Netflix* em língua não inglesa. Seu sucesso foi tanto que os macacões vermelhos e as máscaras de Dalí dos ladrões da série, assim como a música italiana "*Bella Ciao*", viralizaram no mundo todo, se tornando temas de manifestações e festas a fantasia. A *Netflix* da Espanha revelou que a quinta temporada de '*La Casa de Papel*' superou o próprio recorde de audiência e foi assistida por 69 milhões de contas nas quatro primeiras semanas. A quarta temporada, por sua vez, foi vista por 65 milhões de contas na mesma quantidade de tempo. A série é uma das mais famosas de todos os tempos e foi finalizada! (GONÇALVES, 2023).

Os seriados prendem tanto a atenção dos telespectadores que muitos passam noites em claro a fim de concluir todos os episódios e todas as temporadas no menor prazo de tempo possível. Por que as pessoas gastam tanto tempo em frente à TV assistindo séries, filmes e telenovelas? Por que os serviços de *streaming* fazem tanto sucesso? A resposta é simples: por causa das narrativas. As pessoas adoram uma boa história.

Ante um mundo saturado por narrativas, os pregadores se deparam com um enorme desafio: cativar a atenção de ouvintes afeiçoados às inúmeras séries e filmes das plataformas de *streaming*. A competição seria desleal, não fosse a Bíblia, primordialmente, um livro composto por narrativas. De modo que, a melhor maneira de um pastor se comunicar com uma sociedade envolta em narrativas é, sem dúvida, valendo-se de uma das muitas histórias narradas nas Sagradas Escrituras. No entanto, ainda que o gênero literário narrativo predomine na Bíblia, a maioria dos pregadores costumam evitá-lo por causa do desconforto exegético, hermenêutico e homilético frente ao texto narrativo.

O intuito deste artigo é, portanto, expandir o horizonte homilético dos pregadores a fim de que ele abarque também as narrativas bíblicas. A homilética, retórica sagrada, é a disciplina teológica que auxilia na preparação de pregações bem estruturadas, articuladas, contextualizadas e dinâmicas. De certa forma, todas as cátedras do curso teológico convergem para o púlpito, uma vez que

uma das mais árduas e importantes tarefas do ministério pastoral é a preparação semanal de sermões. O grande problema é que os pastores, em sua maioria, não foram preparados para pregar sermões a partir dos textos narrativos da Bíblia. Isto ocorre, porque os cursos teológicos, ao menos em território tupiniquim, persistem em uma escola homilética tradicional que classifica as pregações em expositivas, doutrinárias, tópicas e textuais. A pretensão deste modesto artigo, que o leitor tem em mãos, é assinalar uma nova possibilidade de abordagem homilética aos púlpitos brasileiros: a da pregação narrativa.

Jesus, nosso maior exemplo homilético, pregava por meio de narrativas. Frei Betto, teólogo brasileiro, brinca que os evangelhos foram escritos em Minas Gerais: “[Eles] Não contém uma única aula de teologia ou doutrina, são cheios de *causos* chamados parábolas” (BETTO, 2017, p. 12). A teologia do Antigo Testamento, por sua vez, vem embalada em narrativas sobre homens, mulheres, reis, profetas etc. No entanto, elas parecem não servir aos adultos, senão, somente, às crianças. Dificilmente as vemos em nossos púlpitos.

O enfoque do presente artigo recairá sobre a pregação de textos narrativos, bem como sobre a pregação de sermões em primeira pessoa. Abordaremos a fundamentação exegética e homilética para o preparo de um sermão narrativo. Forneceremos um breve exemplo de sermão em primeira pessoa de um passo das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento. Nosso objetivo é

repensar a homilética a fim de que os pregadores alcancem e impactem os ouvintes do século XXI.

### **Pregando a partir de textos narrativos**

De maneira geral, os pregadores evitam os textos narrativos, principalmente, os do Antigo Testamento. J. Kent Edwards, catedrático de homilética na *Biola University*, afirma que a maioria dos pastores preferem pregar apenas o Novo Testamento por se sentirem mais confortáveis:

A maior parte de nós aprendeu a pregar as epístolas do Novo Testamento quando estava no seminário, apenas as epístolas. Hoje, sentimo-nos à vontade para criar esboços mecânicos a partir de Romanos 5, mas não sabemos bem o que fazer com outros gêneros. Os nossos horizontes homiléticos têm de se alargar até incluírem as narrativas das Escrituras (EDWARDS, 2005, p. 14, tradução nossa).

Por esse ponto de vista, um pastor que saiba manejar eximamente um texto do Novo Testamento a fim de dar-lhe um corpo homilético, pode ser péssimo pregando as narrativas do Antigo Testamento. O que significa dizer que alguém pode se sair muito bem pregando a partir das epístolas paulinas, mas pode se dar muito mal expondo a narrativa de Sansão, por exemplo.

Até porque, uma coisa é contar as histórias do herói danita para as crianças de nossas igrejas, outra, bem diferente, é pregar um sermão sobre um dos mais improváveis personagens do Antigo Testamento. Como afirmo em meu livro *Sansão na ótica da literatura*: “Uma coisa é contar as façanhas de Sansão para uma criança, tornando-o um espécie de super-herói bíblico. Outra, completamente diferente, é interpretar e inserir a narrativa sansoniana no contexto da história de Israel e dos planos divinos” (CASAGRANDE, 2021, p. 14). Mais difícil ainda é aplicar a mensagem de Sansão ao homem contemporâneo, seguindo as regras da boa hermenêutica. Se bem que poderíamos, neste caso específico, construir uma ponte tipológica entre Sansão e Jesus. Segundo Frye, estudioso da Bíblia como literatura, os acontecimentos do Antigo Testamento são tipos, isto é, rascunhos ou esboços antecipadores de coisas que ocorrerão no Novo Testamento (FRYE, 2004, p. 108). Dessa forma, recorreremos novamente a Casagrande:

O que nos interessa para fins de uma interpretação tipológica é o fato de que Sansão veio ao mundo com a missão de libertar os israelitas das mãos dos filisteus. De modo similar, Cristo também se enquadra na figura do herói como redentor do mundo. No entanto, diferentemente de Sansão, que visa uma libertação meramente política (ainda que inconclusa), na ótica do Novo Testamento a redenção ocasionada por Cristo na cruz é de cunho espiritual e definitiva. Além disso, o juiz israelita dá sua própria vida a fim de cumprir sua missão. Cristo também o faz. Ambos

pagam um preço alto para se tornarem redentores do mundo: um soterrado no templo de Dagom, o outro na cruz do Calvário. Sem contar que o filho de Manoá foi traído por Dalila, a quem ele amava, por mil e cem ciclos de pratas de cada um dos príncipes dos filisteus. O filho do carpinteiro foi traído por Judas, um dos discípulos de seu círculo mais íntimo, por trinta moedas de prata. Não podemos nos esquecer que Sansão se tornou motivo de escárnio por parte dos filisteus, além de ter tido seus olhos furados. Cristo, por sua vez, foi escarnecido pelos soldados romanos e, enquanto pendurado na cruz, teve um dos lados de seu corpo perfurado por uma lança. Como se não bastassem as similaridades anteriormente pontuadas, ambos são oriundos de localidades insignificantes. Sansão era de Dã, a mais pobre e desprezada de todas as tribos de Israel. Jesus, de Nazaré, a favela do mundo (CASAGRANDE, 2016, p. 71).

Um sermão narrativo sobre Sansão, por exemplo, poderia ser concluído de maneira cristológica por meio da correlação tipológica existente entre Cristo e Sansão conforme mostra o excerto acima.

### **O sermão narrativo como possibilidade homilética**

O pregador deve sempre procurar o melhor meio para se comunicar com os seus contemporâneos. Essa deve ser uma de suas principais preocupações. A mensagem precisa alcançar os ouvintes. Diferentemente de séculos anteriores, em que não havia, por exemplo, a concorrência dos aparelhos eletrônicos, na contemporaneidade está cada vez mais difícil competir com eles e

prender a atenção do público. Sobre isso, mais uma vez recorremos a Kent Edwards:

Se quisermos ser tão eficazes como Lutero e Spurgeon foram nas suas gerações, temos de ser tão contemporâneos como eles foram. Para causar o máximo impacto em nossa sociedade, temos de comunicar as Escrituras de forma que as pessoas possam ouvir e responder melhor (EDWARDS, 2005, p.15, tradução nossa).

No livro *Effective first-person biblical preaching*, Kent Edwards propõe a pregação de sermões em primeira pessoa. Esse tipo de sermão funcionaria como uma espécie de monólogo. Poderia, inclusive, confundir-se com uma peça teatral, com um texto dramático ou algo parecido.

Não seria, no entanto, tal tipo de peça homilética puro entretenimento? A resposta é negativa. Assim como existem filmes extremamente educativos, que nos fazem ponderar sobre a nossa realidade existencial, existem também sermões em primeira pessoa que podem abordar temáticas da relação entre o homem e Deus por meio da dramatização, enriquecendo sobremaneira os púlpitos brasileiros. A respeito da comunicação do pregador com uma sociedade envolta em narrativas, Kent Edwards diz o seguinte:

A melhor maneira de nos comunicarmos com uma sociedade que adora histórias é com histórias. A melhor maneira de pregar a esta sociedade é utilizando as histórias das Escrituras. Ainda bem que Deus usa muitas. As narrativas são o gênero

predominante na Bíblia. Para sermos fiéis à Palavra e eficazes para a nossa cultura, temos de aprender a pregar as histórias das Escrituras. Os sermões em primeira pessoa são uma excelente forma de comunicar a literatura narrativa à uma sociedade narrativa (EDWARDS, 2005, p. 15, tradução nossa)

Para a preparação de um sermão em primeira pessoa, o pregador, além de reescrever o texto narrativo da Bíblia como se fosse um roteirista de cinema, um dramaturgo ou um ficcionista, ainda tem de atuar como um personagem na hora da pregação.

Sem perder a profundidade exegética necessária para a construção de um sermão convencional<sup>2</sup>, o sermão narrativo ou em primeira pessoa pode carregar uma dramaticidade muito mais envolvente, desembocando em uma profundidade ainda maior do que a de um sermão convencional. O Antigo Testamento (bem como o Novo) estão repletos de histórias magníficas e de personagens cativantes. São narrativas carregadas de emoção e vitalidade. Para se ter uma ideia da maestria das narrativas bíblicas, basta ponderarmos sobre o que foi dito por Jorge Luis Borges, afamado escritor argentino, para quem o Evangelho está entre as três maiores histórias da humanidade (MILES, 2002, p. 81).

Em outro livro, *Deep Preaching* (cujo título traduzido para o português seria *Pregando com profundidade*), Kent Edwards conta sobre o tédio que sentiu ao assistir o filme *Jurassic Park 3*. Segundo

---

<sup>2</sup> Em contraposição ao sermão narrativo usarei o termo convencional para me referir aos sermões que estamos acostumados a ouvir.

ele, a previsibilidade do enredo fez com que tivesse dificuldades para se manter acordado. Mesmo assim, assistiu não apenas o filme como também o bônus que veio agregado a ele, o qual relatava os bastidores da produção. Ao saber que os produtores do filme gastaram milhões de dólares para construir um dinossauro hidráulico gigante, extremamente realista, somente para este filme, o professor de homilética se questionou: “Como é que um pregador pode competir com isto? Se até os filmes de segunda categoria recebem milhões de dólares em efeitos especiais, como os pregadores podem cativar a atenção do seu público?” (EDWARDS, 2009, posição kindle 204, tradução nossa).

Algumas páginas a frente, ele continua apresentando a mesma preocupação que tem observado até então: “Devemos partir do princípio de que cada pessoa que vem nos ouvir pregar passou a sua semana exposta ao melhor entretenimento multimídia que a nossa sociedade tem para oferecer. E que isso se tornou a sua referência de normalidade” (EDWARDS, 2009, posição kindle 218, tradução nossa).

Se nunca foi fácil ocupar o púlpito, parece ter ficado ainda mais difícil nos dias de hoje.

## **O sermão narrativo versus o sermão expositivo**

A meu ver, a pregação expositiva tem por objetivo expor uma determinada perícopes das Sagradas Escrituras. O pregador deveria, portanto, em uma pregação expositiva, ater-se ao texto lido, bem como à sua perícopes anterior e posterior.

A pregação narrativa propõe, como afirma sua própria nomenclatura, uma pregação embasada em perícopes narrativas das Escrituras. Os quatro capítulos de Juízes a respeito de Sansão (Jz 13-16), por exemplo, servem muito bem para ilustrarmos essa questão. Poderíamos extrair desses capítulos uma série de mensagens a respeito do juiz danita. Tais textos narrativos, por sua vez, surgem em um determinado contexto. Sobre esse ponto, Edwards faz a seguinte observação: “Não se pode compreender o texto a não ser que se compreenda o seu contexto. [...] Para comunicar fielmente uma narrativa bíblica, é preciso compreender o livro de onde ela provém. Tire um tempo para perguntar: Qual é o contexto maior da sua história?” (EDWARDS, 2005, p. 34, tradução nossa). Devemos nos perguntar também como a história em apreço (a perícopes em destaque) contribui para o objetivo de todo o livro.

Haveria, portanto, algum tipo de conflito entre o sermão expositivo e o sermão narrativo? Penso que não. Hernandes Dias Lopes, no livro *Pregação Expositiva*, fornece a seguinte definição sobre a pregação expositiva:

“[...] independentemente do estilo – tópica, textual ou *lectio continua* -, a pregação pode ter caráter expositivo desde que tenha o compromisso de explicar o texto da Escritura, segundo o seu significado histórico, contextual, e interpretativo, transmitindo aos ouvintes contemporâneos a clara mensagem da Palavra de Deus com aplicação pertinente” (LOPES, 2022, p. 20).

Na continuidade, Hernandes diz ser possível classificar as pregações expositivas como: “pregação expositiva textual, pregação expositiva tópica e pregação expositiva *lectio continua*” (LOPES, 2022, p. 21). Para ele, para ser expositiva basta que a pregação seja bíblica, isto é, respalde-se na Bíblia como um todo.

Todo sermão narrativo carece, obrigatoriamente, ser extraído de uma perícopes da Escritura. Se assim não for, a narrativa, por si só, acaba ficando sem pé nem cabeça. Por esse motivo, entendemos que todo sermão narrativo é expositivo, uma vez que visa explicar um texto bíblico dentro de seu contexto histórico, contextual, cultural e interpretativo, aplicando-o de maneira clara aos expectadores contemporâneos. Mais uma vez recorremos a Edwards:

O principal objetivo de um pregador é comunicar e aplicar a ideia principal pretendida pelo autor original de uma unidade da Escritura. A boa pregação não se baseia numa ideia original. Ela se esforça para dizer a uma audiência contemporânea o que o autor original do texto bíblico disse à audiência original. (EDWARDS, 2005, p. 20)

Edwards faz referência a uma unidade da Escritura, a qual nós temos feito (denominando-a perícopes). Além disso, deve-se, na pregação em primeira pessoa, olhar para o todo da narrativa e não apenas para uma parte.

Steven Mathelwson inicia o livro *The art of preaching Old Testament Narrative (A arte de pregar as narrativas do Antigo Testamento)* falando sobre a importância da pregação expositiva das narrativas veterotestamentárias. Sobre isso, ele diz o seguinte:

Estou escrevendo, principalmente, para pregadores que estão empenhados na pregação expositiva. Quero ajudá-los a fazerem a exposição da literatura narrativa do Antigo Testamento. Por "pregação expositiva", refiro-me à pregação que expõe o significado de um texto da Escritura e aplica esse significado à vida dos ouvintes (MATHELWSON, 2002, n.p., tradução nossa).

Destarte, fica claro que pregar as narrativas das Escrituras é, obrigatoriamente, pregar sermões expositivos. Além disso, pregar em primeira pessoa é, de igual modo, expor uma narrativa da Bíblia.

### **A inspiração canônica também perpassa os gêneros textuais**

A Confissão de Fé de Westminster em seu primeiro capítulo “Da Escritura Sagrada” afirma que: “Sob o nome Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Velho e do Novo Testamento, que são os seguintes, todos dados por

inspiração de Deus para serem regra de fé e de prática” (CONFISSÃO DE FÉ, 1980, p. 1). Após essa citação, a Confissão de Fé lista os sessenta e seis livros da Bíblia, um a um, do Gênesis ao Apocalipse.

Duas coisas devem servir para nossa reflexão a partir desse excerto. A primeira delas diz respeito a inspiração do Antigo Testamento e ao fato de que, por causa disso, ele merece um lugar ao sol nos púlpitos brasileiros contemporâneos. Já dissemos anteriormente que a tendência dos pastores é a de pregar apenas os textos do Novo Testamento, lugar em que se sentem mais confortáveis.

A segunda questão a ser abordada, diz respeito a inspiração do cânon bíblico. Segundo Edwards, nossa visão da inspiração canônica deve ser ampliada e alargada, abarcando também o gênero do texto. Não há dúvida de que no processo de comunicação a escolha do gênero textual influencie significativamente no significado do que é dito. Bons comunicadores compreendem a importância de fazer corresponder suas mensagens aos gêneros mais adequados. O uso do gênero correto, portanto, pode apurar uma mensagem tornando-a mais assimilável, enquanto um gênero inadequado pode distorcê-la e destruí-la. Assim, percebe-se que o gênero não é neutro, nem de somenos importância, pois influencia ativamente no significado tanto quanto a seleção lexical, sintática etc. Sobre isso, mais uma vez citamos Kent Edwards:

A única forma de comunicarmos a Palavra de Deus com clareza é tomarmos nota do gênero. O gênero tem de influenciar a nossa homilética tanto quanto a nossa exegese. É impossível para um pregador reproduzir o sentido do texto sem ter em conta, em termos homiléticos, o gênero original do texto (EDWARDS, 2005, p. 20, tradução nossa).

A ideia proposta por Edwards é a de que a mensagem pretendida pelo autor original do texto bíblico será retransmitida com mais fidelidade se o gênero, isto é, a forma da mensagem original for preservada. Daí o motivo para a pregação narrativa ou para os sermões em primeira pessoa:

Não prego sermões em primeira pessoa num esforço para estar na moda. Nem sou dominado por um desejo de ser relevante para a nossa cultura saturada por narrativas. Pregamos sermões em primeira pessoa é ser fiel ao gênero predominante nas Sagradas Escrituras. Tornamos as nossas pregações por demais filosóficas, ensaísticas, explicativas e cheia de ideias (EDWARDS, 2005, p. 20-21, tradução nossa).

Um dos segredos para conseguirmos pregar bons sermões narrativos é compreendermos que “as narrativas bíblicas são literatura teológica divinamente escrita por autores humanos para ajudar o povo de Deus a enfrentar os desafios específicos de seus dias” (EDWARDS, 2005, p. 39, tradução nossa).

## **Proposta exegética para um texto narrativo**

Sáímos do curso teológico com a impressão de que a exegese que utilizamos para pregarmos os textos paulinos servirão para os textos narrativos e vice-versa. O texto narrativo, por sua vez, exige uma chave exegética própria que nos abra a porta para a compreensão e assimilação de histórias bíblicas tanto veterotestamentárias quanto neotestamentárias.

Neste artigo, lançamos mão de uma proposta exegética a partir do uso das Teorias Literárias como chave interpretativa das narrativas bíblicas. Ou seja, entendemos que para a construção de um sermão narrativo o pregador deve se valer dos textos bíblicos como peças literárias. Sobre a Bíblia como literatura, Edwards dirá o seguinte:

O Deus que ama a beleza inspirou uma bela literatura. Assim, aqueles que querem compreender a literatura de Deus devem dedicar algum tempo a apreciar a sua beleza sutil e complexa. Os intérpretes devem reconhecer as qualidades literárias inerentes a esta literatura. O significado da natureza literária das Escrituras no processo interpretativo não deve ser minimizado (EDWARDS, 2005, p. 33, tradução nossa).

A partir dessa visão literária da Bíblia, Kent Edwards aponta o caminho para a exegese de um sermão baseado em um texto narrativo por meio de oito passos. São eles: 1) Ajustar o paradigma interpretativo; 2) Compreender o contexto maior da história que se

quer pregar; 3) Determinar a estrutura da narrativa; 4) Analisar as personagens; 5) Descobrir a ambientação da história; 6) Encontrar a grande ideia da narrativa; 7) Checar novamente a grande ideia da narrativa; 8) Fazer uma aplicação.

O enredo (estrutura narrativa) é composto por várias cenas individuais. Quanto mais longa a narrativa, maior o número de cenas. O objetivo do exegeta dos textos bíblicos narrativos é compreender como cada cena contribui para o todo da narrativa. Para tanto, Edwards propõe três perguntas fundamentais: 1) Por que o narrador incluiu tal cena? 2) Como esta cena auxilia no avanço do enredo? 3) De que modo a narrativa seria prejudicada caso esta cena fosse omitida? (EDWARDS, 2005, p. 42).

Além disso, é necessário encontrar o conflito presente na narrativa. Sendo esta, uma regra das mais básicas da análise literária. Não existe narrativa se não houver um conflito. É necessário se perguntar como o autor usa a cena em apreço para aumentar ou diminuir a tensão presente na narrativa.

Outro passo importante é, sem dúvida, a análise das personagens. Por isso, é necessário identificá-las, classificá-las e observar suas ações:

As ações falam mais alto do que as palavras. Revelam o caráter. Em seguida, escreva a motivação que leva as personagens a agirem da forma como agem. Ninguém age sem uma razão. Só os animais reagem por puro instinto. Em graus diferentes, todos nós

temos razões para o que fazemos. Por que é que estas personagens decidem agir como agem? Qual é a sua motivação? (EDWARDS, 2005, p. 60, tradução nossa).

Tente se identificar com as personagens. Se a personagem em questão é egoísta, pense a respeito das vezes em que você se sentiu tentado a agir dessa maneira. Como isso influenciou suas escolhas, por exemplo.

O passo exegético referente a grande ideia ou ideia central da períclope, diz respeito a resumirmos a cena em destaque a uma única sentença. Nenhum sermão está pronto para ser pregado até que consigamos resumi-lo em uma única frase curta, clara e objetiva. Somente assim, conseguiremos fugir do excesso de informações oriundas de nossa análise exegético-literária a fim de ganharmos clareza e objetividade.

A aplicação é deveras significativa. Digo isso, porque o objetivo de um sermão é diferente de uma palestra ou de uma aula. A finalidade de uma pregação é transformar a vida das pessoas:

Uma das marcas distintivas de um sermão é que o seu objetivo é fazer uma mudança concreta de comportamento na vida dos ouvintes. Nenhum sermão registado nas Escrituras foi alguma vez pregado com o único propósito de aumentar a base de informação da audiência. Um sermão não é uma palestra. Não está interessado apenas em comunicar conteúdo. O objetivo de um sermão é sempre provocar uma mudança na vida de quem o ouve. A

informação é um instrumento utilizado para influenciar a conduta. Os sermões que tocam as mentes, mas passam ao lado da vida dos ouvintes são maus sermões (EDWARDS, 2005, p. 69, tradução nossa).

A fim de chegarmos a aplicação do texto, cabem algumas perguntas: Como podemos atualizar esta narrativa para o nosso tempo? Como podemos recontá-la a fim de torná-la mais palatável ao homem contemporâneo? Como sua vida mudaria se você aplicasse a lição desta história?

### **Proposta homilética para um sermão em primeira pessoa**

Eugene Lowry, catedrático de homilética por mais de trinta anos na Escola de Teologia Saint Paul na Cidade do Kansas, entende o trabalho do pregador como o de um contador de histórias. Para ele, pregar é narrar. A tarefa de um pregador, segundo Lowry, é muito semelhante a de um dramaturgo ou a de um romancista. Por isso, ele afirma que as nossas melhores pregações parecem de fato com uma história (LOWRY, 2001, n.p.).

O intuito de um sermão narrativo ou em primeira pessoa é transmitir a mesma ideia e (re)criar o mesmo impacto que determinada história bíblica causou em seus primeiros ouvintes. Embora seja difícil precisar tal impacto, é certo que antes de serem escritas, as narrativas bíblicas foram contadas oralmente ao redor de

fogueiras. Imagine a vivacidade e a emoção com que a história de Davi e Golias era narrada. A entonação da voz, a dramaticidade, os pormenores, as gesticulações, tudo isso envolvia os ouvintes originais.

No tópico anterior, abordamos os passos para a exegese de um texto narrativo. Agora, veremos os passos homiléticos para a construção de um sermão em primeira pessoa: 1) Selecionar o texto bíblico apropriado; 2) Assegurar-se de que identificou a grande ideia da narrativa; 3) Desenvolver o protagonista para a história; 4) Criar o antagonista; 5) Definir a história; 6) Traçar o enredo; 7) Determinar a perspectiva; 8) Criar personagens; 9) Escrever o manuscrito; 10) Decidir os acessórios; 11) Aperfeiçoar o manuscrito; 12) Ensaiar o sermão; 13) Pregador o sermão.

Para pregar um sermão em primeira pessoa, o pregador carecerá criar um protagonista. Ele deverá assumir o papel de um determinado personagem (real ou fictício) a partir do qual a história será contada. Nem sempre esse personagem será o protagonista da narrativa bíblica, como explica Edwards:

O protagonista da narrativa bíblica não deveria se tornar automaticamente o protagonista do seu sermão? Não necessariamente. O pregador tem a opção de escolher uma personagem completamente diferente da história. Também pode decidir criar uma personagem totalmente nova através da qual irá

contar a sua história (EDWARDS, 2005, p. 77, tradução nossa).

O que se percebe aqui é o foco narrativo, isto é, o ponto de vista a partir do qual a história será narrada. Podemos contá-la sobre vários aspectos, pelo viés das mais variadas personagens. À guisa de ilustração, Moacyr Scliar, em os *Vendilhões do Templo* (SCLIAR, 2006), reconta uma história que ocupa apenas dois versículos nos evangelhos sob a ótica daquele que fora expulso por Jesus do templo de Jerusalém. Existem personagens bíblicos coadjuvantes – neste caso específico um antagonista - esquecidos que, ao longo dos séculos, ganharam o imaginário popular e que podem ser adaptados como narradores em pregações em primeira pessoa. Para que a pregação narrativa impacte os ouvintes, é necessário que eles se identifiquem com a personagem que está narrando a história.

A sugestão de Edwards é a seguinte: “Pregue sermões em primeira pessoa no Natal e na Páscoa. Ao comunicar estas histórias bem conhecidas através da ótica de uma personagem diferente a cada ano, você garantirá que a sua congregação ouça velhas histórias de uma nova forma” (EDWARDS, 2005, p. 82, tradução nossa).

A laconicidade dos narradores bíblicos também acaba por oportunizar a pregação em primeira pessoa. Em *Sansão na ótica da literatura*, Casagrande faz a seguinte observação: “Malgrado Sansão ser o único juiz cuja vida é retratada do início ao fim, nota-se que o

narrador o faz de forma bastante lacônica, dando brechas a serem preenchidas por aqueles que se aventuram pelas páginas da Bíblia” (CASAGRANDE, 2021, p. 25). Frei Betto, anteriormente citado, ao explicar o que o levou a escrever o romance *Um homem chamado Jesus* (BETTO, 2009), baseado nos evangelhos, conta que seu intuito foi o de facilitar o acesso de seus contemporâneos aos textos bíblicos:

A ideia deste livro [*Um homem chamado Jesus*] nasceu da constatação de que as pessoas têm dificuldade em entender os evangelhos, seja porque foram escritos há dois milênios, seja porque elas não dispõem de tempo para fazer um curso bíblico. Decidi, pois, reescrevê-los em forma de romance, de modo que o texto fosse encontrado dentro de seu contexto geográfico e histórico [...] Só completei com a imaginação o que nenhuma fonte me forneceu (CASAGRANDE, 2011, p. 16).

O sermão em primeira pessoa segue a mesma lógica exposta por Casagrande e por Betto. Ao construirmos o enredo para um sermão narrativo, temos de preencher as brechas narrativas deixadas pelo autor, bem como suprir as deficiências geográficas, históricas e culturais de nosso auditório em relação ao texto. Tudo isso será feito por meio de pesquisa exegética minuciosa, além das ferramentas da Teoria Literária. Por fim, completaremos com a imaginação apenas aquilo que nenhuma fonte foi capaz de nos prover.

O enredo de um sermão em primeira pessoa deve estar envolto em conflito. O que prende a atenção dos telespectadores em uma série, novela ou filme são os conflitos. Quanto mais conflito houver, mais as pessoas ficarão grudadas na tela. Se, por outro lado, a monotonia predominar a tendência é de que a pessoa fique sonolenta, levante da frente da televisão ou, simplesmente, mude de filme, de série ou desligue a TV. Algo parecido acontece com um sermão em primeira pessoa:

Um sermão em primeira pessoa não é uma palestra. É a apresentação histórico-dramática de um texto bíblico. Se não tem drama, não é um sermão em primeira pessoa, apenas uma palestra ruim. Como podemos aumentar o poder dramático do um sermão? Aumentando o conflito. Drama é conflito. Conflito é drama (EDWARDS, 2005, p. 93, tradução nossa).

No que diz respeito ao sétimo tópico homilético proposto por Edwards, existem três possibilidades de “perspectivas” a serem levadas em consideração. Na primeira delas, semelhantemente a um filme ou novela de época, o pregador (ou seria melhor nomeá-lo de contador de história) conduziria a plateia ao tempo dos acontecimentos originais. O público, então, é automaticamente transportado para a época em que a narrativa ocorreu. As personagens, para não agirem de maneira anacrônica, devem se limitar ao conhecimento do mundo antigo. Neste caso, o sermão se passa dentro do mundo bíblico. Na segunda, o contador de história pode emergir do passado para o presente para falar com os homens

hodiernos. A personagem do mundo antigo seria “teletransportada” para o nosso tempo, falando aos homens de hoje. Uma espécie de máquina do tempo. A terceira e última possibilidade, segundo Edwards, seria transportar os ouvintes para o passado tornando-os parte da história bíblica. Segundo ele: “Esse pode ser um tipo poderoso de narração porque permite ao protagonista falar diretamente com os ouvintes e tratá-los como parte da história. Obviamente, a personagem só pode referir-se ao mundo antigo.” (EDWARDS, 2005, p. 99, tradução nossa).

Quanto à escrita, a primeira dica é: lembrar-se de que não está escrevendo um ensaio, mas um sermão narrativo. O objetivo é tornar a história autêntica, viva, emocionante e penetrante. Apesar de escrito, o sermão em primeira pessoa deve ser pregado sem o uso de anotações, para que a dramaticidade e a vivacidade da narrativa seja a mais intensa possível e atinja seu objetivo. Edwards faz a seguinte observação: “Não memorize as suas falas. Em vez disso, interiorize a sua mensagem. Não tente dizer as palavras com perfeição. Fale apenas como a personagem o faria. Fale a partir do seu coração” (EDWARDS, 2005, p. 105, tradução nossa).

### **Breve exemplo de sermão em primeira pessoa**

Neste tópico, há a tentativa da construção de um sermão em primeira pessoa um tanto quanto lacônico, à guisa de

exemplificação. O sermão está baseado em Juízes 6.11-24, texto que trata do chamamento de Gideão. Percebam como adentramos a mente de Gideão por meio do fluxo de consciência. Nosso personagem está falando consigo mesmo. Somos capazes de ouvir seus pensamentos. Sentimos seus receios e traumas, o que nos faz ter empatia para com a sua pessoa. O conflito se dá pela opressão dos midianitas. Eis o esboço do sermão:

*Num tempo em que os midianitas nos oprimiam, eu estava malhando o trigo dentro do lagar. Já tinha visto muitas famílias israelitas serem espancados, terem os grãos roubados, as plantações destruídas e os rebanhos saqueados pelos midianitas. Era um tempo de muita tensão. Estávamos vivendo um momento de escassez. Toda a colheita sendo levada.*

*Eu tinha ciência de que lagar não era o local mais apropriado para a tarefa que eu desempenhava. No lagar, as uvas eram pisoteadas a fim de se tornarem vinho. O trigo deveria ser malhado em local aberto. Na eira, por exemplo, para que o vento soprasse a palha e sobrasse apenas o trigo. Mas eu estava com medo. O lagar servia como um esconderijo para mim. Nele, eu encontrava a falsa sensação de que não seria molestado pelo midianitas.*

*Nesse mesmo dia, apareceu-me um anjo. Assustei ao ouvir a sua voz. Estremeci. Além do mais, ele me chamou de “homem valente”. Como seria possível? Ele só podia estar zombando de*

*mim. Haveria cinismo da parte do anjo, já que eu me encontrava visivelmente amedrontado? De valente, na verdade, eu não tinha nada (ao menos naquele momento).*

*O anjo, então, disse a que veio: Incumbir-me, por mando do Senhor, da missão de livrar Israel das mãos dos midianitas. Logo eu? Com tanta gente preparada. Com tanta gente corajosa. “Minha família é a mais pobre de Manassés e eu o menor na casa de meu pai”, disse eu ao Senhor. Eu me sentia inferior aos demais. Eu me sentia incapaz. Eu tinha medo.*

*Fiquei refletindo sobre a abordagem do anjo: por que ele não me chamou de covarde? Por que ele não disse que eu era medroso por estar malhando o trigo dentro do lagar? Talvez, porque o Senhor, que me criou, tenha olhado para mim e visto a força necessária para me tornar um grande juiz em Israel. Embora eu não visse potencial em minha pessoa, Deus viu. Deus me criou com o propósito de libertar seu povo das mãos dos opressores. Assim, o anjo me disse algo que nem eu mesmo conseguia observar em mim. Embora me sentisse pequeno, diminuído e acovardado, Deus, em seu infinito poder, me deu coragem, força e valentia.*

*Eu, Gideão, pela misericórdia de Deus, fui considerado o maior dos juizes de Israel. De modo que, com um batalhão de apenas 300 homens, venci, com o suporte divino, nossos algozes. Para que a glória da vitória fosse toda do Senhor, Ele (ironicamente!), pede para que eu diga ao povo: quem estiver com medo de guerrear volte*

*para casa. Houve uma debandada de cento e vinte e dois mil homens. Eu permaneci à frente de um grupo ínfimo, porque Deus havia me transformado, de fato, em um homem valente.*

### **Aplicação do sermão em primeira pessoa**

Se um dos pontos fortes do sermão em primeira pessoa é a emoção e o impacto, um dos pontos fracos é a aplicação. Isso ocorre, porque a personagem que conta a história está limitada pelo tempo e o espaço. Ela não terá como fazer pontes com o mundo contemporâneo, a não ser que tenha vindo da antiguidade para os nossos dias (como em uma cápsula do tempo). Para suprir essa deficiência, Kent Edwards faz a seguinte sugestão:

Uma das maneiras de compensar isso é pedir que alguém venha depois que você terminar [...] e faça a aplicação. Se você decidir fazer isso: 1) Perceba que a aplicação secundária terá muito menos poder emocional do que o próprio sermão em primeira pessoa. 2) Lembre-se de ser bem breve. A história acabou. A tensão se foi. O interesse se dissipou quase totalmente. 3) Escreva. Não confie a aplicação à inspiração do momento. Escreva o que você quer que a outra pessoa diga. (EDWARDS, 2005, p. 122, tradução nossa).

Penso que esta seja uma forma coerente de tornar o sermão em primeira pessoa cristocêntrico, já que as personagens do Antigo Testamento não tiveram acesso a Jesus e, portanto, seria anacrônico

colocar o nome dele na boca de Gideão, por exemplo. Deste modo, segue uma breve proposta de aplicação para o sermão apresentado no tópico anterior:

*Ainda que como você, prezado ouvinte, se sinta rejeitado, inferiorizado e diminuído como Gideão, saiba que Deus te ama em Cristo Jesus. Ele deu a vida por você e não há amor maior do que esse. Mesmo que você se sinta acovardado ante as lutas da vida, tal qual Gideão se sentiu, lembre-se de que “Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (II Tm. 1:7). Deus tem um propósito em sua vida assim como teve na de Gideão, portanto, não se acovarde, nem se intimide, pois Deus é contigo por onde quer que fores.*

Apesar de oferecer a possibilidade de outra pessoa aplicar o sermão em primeira pessoa em lugar do pregador, o criador deste método homilético – depois de vinte anos pregando sermões em primeira pessoa - diz o seguinte: “É raro que outras pessoas apliquem minha mensagem. Descobri que quando você apresenta suas ideias homiléticas com intensidade e clareza dramáticas, é relativamente fácil para os ouvintes fazerem as aplicações concretas específicas solicitadas no texto” (EDWARDS, 2005, p. 122, tradução nossa).

### **Considerações finais**

Nosso intuito com este artigo foi o de ampliar o horizonte homilético dos pregadores brasileiros. Nossa proposta inclui

principalmente a pregação de textos narrativos veterotestamentários (ausentes nos púlpitos da maioria das igrejas), sem negligenciar as narrativas neotestamentárias. Além disso, propusemos como melhor forma de pregá-los o sermão em primeira pessoa ou sermão narrativo. Segundo Edwards, teórico a quem recorremos, os púlpitos só têm a ganhar com a exposição de sermões em primeira pessoa:

Os sermões expositivos em primeira pessoa ajudam os pregadores a aumentar o impacto das suas mensagens. Eles são a maneira mais eficaz de comunicar tanto a emoção quanto a verdade de uma passagem narrativa. Estes sermões captam a mente e inflamam a imaginação. Eles persuadem os ouvintes de que a Bíblia está viva e é relevante. Os pregadores que escolhem comunicar literatura narrativa com um sermão em primeira pessoa estão escolhendo propiciar a emoção natural desses textos. (EDWARDS, 2005, p. 24, tradução nossa).

Segundo Lowry, há dois tipos de pregadores: “Um tem algo a dizer mas não sabe como dizer, o outro sabe como dizer mas não tem nada a dizer” (LOWRY, 2001, n.p., tradução nossa). Precisamos de pregadores que saibam como dizer e que tenham algo a dizer. Para tanto, as narrativas bíblicas podem e devem contribuir para o enriquecimento dos púlpitos de nossas igrejas, no entanto, é necessário saber usá-las, isto é, “dizê-las”. Em outras palavras, é imprescindível saber recontá-las aos nossos contemporâneos a fim de cativá-los, prender-lhes a atenção, para que, enfim, a narrativa bíblica atinja o objetivo maior de falar ao homem hodierno, transmitindo-lhe uma mensagem impactante e transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei. **Parábolas de Jesus: ética e valores universais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Um homem chamado Jesus*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CASAGRANDE, André J. C. **Sansão na ótica da literatura**. São Paulo: Reflexão: 2021.

\_\_\_\_\_. *Jesus na ótica da literatura*. São Paulo: Reflexão, 2011.

CONFISSÃO DE FÉ e CATECISMO MAIOR da Igreja Presbiteriana. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1980.

EDWARDS, J. Kent. **Effetive first-person biblical preaching**. Michigan: Zondervan, 2005.

\_\_\_\_\_. **Deep Preaching: creating sermons that Go Beyond the superficial**. Nashville, B&H Publishing Group, 2009. Edição do Kindle.

FRYE, Northrop. **O Código dos Códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

GONÇALVES, Vanessa. As 10 Séries mais Famosas de Todos os Tempos! 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.zinecultural.com/blog/series-mais-famosas-de-todos-os-tempos>. Acesso em 23 mar. 2024.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: sua importância para o crescimento da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2022.

LOWRY, Eugene. **The Homiletical plot: the sermon as narrative form.** Louisville (Kentucky): Westminster John Knox Press, 2001.

MATHELWSON, Steven D. **The art of preaching Old Testament Narrative.** Washington, DC: Baker Academic, 2002.

MILES, Jack. **Cristo uma crise na vida de Deus.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCLIAR, Moacyr. **Os Vendilhões do Templo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## **Narrative Preaching**

### **ABSTRACT:**

Narratives have always enchanted humanity. Faced with a world saturated by narratives, sermons face a huge challenge: captivating the attention of listeners who are fond of *storytelling*, soap operas and series from *streaming* platforms. The competition would be unfair, were the Bible not primarily a book made up of narratives. So, in our view, the best way to communicate with a society in which narratives prevail is to use biblical narratives. This article proposes that we look at Old Testament narratives in order to construct narrative or first-person sermons. The aim is to expand homiletical horizons beyond the New Testament texts. We will use as a theoretical-methodological basis studies on the literary analysis of the Bible, as well as the homiletical method proposed by the American theologian J. Kent Edwards.

### **KEY-WORDS:**

Homiletic, biblical narratives, first-person preaching.

## SOMOS TODOS DIÁCONOS

Um desafio à igreja como serva num mundo  
que desconhece o amor de Deus.

*Cilas Fiuza Gavioli<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente texto foca na reflexão pastoral sobre a prática do serviço cristão por meio da igreja de Cristo, em misericórdia a outrem, na perspectiva da vocação (vocação de todos os crentes), para o bem comum e o cuidado pastoral do rebanho de Cristo. Primeiro aos “*domésticos da fé*”, mas também da cidade, da sociedade no entorno da igreja local; bem como a nação, em um aspecto mais global. Cujo alvo é a transformação da realidade, deste mundo caído, sob a gloriosa influência dos princípios e valores do Reino de Deus, que Jesus nos ensinou a orar: “Venha o teu Reino...”. Para tanto, a diaconia da igreja tem em Cristo, não somente o Mestre, mas também o exemplo que inspira e impacta as futuras gerações e

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo SPS -1986. Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de Rude Ramos, com concentração em teologia pastoral. Especialização em Aconselhamento pelo IFC – Vinhedo sob a supervisão do Psiquiatra dr. Fábio Damasceno. Professor das cadeiras de Aconselhamento, Administração de Conflitos na Igreja e Ação Social. Pastor Presbiteriano deste 1987. Atuou na IPB Nova Jerusalém, Campinas, SP, desenvolvendo trabalho social com comunidade de favela, por 20 anos. Desde 2013 atua como pastor auxiliar na IPB Chácara Primavera, Campinas, SP – sobretudo como pastor responsável pela Junta Diaconal e pela Ação Social da Igreja na cidade. Atualmente, é também Diretor da Associação Instituto RENOVO Campinas.

culturas que se deixarem moldar por seus ensinamentos. Foi trabalhando, ainda que rapidamente, os conceitos fundamentais da palavra *diakoneo*, nas cosmovisões culturais greco-judaica (nesta última, sob o olhar patente da Torah, que nós cristãos chamamos de Pentateuco), bem como da cosmovisão neotestamentária. Mas sempre sob a perspectiva da Teologia Reformada, que nosso reformador mor, João Calvino ensina, ainda que a palavra diaconia, utilizada por ele, tenha um sentido mais abrangente, no contexto da cidade de Genebra do século XXI. Na sequência, trabalhamos as implicações de *diakoneo* na vida cotidiana da comunidade dos discípulos de Jesus, tanto em relação ao serviço mútuo através de seus dons espirituais e talentos, bem como aos mais vulneráveis, de dentro e de fora da igreja. E por fim, *diakoneo* sob o olhar da missiologia, sensíveis à missão da igreja de proclamar o Evangelho de Cristo, em palavras e obras, fazendo-os seguidores, e ensinando-os a viver um estilo de vida transformado que os torne cada vez mais parecidos com o Senhor Jesus Cristo, em amor e obediência a sua Palavra.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Diaconia; Serviço; Ação Social; Igreja; Misericórdia; Cosmovisão e Testemunho

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo primário é demonstrar o caráter diaconal da igreja cristã. Em segundo lugar é resgatar a essência do ministério (ofício) diaconal, que ao longo do tempo ficou relegado à uma espécie de

“lanterninhas” de cultos. No fundo, os nossos diáconos atuais não se sentem valorizados no contexto das nossas igrejas reformadas. A impressão é que o ofício diaconal ficou em segundo plano em nossa Igreja Protestante, cuja ênfase maior é na homilia ou no presbiterato como governança. Ainda que na teoria não seja assim, ensinamos que os ofícios são diferentes, mas igualmente importantes, mas na realidade de nossas igrejas não é assim que tratamos os nossos diáconos, tratamos como menos importante que os oficiais do presbiterato. Na verdade, o artigo é uma provocação [para gerar uma reflexão. Assim, vou mais além ao dizer que a Igreja Cristã Reformada precisa resgatar (ou reformar) sua vocação diaconal.

A problemática se torna mais grave quando a Assembleia elege pessoas sem o dom de misericórdia e serviço. Então, quando a pessoa aceita, sem ter o dom, apenas por se sentir uma autoridade eclesiástica (oficialato) na igreja, o ministério diaconal é mais ainda desprezado.

Embora a ação social ganhe lugar mais e mais no cenário das igrejas locais, ainda assim a atenção dos nossos centros acadêmicos de formação teológica demonstram pouco interesse por essa matéria. No entanto, o nosso símbolo de fé, subscrito por nossos ministros e oficiais apresenta um capítulo todo sobre as Boas Obras - Confissão de Fé de Westminster (CAPÍTULO 16: DAS BOAS OBRAS).

Desta forma, a ideia é resgatar o real sentido do ofício diaconal na igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Entretanto, também

quero chamar a atenção para o fato de que o Ministério Diaconal extrapola o Ofício de Diácono no contexto de uma igreja cristã. Por isso, o escopo deste texto é mostrar o papel do diácono diante do chamado diaconal da igreja cristã no contexto da igreja na cidade.

Meu intuito é trazer à tona uma reflexão sobre o relevante tema da diaconia da igreja e fomentar a possibilidade da implementação de diferentes serviços diaconais, além do tão importante o já oficialato de Diácono na Igreja Reformada. Assim, quero mostrar a necessidade de explorarmos mais os aspectos da teologia prática e exegética, atento ao ministério de misericórdia, que pode se tornar uma ponte eficaz entre a igreja cristã Reformada e a Sociedade Civil. Ademais, corroborar com a igreja no cumprimento da sua missão de ser “sal da terra e... luz do mundo” (Mt 5:13-14). Para tanto, vou começar com o conceito de “serviço”.

O termo “diácono” e suas variantes, provêm do grego διάκονος, διακονία e διακονεω, palavras que significam respectivamente, “servo”, “serviço” e “servir”. Essas palavras apresentam três sentidos especiais, com uma pesada conotação depreciativa: a) Servir à mesa; b) Cuidar da subsistência; c) Servir: No sentido de “servir ao amo”. “servo”, “serviço” e “servir” (Costa, 2013).

Escolhi esta palavra grega para reverberar a ideia do **serviço ao outro**. Essa palavra está ligada ao que chamamos de DIÁCONO (Oficial da Igreja), eleito para a tarefa focada no serviço de piedade e misericórdia no bojo da comunidade cristã. Pois bem, a palavra **diaconia** (διακονία) significa **serviço ou ministério**. Existem outros

termos na língua grega para “serviço” (*Douleuo, Therapeuo, Latreuo, Leiturgeo e hypertero*), todavia, “Diakoneo tem, em oposição a todos esses sentidos, o significado especial de serviço inteiramente pessoal, prestado a outrem”, diz Herman Wolfgang Beyer (KITTEL, 1965, p. 273). Um serviço prestado, altruísta, sem outros interesses, *a não ser o amor ao próximo mais necessitado*, mas esse sentido na língua grega só fica patente no Novo Testamento.

Encontramos o termo *diakonos* em três blocos no Novo Testamento: No Livro de Atos, nas Cartas Paulinas e nos Evangelhos. Se considerarmos Atos dos Apóstolos a sequência do Evangelho de Lucas, poderíamos tranquilamente ter dois blocos. Nas Cartas Paulinas ocorre em Fp 1;1; 1Co 3.5; 2Co 3.6; 6.4; 11.15 (duas vezes); 11.23; Gl 2.17; Rm 13.4 (duas vezes); 15.8; 16.1; 1Ts 3.2. E mais, CL 1.7; 1.23; 1.25; 4.27; Ef 3.7, 6.21; ITm 3.8; 3.12; 4.6. Já nos evangelhos, *diakonos*, aparece em Mc 9.35; 10.43; Lc 22.26s; Mt 20.26; 22.13; 23.11; Jo 2.5; 2.9; 12.26.

## **DIACONIA E AS COSMOVISÕES**

Como o conceito toma um novo olhar de mundo e impacta o mundo ocidental.

## 1. COSMOVISÃO GREGA

A cultura grega ou helênica teve início em aproximadamente 1.800 anos antes de Cristo. Uma cultura que valorizava, sobretudo, o esforço do intelecto em detrimento aos labores braçais, serviçais; pois, servir era algo indigno para o pensamento helênico. Os *sofistas* afirmavam que o homem digno só deve servir aos seus próprios desejos, pois na sua cosmovisão helênica, os nobres nasceram para governar, não para servir. “Em sentido mais amplo da palavra *diakoneo*, significa: cuidar da subsistência (Sófocles)” (KITTEL, 1965, p. 274). Portanto, fica muito claro para a cultura grega que a ideia de servir a outrem, não cabia no seu modo de conceber a sociedade, pelo contrário, servir ao outro era para uma pessoa indigna ou para os plebeus. Embora, há algum valor, sim, em servir, se o serviço for ao Estado ou aos deuses.

Assim, o mundo grego não via com bons olhos o servir ao próximo como algo honroso e sim aviltante; exceto aos superiores, deuses, senhores ou a pátria. Os estadistas ou políticos serviam a um ideal, o ideal de educar os cidadãos a uma vida reta, mas também este serviço era prestado por egoísmo e não significava servir por amor ao próximo sem nenhuma pretensão, ainda que demandasse certos sacrifícios. Para a filosofia grega, em Aristóteles e outros filósofos gregos, o sábio serve aos deuses, e não ao outro igual ou inferior. Diz teólogo Gerhard Kittel que “a ideia de que existimos para servir a outrem não cabe, em absoluto, na mente grega” (KITTEL, 1965, p 275). Assim, os escritos neotestamentários

inauguram uma nova era e maneira de servir com honra e dignidade, servindo, por amor, ao outro, sem interesses pessoais. Essa transformação ocorre com o advento e a partir da vida e obra de seu Mestre Jesus Cristo. Seguindo de uma cosmovisão cristã, uma visão de mundo diferente da vigente visão helenista.

## 2. COSMOVISÃO JUDAICA

O teólogo alemão, Dr. Dierk Starnitzke diz que é surpreendente que o termo *diáconos* apareça tão pouco na Septuaginta. Usado apenas no livro de Ester para designar os servos do rei Assuero (Ester 1:10). Aparece ainda em Ester 6.3,5 e no livro apócrifo de 1 Macabeus 11.58. Apesar disso, o termo *diakonos* teve grande influência do judaísmo para o entendimento que temos hoje e para o entendimento do Novo Testamento. Assim, é pouco provável, diz Starnitzke, “que, apesar de toda relação com o cristianismo primitivo com o judaísmo, o termo *diakonos* possa ser derivado diretamente da tradição judaica” (STARNITZKE, 2013, p. 15).

Para a *cosmovisão judaica*, o serviço ao próximo tem um olhar diferente. Para o mundo hebreu, afirma Kittel: “o Judaísmo teve uma compreensão muito mais profunda do sentido do serviço. O pensamento oriental não considera indigno o serviço” (KITTEL, 1965, p 275). Servir a um senhor ou suserano era uma situação de dignidade e respeitada em Israel, nem tanto a outrem. Contudo, a

ideia de escravo nunca foi bem-vista para os ensinamentos Veterotestamentários. Por isso, a Torah orienta e regula essa relação entre senhores e servos. A título de exemplo – Moisés em Êxodos 21 orienta aos hebreus a respeito da triste realidade da época, a servidão de outro ser humano, mas aqui se trata de outro hebreu. Deveria ser um contrato de trabalho por seis anos, no sétimo deveria ser liberado desta obrigação, ou até antes, a depender do Ano Sabático. Entretanto, “um escravo estrangeiro, ou um servo ‘nascido na casa’, por outro lado, poderia servir até o fim da vida (Lv 25:46)” (COLE, 1981, p. 159). Ou ainda pessoas livres que servem a um senhor, como por exemplo Josué, que serviu como auxiliar de Moisés, acompanhando seu trabalho (Êx 33:11), não o serviu como a um escravo, mas como um aprendiz e auxiliar apoiador.

Entretanto, não é comum na visão do Antigo Testamento um superior servir a um “inferior socialmente” ou um igual servir a outro igual, com o fez Jesus quando lava os pés dos seus discípulos. Exceto pelo ensino da “justiça social” ensinada pela Torah, como, por exemplo, Deuteronômio cap. 15, orientando os israelitas a servirem ao irmão que empobreceu e precisa de socorro para sobreviver. É neste ponto que se encontra o conceito diaconal que queremos enfatizar mais a frente. Assim, a Torah para Israel dá uma ideia de *diaconia* como estilo de vida de uma comunidade judaica. O Teólogo Timothy Keller novaiorquino traduz esse conceito de Justiça da Torah por ***Justiça Generosa***. Ele trabalha o conceito de Justiça

Generosa (A graça de Deus e a justiça social) em oposição ao conceito moderno de *justiça social*, cunhado na sociologia.

De acordo com a Bíblia. Esse é o significado de ‘fazer justiça’ - **Justiça significa cuidar dos vulneráveis** – [...] O termo *mishpat* em suas várias formas ocorre mais de duzentas vezes no Antigo Testamento Hebraico. De acordo com o seu significado mais básico, devemos tratar as pessoas com imparcialidade [...]. Contudo, *mishpat* é mais do que punição justa pelo erro cometido. Significa assegurar o direito de cada um. [...] Repetidas vezes, descreve cuidar da causa dos órfãos, das viúvas, dos estrangeiros e dos pobres - conhecidos como ‘o quarteto da vulnerabilidade (KELLER, 2013, p. 24-25).

A Torah promulgava a justiça social, uma justiça generosa que promovia o direito a uma boa vida para si e para o próximo, sobretudo a defesa dos direitos dos mais vulneráveis, o que a Bíblia chamava de pobres, refugiados, viúvas e órfãos. Portanto, servir aos *menos favorecidos* era uma forma de assegurar os direitos dos mais fracos, dos *mais vulneráveis*. Desta forma, servir aos *mais vulneráveis* era uma maneira de exercer a justiça generosa, estruturada na Graça Divina, e não na justiça humana. Assim, o serviço aos *mais vulneráveis*, lutando pelos seus direitos, proclamava às nações ao entorno que em Israel havia um Deus justo e misericordioso, diferente dos demais povos, cujos deuses eram tiranos e impiedosos.

### 3. COSMOVISÃO NEOTESTAMENTÁRIA –

A raiz **diakon** e seus derivados aparecem, no Novo Testamento, independentemente de determinadas decisões de crítica textual, em torno de cem vezes (o grifo é meu), sendo o que como os substantivos em distribuição mais ou menos equitativa como os substantivos *diáconos*, *diakonia* e o verbo *diakoneo* (STARNITZKE, 2013, p. 11).

Como visto acima, a palavra *diakonia* tem mais influência do grego do que do judaísmo, entretanto, o seu conceito tem mais a ver com a Torah do que com a cosmovisão helênica. Todavia, é na cosmovisão cristã que se consolida o ser honroso e nobre servir a outrem sem quaisquer interesses pessoais. Vamos tratar a seguir o maior modelo gerador dessa transformação de cosmovisão, o próprio Jesus Cristo.

#### 3.1 – CRISTO, O MAIOR PROTÓTIPO DE DIACONIA

O próprio Jesus é o exemplo supremo da verdadeira grandeza (em contraste com o v. 42). O Filho do Homem (cf. comentários sobre 8:31) voluntariamente velou Sua glória (cf. 8:38; 13:26) e veio como o Servo de Deus (cf. Salmos 49:5–7; Isaías 52:13– 53:12; Fp 2:6–8) não ... para ser servido por outros, mas para servi-los (cf. Mc 2:17; 10:46–52; Lc 22:27) (GRASSMICK, 1985, p. 154).

O texto mais icônico sobre Jesus Cristo como *servo* parece ser Marcos 10:45. Ele próprio ensina seus discípulos sobre a dinâmica de governança da comunidade dos discípulos, após uma discussão sobre posições de destaque no reino de Deus, em contraponto com a governança secular. – *“Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo (διάκονος); e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos δοῦλος (doulos).”* (Mc 10:43-44 - NVI). Em seguida, Jesus apresenta seu ensino mais profundo de governança. Embora, seja o Filho Eterno e Soberano de Deus, “esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo (δούλου), tornando-se semelhante aos homens” (Fp 2:7). Esse é o estilo de liderança de Jesus Cristo – o modelo de servo! É isso que ele vai afirmar em Mc 10:45- *“Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido (para ser ministrado - διακονηθῆναι), mas para servir (διακονῆσαι) e dar a sua vida em resgate por muitos.”* (NVI). “O clímax de Seu serviço foi Sua morte como resgate por muitos” (GRASSMICK, 1985, 154). Mas, Ele deu uma lição fantástica aos seus discípulos preocupados com visibilidade, cargos e posições e não com a missão - que o Filho do homem, não veio para ser servido (διακονεω), mas para servir (διακονεω)...” (Mt 20.28). Assim, o ministério diaconal não é para ser visto, mas para servir.

Cristo Jesus foi o maior Diácono (servidor/ministro) dentre todos, em ressonância a Isaias 52:13-53:12 e Filipenses 26-8. Por

isso, o ensino de Cristo sobre o *serviço ao próximo* se tornou algo totalmente renovador frente ao pensamento greco-judaico. Doravante, *servir* a outrem passa a ser visto como uma honra e digno de todos os seguidores de Jesus; também passa ser olhado como um ato respeitado e de mutualidade no contexto da comunidade dos discípulos de Cristo em conformidade com o dom que recebido, como dia o apóstolo Pedro em 1Pd 4:10. O exemplo clássico foi o lava pés dos seus discípulos escrito em Joao 13: “A atitude bem determinada do servir à mesa claramente explica o que fez realmente no lava-pés” (KITTEL, 1965, p. 277).

Ele serviu aos doentes curando-os; serviu aos oprimidos libertando-os; serviu os famintos e desorientados; serviu ensinando e pregando a vinda do reino de Deus. De tal forma que, *servir* uns aos outros é uma marca do discípulo de Jesus Cristo na perspectiva cristã. Ora, a Igreja cristã é a comunidade dos discípulos de Jesus, assim, a igreja também foi vocacionada ao diaconato. Conforme o renomado teólogo anglicano, John W. R. Stott afirma sobre nos tornarmos como Jesus Cristo, ele diz: “Deus quer que o seu povo se torne como Cristo, pois semelhança com Cristo é a vontade de Deus para o seu povo” (STOTT, 2011, p. 22). Reafirmamos que o próprio Jesus Cristo não veio para ser servido (Mc 10:45), mas para servir com sua vida; servido aqui é o verbo grego aoristo passivo infinitivo *διακονηθῆναι* – (diakonia). Enfim, seja qual for o dom de alguém, ele deve exercê-lo fielmente como um mordomo de Deus, para a

glória de Deus. “Embora a diaconia de Jesus seja singular e só ele seja o salvador do mundo, a diakonia da igreja é realizada ‘em Cristo’, empoderada pelos dons da presença diaconal dele na igreja” (NORDESTOKKE, 1981, p. 213). Concluo esse primeiro ponto da cosmovisão neotestamentária, citando Keller em seu livro *Ministério de Misericórdia*: “Por estar Unido a Cristo, cada cristão é um diácono e deve lavar os pés dos semelhantes em serviço humilde” (KELLER, 2016, p. 50).

### 3.2 A Igreja como Serva de Cristo

Hermann Wolfgang Beyer [...] aponta para a relação da diaconia cristã, em especial o termo *diáconos*, com a ordem de vida comunitária judaica. Ele destaca certo paralelismo entre o grupo dos *episcopoi* e dos *diakonoi* cristãos, de um lado, e o presidente da sinagoga e seu auxiliar na configuração da sinagoga judaica, por outro lado (STARNITZKE, 2013, p. 14).

Portanto, a partir de Cristo a vida comunitária cotidiana eclesial era a prática do servir mútuo, uns aos outros, não somente através de seus dons, mas também com as suas posses, como se percebe em Atos dos Apóstolos, sobretudo nos primeiros capítulos (Cap. 2-5). Assim era a prática generosa de tal forma que o volume das demandas cresceu a ponto de uma equipe específica dos discípulos ser escolhida para liderar e ministrar o cuidado aos *mais vulneráveis* (Atos 6), no caso as viúvas dos helenistas. Assim,

foram escolhidos sete homens de grandes adjetivos espirituais para “servir as mesas”.

O serviço à mesa é muito representativo, pois, um é o vassalo com vestes cingidas que serve a mesa e o outro reclinado à mesa no divã é o senhor ou hospede deste. Em outro texto mais antigo, o teólogo Hermann Wolfgang Beyer diz que Jesus transformou este conceito de servo dando uma nova e inédita perspectiva ao conceito de *diaconia* quando serviu aos seus próprios discípulos. Veja o que ele diz:

A revolução provocada por Jesus na apreciação do serviço consiste em que Ele inverte a relação entre servir e ser servido no tocante ao seu valor ético: entre os discípulos o *hegoumenos*, que dirige, deve ser como *diakonōn*, que serve: “Pois quem é maior; o que está reclinado à mesa ou o que serve? Porventura não é o que está deitado à mesa? Eu porém estou entre vós como o que serve” (Lc 22:26ss) (KITTEL, 1965, p. 277).

Nos evangelhos, encontramos por duas vezes a palavra *διάκονος*. Enquanto Maria se senta aos pés de Jesus, ouvindo seu ensinamento, Marta, sua irmã, preocupada com os “*muitos afazeres*” (*διάκονίαν*) pergunta a Jesus: “Senhor, não o incomoda que minha irmã fique aí sentada enquanto eu faço todo o trabalho? Diga-lhe que venha me ajudar.” (Lucas 10:40 NVI). Veja-se que a palavra para “*faço o trabalho*” é *διακονεῖν*. Aparece duas vezes a palavra *διάκονος*, o primeiro é um substantivo e o outro um verbo. Neste caso, o sentido é preparar a refeição para os ilustres visitantes; o

serviço de Marta era *servir as mesas* aos seus hospedes e ela esperava ajuda de sua irmã Maria. Portanto, *diakonia* é o serviço de servir às mesas ou qualquer outra ação de hospitalidade. Esta ação de generosidade é sempre direcionada ao próximo que precisa de acolhimento e cuidado.

Em Lucas 17.8, Jesus conta a parábola do servo inútil que serve a mesa de seu senhor, ele não faz mais que sua tarefa. O termo aqui também é *διακονέω* (*diakoneō*), pois era trabalho para um servo, o trabalho de servir as mesas de seu suserano. Jesus Cristo usa esta ilustração para dizer que somos servos inúteis, porque cumprimos nosso dever, nada mais que servir. Desta forma, diferentemente do egocentrismo grego de servir ao superior e aos deuses, por interesses diversos, servir ao próximo é um dever sem esperar nada em troca. Leon Morris diz que “nosso melhor serviço não nos dá qualquer direito sobre Deus” (MORRIS, 1974, p. 241). Somos servos de Cristo, não há mérito algum nisso; essa é a nossa essência como discípulos; é nossa missão no mundo. “Jesus ensina que, quando os servos se empenham na *diakonia*, não devem esperar muitos elogios, nem agradecimentos. [...] A atitude de servo começa onde terminam a gratidão e os aplausos” (KELLER, 2016, p. 157). Por isso, não deveríamos precisar de motivação ou estímulos para servir ao próximo, é dever do discípulo de Jesus, de um cristão, servir sem interesses ao seu próximo. Aliás, o único interesse deve ser o amor a Deus e a outrem.

### 3.3 – Diaconia é estilo de vida no contexto do Reino de Deus.

O Apóstolo Paulo declara que “O ministério (διακονία) do Espírito” (2Co 3.8) que opera de maneira eficaz por intermédio do Evangelho é tremendamente glorioso, mas esse ministério glorioso é voltado para o serviço cotidiano no contexto da vida comum da comunidade. Paulo, diz que se tornou diácono, Ministro (διάκονος) do evangelho de Cristo (Cl 1.23).

Em Romanos 12:6-8, o Apóstolo Paulo aplica o que acabara de escrever (vv. 3–5) à prática das habilidades dadas por Deus para o serviço espiritual: “Se ministério, dediquemo-nos ao ministério.” A palavra “ministério” aqui é *διακονία* (*diakonia*) – serviço! Ou seja, o Senhor Deus deu dons aos seus discípulos para *servir* na igreja ao próximo, assim, “todos são diáconos” no sentido de ministradores na igreja, obviamente, num aspecto mais generalista; pois, todos são vocacionados para servir a Deus no bem comum e para a edificação da igreja. Isso fica mais patente com o pensamento de Paulo em Efésios 4:12-13 – neste texto igualmente aparece o substantivo grego *διακονίας* (ministério). O chamado de Deus é para as práticas de serviços (diaconias) que edifiquem e tragam maturidade aos crentes “atingindo a medida da plenitude de Cristo” (vv.13). Jesus disse aos seus apóstolos que o estilo de vida no Reino de Deus é diferente da governança secular, onde o estilo predominante é dominar com poder sobre os mais fracos, inferiores e pobres. Mas, Jesus disse que

esse não é o modo de vida da igreja. A Igreja Reformada lutou por libertar a igreja do poder eclesiástico romano que subjugava as pessoas. Jesus disse, “*que quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo (διακονος),*” ... de forma a usar um paralelismo entre frases ele repete – “... e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo (doulos)” (Mt 20:26-27 NVI). Assim, a ênfase recai sobre a diaconia e não sobre a posição hierárquica.

Existem conflitos na igreja que levam as pessoas a divergirem-se umas das outras, por vezes pelo desejo de dominar sobre outras pessoas ou exercer poder ou ainda pelo desejo de se sentir proeminente. Mas o serviço da mutualidade com os dons recebidos do Espírito Santo, convergem as pessoas umas às outras, e não divergem. A igreja local ao enfrentar o desafio que demanda dela servir a Cidade, as diferenças de governança eclesiástica, ficam de lado. O amor solidário converge os discípulos de Jesus na direção da missão. Urge um movimento na direção do resgate do serviço/ministério de mutualidade *indoor e outdoor* no contexto da igreja de Jesus. O Pastor novaiorquino, Timothy Keller, autor das obras *-Justiça Generosa e Ministério de Misericórdia*, em seu primeiro pastorado, em Hopewell, EUA, fez seu primeiro doutorado com concentração em “**Diaconia**” - Seu orientador o desafiou a defender e estudar a história do diaconato “e a desenvolver maneiras de ajudar as igrejas presbiterianas a recuperar o aspecto perdido de sua vida congregacional” (KELLER, 2013, p. 18). O que Keller

realizou em sua derradeira igreja na cidade de Nova York, criando a *Hope For New York* (<https://www.hfnny.org/>). Trabalho este que falaremos mais a frente. Por fim concluo essa sessão reafirmando a urgência do resgate do espírito voluntarioso de serviço cotidiano da comunidade dos discípulos de Jesus Cristo.

### **3.4 Diaconia e os diversos serviços no Reino**

Com o crescimento do número dos discípulos de Jesus, as necessidades e demandas sociais cresceram, a ponto de pôr em risco a *diakonia* (serviço/ministério) dos Apóstolos. Então, a igreja elegeu, sob a orientação dos Doze, sete homens preparados para o ministério da ação social. A medida resolveu a reclamação dos judeus nascidos nos países de fala grega quanto a omissão de suas viúvas estava na “distribuição” diária (*διακονία*). Os Doze disseram que: “*Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas.*” (At 6:2 NVI) De fato, o significado básico de *διακονέω* (*diakoneō*) é - “*serviço à mesa*”. Aqui aparecem os substantivos “*mesa*” e “*logos*” para fazer clara distinção entre servir no cuidado social das viúvas (*διακονέω τραπέζαις*) de servir na Pregação da Palavra (*διακονία τοῦ λόγου*). Servir as mesas pode ter duplo significado. “As mesas (trapezais) podem referir-se a mesas usadas para servir comida ou a mesas de dinheiro, isto é, bancos. Provavelmente foi usado aqui para se referir ao lugar onde os fundos

e suprimentos eram administrados para as viúvas” (TOUSSAINT, 1985, p.367).

Como já dissemos, *diakonia* é uma expressão usual para serviço ou ministério. O comentarista bíblico anglicano de *A Mensagem de ATOS*, John W. Stott, aponta para o fato de que em Atos 6:1 e 4 o ministério dos Doze e o ministério dos Diáconos são a mesma palavra (*διακονία* (*diakonia*)). Ele defende a relevância do ministério diaconal; o escritor resgata o papel do Ministério Diaconal na igreja. Assim, *diakonia* é um ministério ou um serviço que se exerce, conforme o dom que recebemos e o chamado que temos para servir a Deus e as pessoas da comunidade.

*A* Obra dos Doze e a obra dos sete são igualmente chamados de diaconia (1 e 4), “ministério” ou “serviço”; isso certamente é deliberado. A primeira é o “ministério da palavra” (v. 4), ou o trabalho pastoral, a segunda, o “ministério junto às mesas” (v. 2) ou trabalho social. Nenhum Ministério é superior ao outro. pelo contrário, ambos são ministérios cristãos, ou seja, meios de servir a Deus é o seu povo. Ambos exigem pessoas espirituais, “cheias do Espírito”, para exercê-los. Ambos podem ser ministérios cristãos de tempo integral. A única diferença esta na forma que cada Ministério assume, exigindo dons e chamados diferentes. (STOTT, 2008, p. 135)

Desta forma, o texto nos mostra uma distinção entre a obra de *misericórdia ou justiça generosa* e a obra da *pregação da Palavra*. Curioso que, posteriormente, dois dos “diáconos” eleitos pela comunidade passam a servir na pregação da Palavra, como evangelista eloquentes e destacados, são eles Felipe e Estevão, o último é martirizado pelo seu *διακονία τοῦ λόγου*. Entretanto, diz John Stott: “Não á aqui nenhuma sugestão de que os apóstolos considerassem a obra social do que a obra pastoral” (STOTT, 2008, p. 135).

Aliás, o Apóstolo Paulo, pregador e plantador de igrejas, se declara diácono do Evangelho de Cristo: “... *este é o evangelho do qual me tornei ministro (διάκονος)*” (Cl 1.23). Para as pessoas que queriam dividir a igreja em Corinto, Paulo diz – “*quem sou eu, e quem é Apolo? instrumento de Deus para que os homens creiam no Evangelho: “Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos (διάκονοι) e isto conforme o Senhor concedeu a cada um”* (1Co 3.5). E, para corroborar com esta tese citarei o teólogo Professor de Ética e Diaconia na FATEV, o Pastor Alf Oftestad que defende, logo no prefácio de sua obra, que “Diaconia, em virtude de sua importância na Teologia, é fundamental para todos os tipos de serviço eclesiástico” (OFTESTAD, 206, p. 9). No geral, *diakonia* era qualquer prestação de serviço, exercício de determinadas obrigações na comunidade, até mesmo a designação de coletas a favor dos mais pobres. Finalizo lembrando o que Stott sempre afirmou em suas

convicções reformadas do sacerdócio universal de todos os santos. “Nenhum Ministério é superior ao outro, pelo contrário, ambos são ministérios cristãos, ou seja, meios de servir a Deus e o seu povo” (STOTT, 2008, p. 134).

### **3.5. Diácono como um oficial da Igreja que cuida das causas solidárias**

Em Atos 6:1-7 encontramos o nascimento dos primeiros Diáconos da igreja. Neste texto percebe-se uma certa segregação cultural interna que não estava abastecendo as partes mais frágeis do tecido social naquela época, as viúvas dos judeus de fala grega, nascidos em terras helênicas, fruto da diáspora. Os Doze se viram no desafio de lidar com uma demanda crescente sem perder o foco no seu ministério pastoral, assim os Doze convocaram a congregação dos discípulos para resolver o problema. A decisão foi a criação de um **Ofício Diaconal**. À medida que uma igreja cresce ela enfrenta desafios, que podem engessar ou atrapalhar a rota de crescimento da igreja. Em Atos 6 havia “murmuração na igreja” por um problema que estava ocorrendo. Problemas ou conflitos, se bem administrados podem trazer a igreja de volta à rota de crescimento. Foi o que aconteceu com a igreja dos apóstolos em Jerusalém. Como resultado desta ação vemos a igreja voltar a crescer. Desta forma, em Atos 6:7 se diz que: “A palavra de Deus crescia e, em Jerusalém, o número dos discípulos aumentava” (OFTESTAD, 2006, p. 65).

Assim, a igreja cristã, sob a liderança dos Doze, elegeu Sete Diáconos. Mas, isto não quer dizer que somente o Diácono Oficial deveria servir ou praticar a justiça generosa (conceito trazido por Keller). Desta forma, a igreja cristã deve fazer teologia prática basilarmente diaconal, através de múltiplas frentes de reflexões e práticas respaldadas pela Palavra que vão muito além do serviço de serviço religioso (*latreia* ou *leitourgia* ) ou serviço de culto, programação ou liturgia. E digo ainda mais, a **diaconia da igreja** vai além de sua Junta Diaconal.

De qualquer forma, a relevância e seriedade do Ministério diaconal na igreja se revela nas exigências e qualificações destes. Os apóstolos mencionaram três qualificações para aqueles que seriam escolhidos para o serviço diaconal: 1) ter boa reputação, 2) ser cheios do Espírito e 3) ser cheio de sabedoria. Pois, estes iriam cuidar das doações, finanças e distribuição delas entre os mais necessitados de maneira equânime. Qualificações semelhantes as encontradas em Paulo, orientando seu discípulo Timóteo – “*Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos.*” (1 Timóteo 3:8). “Na Didaquê se diz com toda a naturalidade: escolhei para vós bispos e diáconos” (BEYER, 1965, p. 280).

Embora a comunidade dos discípulos tenha escolhido os sete homens, foram os Apóstolos, por meio da oração e imposição de mãos, que os ordenaram ao ofício diaconal. A prática de impor as

mãos sobre os outros era um gesto que significava empoderamento e delegação de autoridade. Veja os seguintes textos sobre imposição de mãos no Novo Testamento (At 8:17–19; 13:3; 19:6; 1 Tim. 4:14 –; 5:22; Heb. 6:2). Assim, o *διακονέω τραπέζαις* - servir as mesas – se torna um ministério específico e oficial na igreja. A ponto de Diáconos aparecerem em Filipenses 1:1 ao lado dos bispos: “*Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, juntamente com os bispos e diáconos*” (*ἐπισκόποις καὶ διάκονος*). “Os ‘diáconos’ eram os líderes da igreja que tinham responsabilidades especiais de serviço na assembleia (cf. Atos 6)” (LIGHTNER, 1985. 648-49).

#### **4. COSMOVISÃO REFORMADA**

##### **4.1 - A Doutrina do Sacerdócio Universal de Todos os Crentes.**

Todos os cristãos são diáconos. Destaco, em especial, uma doutrina defendida pela Reforma Protestante do século 16, que é o Sacerdócio de todos os Crentes. Pedro chamou os cristãos de "sacerdócio santo" (1 Pedro 2:5). Nós cristãos Reformados entendemos que o único intermediário entre Deus e o homem é unicamente Cristo, que através de sua obra vicária todos os discípulos de Jesus são *reis e sacerdotes*, estes têm acesso direto a Deus, não precisam de um intermediário, exceto Cristo. Desta forma, a ideia de separação entre clero e leigos perdeu o sentido. John Stott, comentando sobre Atos 6 afirma que todos os discípulos de Jesus são

ministros (diáconos) e cada um tem um ministério ou diaconia. Isto significava que o sacerdócio era um aspecto de mutualidade na igreja, ou seja, a comunidade dos discípulos servia uns aos outros e aos de fora da igreja. “Os reformadores insistiram no sacerdócio universal dos crentes em oposição ao clericalismo da igreja Romana da época. Eles afirmaram o princípio bíblico de que todo cristão é ministro de Deus, de que cada pessoa é um sacerdote” (NASCIMENTO, 1999, 4/2). A Reforma resgatou esses princípios fundamentais para a fé cristã. Biéler relembra que “outra afirmação essencial da Reforma é que a vocação e a responsabilidade individual, que o evangelho confere a cada indivíduo, levam ao exercício do sacerdócio universal da igreja” (BIÉLER, 1999, p. 52).

Em Gálatas 6:9-10, o Apóstolo Paulo exorta a igreja a fazer *o bem* prioritariamente aos domésticos da fé. De fato, como diz o comentarista Donald Campbell: “A igreja não é uma agência de trabalho social, embora cristãos individuais sejam encarregados de ministrar dessa maneira...” (CAMPBELL, Donald K. 1985, pag. 611). Campbell também reconhece que “os cristãos têm certa medida de responsabilidade para com todas as pessoas de fazer o bem, quando surgem as ocasiões” (CAMPBELL, pag. 611). Ao mesmo tempo que a responsabilidade diaconal de cada cristão, individualmente, não pode ser terceirizada para a igreja, também as pessoas da igreja podem se organizar para melhor servir a cidade

*(fazer o bem a todos)*. Na Igreja Presbiteriana temos o ofício do Diácono que se une em uma organização chamada, pela Constituição da IPB, de “Junta Diaconal” para melhor atender aos domésticos da fé. Entretanto, a pergunta é: e quem serve os de fora da igreja? Não seria a igreja toda? Os crentes em sua vida diária e comum exercendo seu sacerdócio real servindo para a transformação integral da cidade.

#### **4.2 Diaconia na visão de João Calvino e Reforma Protestante.**

Calvino ensinou e estabeleceu a prática social de cada cristão na cidade de Genebra. Mas também estabeleceu o ofício diaconal em Genebra para que cuidasse do aspecto solidário da igreja. No terceiro capítulo do IV livro da sua maior obra, *As Institutas da Religião Cristã*, ele ensina o cuidado com os pobres como ofício diaconal, dividindo o em duas modalidades distintas. O primeiro tinha uma função exclusivamente administrativa em relação as doações e ofertas de generosidade; o segundo, por sua vez, tinham a função de se dedicar ao cuidado dos pobres e dos enfermos. Calvino investiu em duas frentes sociais na cidade - o Hospital Geral e o Fundo Francês. O Hospital Geral para prestar “assistência aos enfermos, pobres, órfãos e idosos” (BIÉLER, 2019, p. 209).

Como já analisamos, Atos 6 é o registro sagrado do nascimento e organização do “diaconato”. Calvino ensina nas *Institutas* que mesmo que a palavra diaconia tenha algo genérico em um sentido

mais abrangente, em Atos dos Apóstolos capítulo 6:6 7, os sete homens escolhidos pela igreja são ordenados pela imposição de mãos. CALVINO, ..., livro 4, p. 71). O mesmo rito que confere aos pastores e presbíteros na ordenação ao Senhor para o ministério. “Daí a diferenciação dos termos, diaconia e diaconato. ***O primeiro remete ao serviço que é de responsabilidade de todo o cristão.*** Já o segundo, é um ofício instituído na igreja com a finalidade de cuidar do pobre” (OLIVEIRA, p.18, ano 2019). André Biéler diz que “A ação social reformada não se limita à assistência. Visa o homem em sua totalidade, ser espiritual e material” (BIÉLER, 2019, p. 214). Calvino pregava que: “Ao praticar uma caridade, os cristãos deveriam ter mais do que um rosto sorridente, uma expressão amável, uma linguagem educada. Em primeiro lugar, deveriam se colocar no lugar daquela pessoa que necessita de ajuda” (CALVINO, 2001 p. 39). Com Calvino aprendemos que, uma Igreja Reformada não pode ser um sindicato que se preocupa somente com sua classe social ou eclesiástica. Paulo e os apóstolos estavam servindo a Deus nas ruas da cidade, nas praças da cidade, além das casas. Calvino transformou uma cidade inteira e impactou o mundo todo. Ser reformado é pensar a cidade e agir na direção de transformá-la em um lugar que glorifica a Deus.

O historiador e pastor, Alderi S. Matos, escreveu um artigo na revista *Fides Reformata* que vale a pena se debruçar sobre ele. Concordo com ele quando diz que: “Provavelmente a principal

contribuição teológica de João Calvino ao entendimento reformado do bem-estar social é aquela encontrada nas suas ideias acerca do diaconato” (MATOS, 1997, p. 4). Calvino concebeu a ideia do duplo diaconato, o que argumenta mais ainda a favor da tese de que a igreja de Cristo é a serva de Deus e todos os cristãos verdadeiros podem assumir o ministério da diaconia, embora uns atuem no ministério do diaconato (muito foi valorizado por Calvino) e outros são oficiais. Entretanto, o **duplo diaconato** significa que uns fazem a gestão dos recursos para a caridade e outros visitam, assistem e oram com os com os mais necessitados que sofrem privação e estão em situação de vulnerabilidade social.

Calvino insistiu que deveria haver dois tipos de diáconos: administradores, que recolhiam e geriam os fundos destinados ao socorro dos pobres, e assistentes sociais, inclusive viúvas, que utilizavam esses fundos na assistência direta aos carentes. Este conceito de um duplo diaconato é particularmente característico de Calvino, a versão definitiva deste ensino sendo encontrada na edição de 1559 das Institutas (4:3:9).3 (MATOS, 1997, p. 6).

## 5. COSMOVISÃO E MISSÃO

### 5.1 Diaconia como testemunho ao mundo

A verdadeira diaconia cristã é um *testemunho* do amor de Deus, o Criador e Redentor. Pessoas são impactadas por ações da justiça generosa de uma igreja local. Visitei, uma pequena cidade pernambucana que faz divisa com Alagoas, que fora devastada pelas

enchentes de 2009. A pequena cidade foi arrasada pelas fortes chuvas, o templo fora destruído, a casa da viúva ao lado da igreja fora destruída. O Conselho de Ação Social – IPB – o CAS, fez uma campanha nacional e reconstruiu, primeiramente a casa da viúva, e depois, o templo. Reconstruir a casa dessa viúva foi um grande testemunho que marcou a presença da igreja na cidade. Ações sociais na cidade pavimentam o caminho para azeitar a compreensão do Evangelho. O teólogo e missionário canadense Michael W. Goheen escreveu o seguinte: “Nossas palavras também serão ouvidas como críveis se forem autenticadas com atos de misericórdia e justiça” (GOHEEN, 2014, p. 258). O aspecto missionário da igreja não a deixa ser uma igreja para dentro, tão somente, ensimesmada em sua busca frenética por preservar o conforto dos domésticos da fé, mas, sua visão sempre deve ser voltada para ser testemunha (Atos 1:8) como os diáconos Felipe e Estevão. Goheen aponta que precisamos mais que falar e fazer, precisamos SER boas novas às pessoas, ou seja, SER portador de esperança em Cristo para a cidade.

Diáconos, cientes do poder do evangelho, com os olhos voltados para as necessidades na igreja e da comunidade juntamente com uma imaginação que procura encontrar meios de atender essas necessidades, e cujo o amor e misericórdia pelos necessitados é contagiante, podem ser parte inestimável de uma congregação que deseja ser boas novas na vida da comunidade. (GOHEEN, 2014, p. 258).

De fato, as ações diaconais da igreja reverberam mais alto que seus discursos verbais. Tiago já nos alertou que a fé sem obras é morta. O testemunho falado é, certamente, azeitado pelo serviço amoroso da igreja, uns aos outros, e aos mais vulneráveis socialmente. O testemunho cristão é arriscado e perigoso, mas a igreja não pode se acovardar e a exemplo da parábola do (bom) samaritano, em Lucas 10, segue em direção ao socorro dos caídos à margem do caminho, marginalizados e desprezados e em situação de vulnerabilidade social. Campinas, onde nosso SPS nasceu em 8 de setembro de 1888, uma cidade chamada de vale do cilício brasileiro, acorda com uma notícia triste em um de seus principais jornais, O Correio Popular: “Um em cada quatro campineiros recebia algum auxílio social em 2020.”<sup>2</sup> Numa cidade de pouco mais de 1 milhão de habitantes temos mais de 250 mil habitantes vivendo na linha de vulnerabilidade social. Veja, no mesmo artigo, os dados da pobreza em Campinas de 2020, em meio a pandemia do coronavírus, ainda é o mesmo hoje, em 2024.

A difícil realidade da família é a mesma que era vivida por um em cada quatro moradores de Campinas em 2020. O quadro, que contrasta com o potencial econômico da cidade, é revelado pelo diagnóstico “Mapeamento da Vulnerabilidade no município de Campinas: dados exploratórios do CadÚnico”, elaborado pelo Observatório PUC Campinas, que mostra que 274.465 pessoas estavam

---

<sup>2</sup> MONTEIRO, Edimarcio A. -Correio Popular 8/2/24, <https://correio.rac.com.br/campinasermc/um-em-cada-quatro-campineiros-recebia-algum-auxilio-social-em-2020-1.1474435>.

cadastradas para ter acesso a algum tipo de serviço do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em 2020.<sup>3</sup>

## **5.2 Diaconia como agente de transformação.**

Através de uma cultura diaconal a comunidade local, sobre a liderança de sua Junta Diaconal, sensível à sua vizinhança, vê como oportunidade comunicar a vida em Jesus através do serviço a outrem, aos que carecem de cuidado e apoio. Nos meus 20 anos de ministério, enquanto pastor na Igreja Presbiteriana Nova Jerusalém, em Campinas, SP, tive a oportunidade de experimentar a transformação da igreja se envolvendo com as necessidades do seu entorno mais carente. A igreja passou a ser uma referência para aquela localidade; mobilizada pelo espírito diaconal, criou cursos de alfabetização para adultos, quando ainda nada igual havia sido oferecido pelos órgãos públicos. Consertou portas de classe de aula da Escola Pública próxima da igreja, em mutirões aos sábados. Ofereceu o curso do Sebrae para empreendedorismo a comunidade da Favela, que ficava em frente à igreja. Criou escola de judô para ensinar a disciplina às crianças e adolescentes, que ficavam nas ruas perambulando em situação de risco e vulnerabilidade no contraturno escolar e muitas outras ações que gerou transformação integral no bairro. Hoje sou o pastor responsável pela Junta Diaconal e ação social da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, já há dez ano.

---

<sup>3</sup> Idem, Op Cit.

Temos promovido muitas ações solidárias aos mais vulneráveis da cidade; através de campanhas de doação de alimento e agasalho, palestras sobre saúde da mulher e doação de absorves (doamos mais de 80 mil absorventes) e mais kit de higiene feminino, em parceria com dez OSC (Organização da Sociedade Civil). Apoiamos com voluntários e financeiramente. Apoiamos Abrigos e Casas Lares para órfãos, Casas de acolhimento para a pessoa idosa e inúmeras OSCs que trabalham com crianças e adolescentes moradoras de favelas; e por fim refugiados de diferentes etnias e origens.

Contudo, o objetivo jamais foi proselitista, mas em primeiro lugar, ser um testemunho do Reino de Deus e do amor de Jesus. Em segundo lugar, manifestar compaixão e misericórdia às pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social. Uma igreja diaconal existe para abençoar as pessoas, promover o bem comum, não só dos seus membros, mas também das pessoas urbes. Keller nos impacta com o relato do testemunho da Igreja Presbiteriana em Taiwan. Ele conta que essa igreja começou a denunciar os abusos e violação dos direitos humanos.

Quando a Igreja Presbiteriana da República da China (Taiwan) começou a denunciar a violação de direitos humanos perpetrada pelo governo mandarim, controlado por uma minoria, ela descobriu que a grande parte dos taiwanenses estava receptiva ao seu ministério. O evangelho se espalhou entre o povo sofrido quando a igreja se mexeu para ajudá-lo em sua necessidade (KELLER, 2016, p.132)

Enquanto concluo de escrever este artigo, recebo a notícia do falecimento Rev. Timothy Keller, plantador da famosa Redeemer Presbyterian Church (<https://www.hfny.org>) de New York e fundador da Instituição Social, Hope For New York, que realiza um fabuloso trabalho de apoio às mais variadas manifestações de ações sociais de New York City. Curioso o seu interesse por esse tema, escrevendo vários tratados. Não me surpreendo que o reverendo Keller fez seu primeiro doutorado em diaconia. Cito uma de suas falas. “Qualquer pessoa que foi mesmo tocada pela graça de Deus irá se dedicar com força total para ajudar os pobres” (KELLER – 2013, 69).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade dos discípulos do Senhor Jesus Cristo é uma comunidade de diáconos que estão a serviço de Deus no mundo, como o próprio Senhor Jesus, o modelo de servo que deu sua vida para todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida. Eterna (Jo 3:16). Com seu exemplo e ensino Ele mudou o conceito greco-judaico de *diakonia*, e muito mais, trouxe um estilo novo de vida entre os seus seguidores. De forma que como igreja somos todos chamados para o serviço sob o comando do Soberano Senhor para o bem da humanidade.

O Ministério de misericórdia é tanto para com os de dentro, os “domésticos da fé” como disse Paulo, como para os de fora da

igreja. Essa dimensão diaconal pavimentava o caminho dos semeadores da Palavra no contexto urbano. Temos muitos exemplos na história da igreja, e a Reforma Protestante, com Calvino, mostra-se relevante. Por fim, terminamos com alguns exemplos atuais relacionados ao meu ministério nos últimos 30 anos em que estive envolvido e ainda estou. Este trabalho teve por intuito despertar à reflexão teológica daqueles que estão se preparando para serem protagonistas na sociedade, não meros repetidores de informação. E sim, agentes do Reino de Deus para a transformação por meio do Evangelho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CALVINO, João. **A verdadeira vida cristã**. São Paulo: Editora Novo Século, 2001.

CALVINO, João – **As INSTITUTAS** – ou Tratado da Religião Cristã, Edição Clássica, Livro IV.

CAMPBELL, Donald K. 1985. “**Galatians**”. In **The Bible Knowledge** Commentary: An Exposition of the Scriptures, orgs. J. F. Walvoord e R. B. Zuck. Wheaton, IL: Victor Books.

BIÉLER, André, **A Força Oculta dos Protestantes**, Cultura Cristã, SP, 1999

BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. 1. ed. [s.l.]: Cultura Cristã, SP, 2019.

COLE, R. Alan – **Êxodo, introdução e comentário**, Mundo Cristão, 1981, SP.

COSTA, Hermisten Maia Pereira - **Introdução à cosmovisão reformada: anotações quase aleatórias** (5), 2013-  
<https://teologiabrasileira.com.br/introducao-a-cosmovisao-reformada-anotacoes-quase-aleatorias-5/>

NORDESTOKKE, Kjell – **O estudo da diaconia como disciplina acadêmica, Estudos Teológicos/faculdade EST – v 55, n.2, 2015**, São Leopoldo. Art. Kjell.

GOHEEN, Michael W. - **A Igreja Missional na Bíblia - luz para as nações**, Editora Vida Nova. 2014.

GRASSMICK, John D. 1985. **“Mark”**. In **The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures**, orgs. J. F. Walvoord e R. B. Zuck. Wheaton, IL: Victor Books, 154.

KELLER, Timothy- **Justiça Generosa – a Graça de Deus e a justiça social**. SP, Ed. Vida Nova, 2013.

KELLER, Timothy- **Ministério de Misericórdia – chamado para a estrada de Jericó**. SP, Ed. Vida Nova, 2016.

KITTEL, Gerhard – **A Igreja no Novo Testamento**, Aste, SP, 1965.

KLIPPENSTEIN e Rebekah Hurst. **Lexham Theological Wordbook**.

Lewellen, Eric. 2014. “Servant” orgs. Douglas Mangum, Derek R. Brown, RacheL.

LIGHTNER, Robert P. 1985. **"Filipenses"**. **The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures**, orgs. J. F. Walvoord e R. B. Zuck. Wheaton, IL: Victor Books, 648-49.

MATOS, Alderi S. - **Artigo da revista Teológica** Fides Reformata [https://ipbvit.org.br/files/2012/09/Diaconia\\_Alderis\\_1997.pdf](https://ipbvit.org.br/files/2012/09/Diaconia_Alderis_1997.pdf) .

MORRIS, Lion L, **LUCAS - introdução e comentário**, Mundo Cristão, 1974, SP.

NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. **O Laicato Na Teologia E Ensino Dos Reformadores** – Revista Fides Reformata 1999.

OFTESTAD, Alf B. - **Vivendo diaconia - edificando a igreja através do cuidado pessoal e social** – Ed. Encontro, Curitiba, 2006.

OLIVEIRA, Thiago – **Cuidando dos Pobres: O ministério diaconal da igreja**, Ed. Alicerce – ebook.

STARNITZKE, Dierk – **Diaconia – Fundamentação bíblica – concretizações éticas**. Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2013.

STOTT, John R.W. – **A Mensagem dos ATOS – até os confins da terra**, ABU, SP 2008. COLE, R. Alan – **Êxodo**, introdução e comentário, Mundo Cristão, 1981, SP.

STOTT, John R.W. **O Discipulado Radical**, Ed. Ultimato, 2021, Viçosa.

TOUSSAINT, Stanley D. **"Atos" The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures**, orgs. J. F. Walvoord e R. B. Zuck. Wheaton, IL: Victor Books. 1985.

## **ABSTRACT**

This text delves into pastoral reflections on the practice of Christian service within the Church of Christ, extending mercy to others from the perspective of the vocation of all believers. This serves the

common good and involves pastoral care, primarily for the "domestics of the faith," as well as the broader community surrounding the local Church and the nation on a global scale. The aim is to transform reality under the influence of the principles and values of the Kingdom of God. In Christ, the Diaconia serves as both the Master and an example, impacting future generations and cultures. The text briefly explores the fundamental concepts of the word "diakoneo" within Greek-Jewish cultural worldviews and the New Testament worldview, all from the perspective of Reformed Theology. It is noted that Calvin teaches that the word diakonia has a more generic, comprehensive sense and remains active in Geneva in the 21st century. Further, the implications of diakoneo on the daily lives of the community of Jesus' disciples are discussed, including their service to each other through spiritual gifts and talents, as well as to the most vulnerable, both inside and outside the Church. Finally, diakoneo is considered from a missiological view, emphasizing the Church's mission to proclaim the Gospel of Christ through both Word and Works, making followers, and teaching them to live a lifestyle that embodies Christ's love and obedience to his Word.

## **KEYWORDS**

Diakonia; Service; Social Action; Church; Mercy; Worldview and Witness

# **ABORDAGENS INTEGRADAS DA IGREJA NA ASSISTÊNCIA A FAMÍLIAS COM MEMBROS PORTADORES DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA E TEOLÓGICA.**

*Natã Ventura Dutra<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Este artigo explora as implicações familiares e sociais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e propõe uma abordagem integrada pela igreja para acolher e evangelizar famílias afetadas pelo TEA. A prevalência crescente do TEA, com estimativas apontando para cerca de 6 milhões de brasileiros afetados, exige uma atenção especial tanto da sociedade quanto das comunidades religiosas. O diagnóstico de TEA traz consigo uma série de desafios para as famílias, que incluem questões de adaptação, comunicação, socialização e estabilidade familiar, impactando significativamente a dinâmica familiar e o bem-estar emocional de seus membros. Diante deste cenário, o artigo destaca a importância de uma perspectiva antropológica para entender as situações vivenciadas por essas famílias, sublinhando os desafios e dificuldades enfrentados.

---

<sup>1</sup> Atualmente cursando o Bacharelado em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, da Igreja Presbiteriana do Brasil. É candidato ao sagrado ministério pelo Presbitério Juizforano (PRJF – Juiz de Fora, MG). Servindo como seminarista na Igreja Presbiteriana de Barão Geraldo (Campinas-SP). Cirurgião dentista atuando na área desde 2012. Especialista em Ortodontia (Pós- Graduação *lato sensu*) pela ICS- Funorte, Ipatinga-MG (2012-15) e Bacharel em Odontologia pela UNIFENAS, Alfenas-MG (2007-11).

Além disso, discute-se o papel da igreja na oferta de suporte, acolhimento e evangelização a esse grupo frequentemente marginalizado, propondo um modelo de abordagem bíblico-teológica, social, técnica e pastoral. A abordagem bíblico-teológica enfatiza a visão de que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, merecedor de dignidade e respeito. A perspectiva social sugere a igreja como um espaço acolhedor e inclusivo, enquanto a técnica recomenda a promoção de eventos informativos para educar a comunidade sobre o TEA. Por fim, a abordagem pastoral enfoca no apoio direto às famílias e na inclusão de crianças com TEA em atividades eclesiais, fortalecendo o senso de comunidade e pertencimento.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Autismo na Igreja; Igreja e TEA; Famílias TEA

### **1. INTRODUÇÃO**

Uma pesquisa conduzida em 2021 revelou que a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças é estimada em cerca de 1 para cada 36. Diante dessa constatação, é possível inferir a existência de aproximadamente 6 milhões de autistas no Brasil. O TEA acarreta uma gama de desafios relacionados à adaptação, cognição, comunicação e socialização, variando de acordo com a gravidade de cada caso. Diante dessas adversidades, as famílias enfrentam obstáculos significativos para reorganizar-se e atender às necessidades da criança autista, resultando em instabilidade familiar

e causando sofrimento aos pais, irmãos e outros membros da família nuclear, e especialmente à própria criança.

Ao observar essas informações, destaca-se a urgente necessidade de proclamar o evangelho de Jesus Cristo a esse público frequentemente marginalizado pela sociedade. O objetivo fundamental deste trabalho é oferecer um panorama antropológico das situações enfrentadas por famílias que têm um membro autista, destacando seus desafios e dificuldades. Além disso, visa apresentar ferramentas e estratégias para que a igreja possa estabelecer contato com essas famílias, acolhê-las com amor e compartilhar as boas novas do evangelho.

## **2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

### **2.1. O que é?**

O transtorno do espectro autista - deste ponto em diante tratado como TEA, visto ser a nomenclatura mais utilizada - (BARRETO 2020, p.20) é um dos transtornos do neurodesenvolvimento listados na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), caracterizado por deficiência na comunicação social e interação, comportamento repetitivo, rigidez de comportamento (dificuldade extrema de lidar com mudanças). Essas características podem ser mais ou menos evidentes de acordo com o grau de transtorno, dificultando assim o diagnóstico em casos mais “leves”. No entanto,

a comunicação social sempre estará abaixo dos padrões gerais de desenvolvimento para a idade. Tais deficiências causam prejuízo na vida social do indivíduo. O TEA pode ser classificado nas seguintes especificações: nível 1, nível 2 e nível 3, que podem variar de acordo com o contexto ou oscilar com o tempo. (ROCHA 2018, p. 233).

**Nível 1)** “Exigindo apoio”: apresenta dificuldade nas interações sociais e aparenta pouco interesse em se relacionar. Consegue falar frases inteiras e participar de uma interação mesmo que pareça estranha aos olhos de outras pessoas. Geralmente apresenta comportamento inflexível, com dificuldade para mudar de atividade. Podem ocorrer também problemas de organização e planejamento, o que pode gerar impacto na independência e autonomia.

**Nível 2)** “Exigindo apoio substancial”: apresentam déficits graves na comunicação verbal e não verbal e as dificuldades ficam evidentes mesmo com apoio de terceiros. A comunicação não verbal causa estranheza e a interação é limitada a interesses reduzidos e frases simples. São características marcantes inflexibilidade no comportamento, a dificuldade em lidar com mudanças, além de um comportamento repetitivo que pode ser percebido por um observador casual (estereotipia).

**Nível 3)** “Exigindo apoio muito substancial”: prejuízo grave na fala e comunicação não verbal. Não inicia interações sociais e responde minimamente às interações iniciadas por outras pessoas.

Comportamento inflexível com grande sofrimento para lidar com mudanças. Os comportamentos repetitivos (estereotipia) interferem negativamente e de forma acentuada em todas as esferas do indivíduo.

Essas classificações de gravidade podem oscilar de acordo com o tempo e com o contexto. (BARRETO 2020, p.p 20-21).

## **2.2. Prevalência**

Segundo nota divulgada em abril de 2023 pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC 2023), o maior programa de base populacional para monitorar autismo, 1 em cada 36 crianças nascem com o transtorno do espectro autista (TEA). Esse número vem crescendo muito nos últimos anos. Pesquisa semelhante foi realizada em 2000, obtendo o resultado de 1 caso a cada 150 crianças, número quatro vezes menor que o atual. As principais hipóteses para este aumento podem ser o maior acesso ao diagnóstico por parte da população; maior número de profissionais capazes de diagnosticar; pais, professores e pediatras mais conscientes e informados; compreensão melhor dos casos “leves”; fatores ambientais como pais em idade mais avançada e estresse gestacional entre outros (G1 2023) (CDC 2023).

A falta de dados estatísticos em pesquisas nacionais dificulta a análise de prevalência do autismo no Brasil. Apesar disso, pode ser

calculada uma estimativa baseada nas pesquisas do CDC, com base na população do país. Através deste cálculo poderia ser sugerido o número de aproximadamente 6 milhões de brasileiros com transtorno do espectro autista.

### **2.3. Desafios familiares**

Os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com TEA se iniciam logo nos primeiros meses de vida. Há uma desconfiança que o filho não está se comunicando e interagindo com o ambiente e com as pessoas da maneira como seria esperado. Inicia-se então uma série de exames e consultas com vários profissionais até que se chegue em um veredito. O diagnóstico é sempre clínico, baseado na observação de comportamentos da pessoa. O problema é que, no Brasil, há famílias que levam de 2 a 5 anos para passar por esse processo, nas melhores situações, a família descobre o autismo quando a criança tem por volta de 1 ano e meio (G1 2023).

Diante desse quadro estabelecido, a dinâmica familiar passa por sérias alterações: rotinas de consultas e terapias com fonoaudiólogo, psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, nutricionista, médicos fazem com que algum dos pais geralmente tenha que se dedicar integralmente aos cuidados da criança. Esse posto é ocupado pela mãe em cerca de 80% dos casos; a renda familiar é comprometida, tanto pelo fato de o cuidador precisar parar

de trabalhar quanto pelo alto custo das terapias; existe uma grande carga de estresse sob os pais e mães (BARRETO 2020, p.p.22-28).

As mães apresentam questões relacionadas à culpa, incapacidade de exercer a maternidade, à tensão psicológica causadas pelas crises do filho. Já os pais apresentam maiores níveis de estresse em razão da condição de suas esposas do que relacionado ao TEA especificamente (BARRETO 2020, p.p. 22-28).

Tensões no seio familiar se estendem em múltiplos aspectos: ambos (marido e mulher) muitas vezes têm de deixar projetos, sonhos ou carreiras devido as demandas do filho; instabilidade no casamento, podendo gerar divórcios; muitas famílias precisam receber apoio dos avós para complementar a renda, em alguns casos os avós precisam retornar ao mercado de trabalho; outros filhos do casal sentem-se negligenciados em alguns casos, vindo a precisar de acompanhamento psicológico entre outras dificuldades (BARRETO 2020, p.p. 22-28).

### **3. DIMENSÕES ÉTICAS**

#### **3.1. Quem são?**

Famílias que possuem uma criança com TEA passam a fazer parte desse grupo a partir das primeiras suspeitas de que existe algo fora do comum com o filho. A primeira suspeita é de um retardo mental ou surdez. Diante dessa suspeita, inicia-se um movimento de “esconder a criança” gerando isolamento tanto dos pais quanto do filho. Enquanto isso, começa a busca por um diagnóstico e

tratamento. Paralelamente, ainda persiste o sentimento de culpa e uma busca pela “origem” do problema, baseada em crenças populares: “será que foi algo que fiz?”, “será que é espiritual?” (BARRETO 2020, p.p. 22-28).

Os familiares geralmente oscilam entre reações diversas, como aceitação, preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos. A rotina familiar sofre profundas mudanças devido ao cuidado e atenção dispensados à criança, dentre elas a necessidade de renunciar às atividades profissionais (HOFZMANN, 2019 p. 65).

Em relação às dificuldades enfrentadas, o comprometimento financeiro foi citado como maior problema. O orçamento familiar passou a ser comprometido com gastos em tratamentos necessários à criança, somados à perda de emprego de alguém da casa (HOFZMANN 2019 p.66). Outro problema relatado em estudos é uma taxa de divórcio mais acentuada em casais cujo filho possui TEA, 50,7%, contra 38,4 % nas famílias com filho em desenvolvimento típico (MACHADO, 2022 p.250).

### **3.2. Valores:**

Em contraste com as dificuldades, os familiares relataram a aprendizagem que tiveram a partir da convivência com a criança autista, e os pontos positivos existentes nesta convivência. Dentre os relatos, alguns enfatizaram a valorização das pequenas vitórias

relacionadas à evolução no desenvolvimento da criança autista, situações antes despercebidas pelos mesmos: “Mas o que a gente aprende, é basicamente comemorar com as pequenas vitórias [...]” (HOFZMANN 2019, p.66).

Foram relatadas também habilidades e/ ou facilidades que a criança apresenta em sua vivência cotidiana, na perspectiva dos familiares. Dentre essas, as habilidades/facilidades com música, aparelhos smartphones, letras e números, e a compreensão de vídeos e músicas em inglês (HOFZMANN 2019, p.66).

Quanto à perspectiva de futuro apontado pelos familiares em relação à criança com autismo, detectou-se a busca pelo melhor apoio e amparo hoje, evitando dificuldades nos dias vindouros, além de não dispensar a fé em Deus e a esperança em vitórias e conquistas: “O futuro da minha filha, enquanto eu tiver vivo, eu quero fazer o melhor por ela. Aí depois eu não sei né! Espero em Deus!” (HOFZMANN 2019, p.66).

A resiliência é um ponto muito forte observado nestas famílias, virtude desenvolvida principalmente por causa das circunstâncias adversas enfrentadas. Podem ser destacados também autonomia e criatividade para resolução de problemas (BARRETO 2020, p.32).

### **3.3. Organização social e valores religiosos:**

As famílias com portadores de TEA após o diagnóstico ou na fase de investigação, tendem a fazer os seguintes movimentos de organização social: afastamento social da família pela dificuldade do filho se relacionar em ambientes sociais por causa da alta sensibilidade ao barulho, falta de vínculo e dificuldade de comunicação; aproximação da família à outras famílias de pessoas com TEA e outros transtornos e deficiências, organizando entidades coletivas ou grupos de apoio; aproximação da família a grupos de entidades religiosas (HOFZMANN, 2019 p. 67).

Como valores religiosos, as famílias encontram melhor aceitação da condição do filho através do entendimento transcendental e também obtém esperança quanto ao futuro que é reservado ao filho. Sendo assim, a espiritualidade atua também como importante fator de proteção a essas famílias (BARRETO 2020, p.52).

De um modo geral, a espiritualidade e a religiosidade contribuem para uma melhor qualidade de vida e bons resultados na recuperação de doenças físicas e mentais, além de auxiliar indivíduos com menos recursos sociais e pessoais, pode também fortalecer o indivíduo, através da fé, ajudando a lidar com as condições de forma mais eficaz e facilitando a adaptação a situações de estresse (BARRETO 2020, p.52).

Por se tratar de um recorte bastante específico da população, não foram encontrados dados suficientes para se traçar um perfil estatístico de religião dessas famílias, o que pode ser inferido é o que se tem por meio dos dados sobre religião no Brasil, em que estima-se em torno de 50% católicos, 31% evangélicos, 10% sem religião, 3% espíritas, 2% adeptos de religiões afro-brasileiras, 3% outras, segundo pesquisa Datafolha de 2020. (G1 2020). No entanto, estudo realizado na cidade de Embu das Artes-SP em 2019, com mães de pessoas com TEA, encontrou-se a estatística de que 72,2% declararam ter uma religião, quanto 27,8% declaram não ter. Dessa amostra, dentre as que declaram ter uma religião, apenas metade delas afirmou ser praticante. Destas praticantes, é importante relatar que a maioria tinha nos encontros religiosos seu único contato social fora de casa na semana (BARRETO 2020 p.52).

Analisando os dados e informações acima, é possível tirar algumas conclusões e discutir sobre propostas para que este público possa ser acolhido, cuidado, integrado e apresentado às boas novas do evangelho de Jesus Cristo.

#### **4. PROPOSTA DE CONEXÃO COM O GRUPO**

Para uma melhor abordagem do assunto e facilidade de elaboração estratégica, o grupo principal será dividido em subgrupos e, em seguida, serão apresentadas abordagens bíblico-teológica, social, técnica e pastoral com finalidade de aproximação,

acolhimento, integração e proclamação do evangelho. É importante salientar que essas divisões serão somente para efeito didático e que a conexão com o grupo deve se dar de maneira integral e simultânea.

#### **4.1. Subgrupos:**

Uma vez que a igreja local decida por uma abordagem de evangelização e acolhimento das famílias com filhos portadores de TEA, deve-se considerar as seguintes situações que podem surgir: famílias que já existam no seio da igreja e que estão integradas com os demais membros e a comunidade têm conhecimento do diagnóstico da criança; famílias que já frequentam a igreja, mas não tem o diagnóstico formal, ou estão “escondendo” das outras pessoas, seja por medo de rejeição ou negação; famílias que já frequentaram outras igrejas, mas não se sentiram acolhidas devido a condição do filho, às vezes por uma teologia equivocada a respeito da situação ou por falta de acolhimento; famílias de não crentes, que vieram atraídos pela visão que a igreja tem para com o TEA, tomando conhecimento disso através de eventos ou mídias, sem conhecer alguém especificamente da igreja; famílias de não crentes, que vierem através de convite de amigos, que divulgam a visão da igreja a respeito do tema. Cada sub grupo terá suas peculiaridades, e a igreja local deverá estar preparada para acolhê-los e integrá-los através de diferentes abordagens.

#### **4.2. Abordagem bíblico- teológica:**

É imperativo que a igreja local possua um entendimento sólido de que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:27). Assim, cada indivíduo deve ser tratado com dignidade, igualdade e respeito. Em Cristo, não há distinção entre judeu ou grego, pobre ou rico, preto ou branco, típico ou atípico, pois Deus não faz acepção de pessoas (Gálatas 3:28; Romanos 2:11). Este conhecimento deve ser disseminado para as famílias com membros portadores de TEA, mas, crucialmente, esse conceito só terá efeito prático se for vivido pela igreja.

A apresentação de uma cosmovisão cristã sobre a criação, os efeitos da queda e o sacrifício redentor de Jesus Cristo oferece uma compreensão mais profunda dos motivos por trás do sofrimento no mundo (Romanos 5:12; 1 Coríntios 15:22). Além disso, ela proporciona esperança àqueles que, em Cristo, esperam por redenção e renovação completa (2 Coríntios 4:16-18). Compreender tudo isso libera os pais do fardo de culpa pela condição de seus filhos, orientando-os a encarar essa situação não como uma maldição, mas como uma oportunidade para glorificar a Deus, sendo capacitados a compartilhar essa perspectiva com outras famílias que enfrentam desafios semelhantes (2Co 1:3-4).

No contexto do acolhimento de famílias de pessoas com autismo, uma das angústias mais profundas e prevalentes é a questão da salvação espiritual de seus entes queridos que podem não ter a capacidade de compreender intelectualmente o evangelho devido a

suas condições. Este questionamento, profundamente enraizado nas preocupações existenciais e espirituais, encontra uma perspectiva de resposta no âmbito teológico, especialmente a teologia reformada, que defende a doutrina da vocação eficaz, da soberania de Deus e da aliança.

A Confissão de Fé de Westminster, um pilar na articulação dos princípios doutrinários do Calvinismo, aborda a salvação com ênfase na predestinação e na vocação eficaz, integrando profundamente a doutrina da aliança neste contexto. O Capítulo X, denominado "Da Vocação Eficaz", descreve a salvação como uma manifestação da soberania divina, que transcende a capacidade humana de reconhecimento ou resposta voluntária ao convite de Deus. Este capítulo enfatiza que todos os predestinados à vida eterna são inquestionavelmente convocados por Deus, por meio de Sua Palavra e Espírito, sem consideração por suas habilidades intelectuais ou condições físicas (DIXHOORN 2017 p.164).

Especialmente relevante é o parágrafo 3 deste capítulo, que oferece conforto às famílias de pessoas com autismo, assegurando que crianças que falecem na infância e, por extensão, indivíduos que não podem ser alcançados por métodos convencionais de ministração da palavra, devido às limitações intelectuais ou físicas, são salvos por Cristo através do Espírito. Esta doutrina destaca o papel do Espírito Santo, que atua de acordo com sua vontade, garantindo salvação independente da compreensão intelectual (DIXHOORN 2017, p.p 171-174).

Inserindo a doutrina da aliança, compreende-se a salvação dentro do contexto das promessas divinas estabelecidas nas alianças bíblicas. Gênesis 17:7, por exemplo, fala da aliança eterna entre Deus e a descendência de Abraão, implicando inclusão não só pela linhagem física, mas pela fé. Jeremias 31:33-34 prenuncia a nova aliança, caracterizada pela lei interna e o conhecimento direto de Deus, acessível a todos, independentemente das limitações humanas.

Os textos adicionais, como Atos 2:38-39, enfatizam a promessa do Espírito Santo para todos que Deus chamar, incluindo os filhos dos crentes, sendo assim, a ênfase está na eficácia do chamado de Deus e não na idade ou habilidade do povo de Deus. Atos 4:12 sublinha a exclusividade da salvação em Cristo, que é central nas alianças bíblicas. Efésios 1:10-11 e 2:1-5 iluminam a predestinação e a graça como mecanismos divinos de cumprimento da aliança, destacando a transformação de pecadores em herdeiros da promessa por meio de Cristo.

Chad Van Dixhoorn amplia essa compreensão, destacando a soberania e a graça de Deus, fundamentais na doutrina da aliança, como as verdadeiras bases da salvação. A ênfase recai sobre o poder divino da convocação, transcendendo a capacidade humana de resposta. Este comentário sublinha que, mesmo para indivíduos com severas limitações intelectuais, como no autismo de alto suporte, a salvação é acessível pela graça divina, que supera todas as limitações (DIXHOORN 2017, p.p.172-174).

Assim, integrando as doutrinas bíblicas da aliança, e da vocação eficaz, a Confissão de Fé de Westminster proporciona não apenas um consolo teológico às famílias de pessoas com autismo, mas também uma compreensão robusta da salvação como parte de um plano divino abrangente, ancorado nas promessas de Deus. Isso assegura que a salvação transcende as capacidades humanas, oferecendo esperança e suporte a famílias enfrentando os desafios associados ao autismo dentro de uma moldura teológica que celebra a graça divina e a soberania na consumação de suas promessas.

#### **4.3. Abordagem social:**

Neste sentido, a igreja pode ser tornar um local acolhedor e seguro para que as pessoas possam compartilhar suas vidas, anseios e dificuldades. Para que isso aconteça, a igreja local precisa estar bem ambientada com a realidade do autismo e conhecer, ainda que superficialmente, o que é este transtorno e suas implicações. Palestras realizadas por pessoas capacitadas podem auxiliar a entender melhor essa realidade.

A igreja também pode utilizar seu espaço físico como instrumento de aproximação. Seja cedendo um local para realização de reuniões de grupos de apoio a estas famílias, ou mesmo fazendo adaptações necessárias em suas dependências, deixando uma vaga destinada a autistas em seu estacionamento ou mesmo fixando avisos de que podem ter crianças portadoras de TEA no recinto que podem vir a fazer barulho durante os cultos.

O artigo "Igrejas, comunidades terapêuticas" de Uriel Heckert para a revista *Ultimato*, aborda a relevância do papel das igrejas na sociedade como comunidades de apoio e cuidado. Ele destaca como as pessoas, inspiradas por princípios bíblicos, se envolvem ativamente em ajudar os outros de maneira desinteressada, seguindo o exemplo do bom samaritano e das exortações de Jesus sobre servir aos mais necessitados como se estivesse servindo ao próprio Cristo (HECKERT 2013, p.28).

Heckert ressalta a presença das igrejas em diferentes contextos, desde comunidades simples em periferias até igrejas mais estruturadas em ambientes urbanos, todas comprometidas em superar o individualismo e formar grupos solidários. Essas ações, segundo o autor, são expressões do amor divino e refletem a mensagem do cristianismo de servir e amar ao próximo (HECKERT 2013, p. 29).

Por fim, o artigo enfatiza que as situações adversas enfrentadas pelos indivíduos devem ser vistas como oportunidades para a manifestação da graça de Deus, com as comunidades cristãs desempenhando um papel crucial nesse processo de intervenção e misericórdia divina (HECKERT 2013, p. 30).

#### **4.4.Abordagem técnica:**

Caso a igreja tenha em sua membresia pessoas aptas para falar sobre o assunto (profissionais da saúde, educação ou mesmo famílias ligadas ao assunto), a promoção de eventos informativos

abertos à toda comunidade pode ser uma excelente forma de servir a comunidade como um todo e também buscar aproximação com o público aqui estudado.

Orientações embasadas em evidências científicas também evitam uma série de credices quanto à origem da doença e oferecem informação de qualidade. Bem informadas, as famílias podem obter o diagnóstico mais precocemente e também iniciar as terapias mais cedo, oferecendo oportunidade de melhoras significativas no desenvolvimento da criança.

#### **4.5. Abordagem pastoral:**

Um ministério infantil que ofereça ambiente para que a criança com TEA seja acolhida pelas outras crianças, com professores bem orientados, em que ela possa se desenvolver e ter um bom convívio social torna-se uma excelente ferramenta de aproximação com essas famílias.

O apoio aos pais e mães, através de grupos de convivência pode oferecer um ambiente de acolhimento e socialização destes que, muitas vezes, não convivem com outros grupos sociais por causa das demandas do filho. Grupos voltados especificamente para casais também podem oferecer um ambiente em que o casamento seja preservado, atuando como fator de proteção à família.

Por último, mas não menos importante, a equipe pastoral precisa estar bem orientada sobre o assunto, tanto teologicamente quanto social e tecnicamente, para poder liderar esse acolhimento

das famílias, para tentar responder aos questionamentos a respeito de Deus que irão surgir dentro deste público, e para apresentar de forma compreensível, tanto em palavras quanto em ações, as boas novas do evangelho de Cristo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Adriana Furer. **Indicadores de risco e proteção para saúde mental de mães de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em situação de vulnerabilidade social.** Dissertação de mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Transtorno do Espectro Autista.** Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/features/autism-among-4-year-old-8-year-old-children-an-easy-read-summary.html> . Acesso em 08 de junho de 2023.

DIXHOORN, Chad Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster.** São Paulo: Cultura Cristã. 2017

G1. **Religião dos brasileiros.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> . Acesso em 08 de junho de 2023.

G1. **1 a cada 36 crianças tem autismo, diz CDC;** entenda por que número de casos aumentou tanto nas últimas décadas. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/02/1-a-cada-36-criancas-tem-autismo-diz-cdc-entenda-por-que-numero-de->

[casos-aumentou-tanto-nas-ultimas-decadas.ghtml](#) . Acesso em 08 de junho de 2023.

HECKERT, Uriel. **Igrejas, Comunidades Terapêuticas**. Revista Ultimato, ano XLVI, N° 341, março-abril de 2013.

HOFZMANN. Rafaela da Rosa. **Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Revista Enferm. Foco 2019, 10; p.p 64-69. 2019.

MACHADO, Natália Marques. **Estresse parental e Relacionamento Conjugal em Pais de Criança com Transtorno do Espectro Autista: uma visão integrativa da literatura**. Revista Contextos Clínicos, v.15 n.1, jan/abr 2022. Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2022.

ROCHA. Marina Monzani. **Transtorno do espectro do autismo e inclusão no mercado de trabalho**. Revista distúrbios do desenvolvimento 2018; Cap 18 p. 233. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018

## **ABSTRACT**

This article delves into the family and social implications of Autism Spectrum Disorder (ASD) and suggests an integrated approach by the church to welcome and evangelize families affected by ASD. The increasing prevalence of ASD, with estimates indicating around 6 million Brazilians affected, calls for special attention from both society and religious communities. The diagnosis of ASD presents a range of challenges for families, including issues of adaptation, communication, socialization, and family stability, significantly impacting family dynamics and the emotional well-being of its members. Against this backdrop, the article underscores the

importance of an anthropological perspective to understand the situations experienced by these families, highlighting the challenges and difficulties faced. Furthermore, it discusses the church's role in providing support, acceptance, and evangelization to this often-marginalized group, proposing a model of biblical-theological, social, technical, and pastoral approach. The biblical-theological approach emphasizes the view that every human being is created in the image and likeness of God, deserving of dignity and respect. The social perspective suggests the church as a welcoming and inclusive space, while the technical approach recommends the promotion of informative events to educate the community about ASD. Finally, the pastoral approach focuses on direct support to families and the inclusion of children with ASD in ecclesiastical activities, strengthening the sense of community and belonging.

**KEYWORDS:**

Autism in the Church; Church and ASD; ASD Families



# NOTÍCIAS INTERNAS



Seminário Presbiteriano do Sul



## Formandos 2023

---

Em 2 de dezembro de 2023, a turma Profa. Me. Sylvia Helena Heinrich concluiu o curso livre de Bacharel em Teologia no SPS. Esses são os formandos e seus Presbitérios:

**Claudio Franco Bueno Junior**  
**Cristiano William Campos**  
**Daniel Adão de Souza**  
**Davi Fillipe Simoes de Carvalho**  
**Enéias Daniel Félix**  
**Eneias Mendes de Souza**  
**Ernesto Moraes Castro**  
**Guilherme Teixeira Calado**  
**Henrique Kojin Peres**  
**Israel Magella Fonseca**  
**Jefferson Esteves R. de Souza**  
**Jonatas Ribas de Oliveira**  
**Júlio Cezar Resende da Costa**  
**Kaleb de Castro Galdino**  
**Klenio Marcos de Sousa**  
**Lucas Cardozo da Silva Gonçalves**  
**Lucas Pereira Ferreira**  
**Lucas Vinicius Melo Felix**  
**Luiz Fernando Massunaga**  
**Marco Aurélio Martinsohn**  
**Matheus Piva Ribeiro**  
**Matheus Silva Araujo**  
**Mileno Mendes Gusmão**  
**Miria Cristina Rase Miota**  
**Pedro Rueda Souza Sborowski**  
**Plínio Ferreira Caires**  
**Rafael Dantas Pasquantonio**  
**Robson Diaz Baptista**  
**Rodolfo Henrique Eloy Silva**  
**Thiago Bueno de Souza**  
**Vinicius Alves Moreira**  
**Weber Sérgio Eller Silva**

*Presbitério de Santa Bárbara D'Oeste*  
*Presbitério de São José do Rio Preto*  
*Presbitério Região dos Lagos e Alfenas*  
*Presbitério Metropolitano de São Paulo*  
*Presbitério Baixa Mogiana*  
*Presbitério Metropolitano de Campinas*  
*Presbitério do Pantanal*  
*Presbitério Metropolitano de Sorocaba*  
*Presbitério Metropolitano de Campinas*  
*Presbitério de Americana*  
*Presbitério de Rio Claro*  
*Presbitério Vale do Ivaí*  
*Presbitério Pontal Triângulo Mineiro*  
*Presbitério Vale do Rio Grande*  
*Presbitério de Indaiatuba*  
*Presbitério Metropolitano de Campinas*  
*Presbitério Vale do Rio Pardo*  
*Presbitério de Santos*  
*Presbitério de São José do Rio Preto*  
*Assembleia de Deus de Madureira*  
*Presbitério de Campinas*  
*Presbitério Metropolitano de Sorocaba*  
*Presbitério Vale Jequitinhonha*  
*Assembleia de Deus Belém Itupeva*  
*Presbitério de Ribeirão Preto*  
*Presbitério de Bauru*  
*Presbitério de São Carlos*  
*Presbitério de Botucatu*  
*Presbitério Vale do Rio Grande*  
*Presbitério de Sorocaba*  
*Presbitério de Maringá*  
*Presbitério Brasília Sul*

## Formandos 2023 – SPS Extensão Curitiba

---

Em 9 de dezembro de 2023, a primeira turma do SPS Extensão Curitiba, turma Rev. Me. Miguel Munhós Filho, concluiu o curso livre de Bacharel em Teologia no SPS Extensão Curitiba. Esses são os formandos e seus Presbitérios:

**Lincoln Henrique O. da Silva**

*Presbitério Metropolitano de Curitiba*

**Marcos Ferreira da Costa Júnior**

*Presbitério de Curitiba*

## Novas Turmas

---

Em 15 e 16 de fevereiro recebemos os 25 novos alunos. Mais uma vez, a IP Shalom, do Presbitério de Campinas, ofereceu um lanche. Nas semanas seguintes, o Ministério de Apoio às Esposas dos Seminaristas (MAES), a SAF da IP do Jardim Guanabara e a Capelania do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em Campinas, também promoveram momentos de recepção para os novos alunos.

Em 20 de fevereiro tivemos o culto de abertura do ano letivo, tendo como pregador o Rev. Rosther Guimarães Lopes, Presidente da Agência Presbiteriana de Comunicação.

A nossa Extensão em Curitiba iniciou o ano letivo mais cedo, pois teve matérias oferecidas em módulos no mês de fevereiro. Assim, o culto de abertura do ano letivo foi em 5 de fevereiro, tendo como pregador o Rev. Eberson Gracino, Presidente da JURTE-Sul e Pastor da IP do Jardim Carvalho, em Ponta Grossa, PR.

Tendo à sua frente o Rev. Miguel Munhós Filho, como, Coordenador, conta com 20 membros no corpo docente e iniciou o ano com 23 alunos regulares e 13 ouvintes. Ela funciona nas dependências da Igreja Presbiteriana do Tarumã, que tem cedido um sobrado para a hospedagem de 8 alunos.

## Corpo Docente

---

Após o último número da Revista Teológica, recebemos novos membros no corpo docente: Rev. Me. Agnaldo dos Santos Mota, Rev. Esp. Erasmo José Babboni Silvério, Rev. Me. Jeferson Luz Bona, Rev. Me. Lucas Viana de Oliveira Júnior, Rev. Me. Marcos Patrick Favero de Souza e Rev. Me. Paulo Sung Ho Won.

Registramos a gratidão pelos serviços prestados pelo Rev. Geziel Antônio dos Santos que, após mais de vinte anos como membro do corpo docente, precisou deixar de lecionar no segundo semestre de 2023.

Destacamos dois livros que foram lançados nos últimos meses: Toda a Escritura: estudos bíblicos, organizado pelo nosso Coordenador do Departamento de Teologia Exegética, Rev. Dr. João Cesário Leonel Ferreira, e O culto reformado, escrito pelo nosso Coordenador do Departamento de Teologia Sistemática, Rev. Me. Donald Bueno Monteiro.

## Alumni SPS

---

Lembramos que o SPS está aberto para acolher encontros de suas turmas (5 anos, 10 anos, ..., 50 anos). Para 2024, três turmas estão agendando os seus encontros: a turma de 1984 (em 14/11), de 1999 (em 28/08) e de 2009 (em 26/10).

Entre os alumni, destacamos o nosso Professor Emérito, Rev. Me. Oadi Salum, que completará neste ano 65 anos de formatura, e os Revs. Acir Rickli, Carlos Aranha Neto, Osvaldo Henrique Hack, completarão 60 anos de formatura.

## **Visão**

---

Nossa casa promove uma educação de qualidade, com professores de excelência, formando líderes com coração pastoral e servindo as igrejas locais.

## **Missão**

---

A missão do SPS é colaborar na preparação de pastores e líderes, homens e mulheres, capacitando-os acadêmica, ética e espiritualmente para o desempenho da vocação dos diversos ministérios, visando a promoção do reino de Deus e o cumprimento da missão da Igreja.

## **JET (Junta de Educação Teológica)**

---

Presidente: Rev. Leonardo Sahium  
Vice-Presidente: Rev. Alfredo Ferreira de Souza  
Secretário: Presb. Flávio Heringer  
Tesoureiro: Rev. Alexandre Lessa

## **JURET (Junta Regional de Educação Teológica)**

---

Presidente: Rev. Ebersson Gracino  
Vice-Presidente: Presb. Uziel Firmino de Assis Júnior  
Secretário: Rev. Thiago Teixeira de Moraes Camponês  
Rev. Carlos Eduardo Borges  
Presb. Edgard Edmilson Pereira





# REVISTA TEOLÓGICA

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO SUL

Av. Brasil, 1200, Jardim Brasil

Campinas - SP - 13073-148

(19) 3241-9399

[www.sps.br](http://www.sps.br)

REVISTA



Seminário Presbiteriano do Sul